

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL**

**ILANA DE FARIAS NASCIMENTO MELLO**

**MEMÓRIAS EM LAMPEJOS  
Construindo Cuidado com as Noites do Presente**

**Niterói-RJ  
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL**

**ILANA DE FARIAS NASCIMENTO MELLO**

**MEMÓRIAS EM LAMPEJOS**

**Construindo Cuidado com as Noites do Presente**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra

Coorientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

**Niterói-RJ  
2018**

**ILANA DE FARIAS NASCIMENTO MELLO**

**MEMÓRIAS EM LAMPEJOS**

**Construindo Cuidado com as Noites do Presente**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra

Coorientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói, 29 de agosto de 2018

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra - Orientadora  
Universidade Federal Fluminense/Psicologia

---

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi - Coorientador  
Universidade Federal Fluminense/Psicologia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Ribeiro Nascimento  
UNIRIO/Memória Social

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Mendes Lima  
Universidade Federal Fluminense/Psicologia

---

Prof. Dr. Marcelo Santana Ferreira  
Universidade Federal Fluminense/Psicologia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Arenas Mora  
Universidade Federal Fluminense/Educação

## Agradecimentos

Não há como pensar uma escrita apartada de suas condições de possibilidades materiais, espirituais, de saúde, dos encontros e tantas outras. Se essa dissertação foi possível, ela certamente se deve a muitos atores presentes em minha vida não só nestes dois anos, mas na construção desta vida desde seu início até o presente momento. Agradeço então:

À CAPES por financiar essa pesquisa.

À orientadora Cecília Coimbra, pela incansável insistência de buscar em seus orientandos as forças mais alegres, sem perder a sensibilidade ao que se coloca como limitação. Pela inspiração de uma vida alegre em ato, como combate aos afetos tristes que nos rodeiam e paralisam. Ao coorientador Danichi Mizoguchi, pelo acolhimento e parceria imensuráveis. Pela sensibilidade aos afetos presentes desde o início, quando ainda tratava-se de incipientes linhas ensaiadas. Pela função de coorientador, exercida de forma tão amorosa, que se excedeu ao amigo. À função da orientação partilhada por Cecília e Danichi, que afirmaram comigo um trajeto singular de pesquisa, aonde prima-se pelo processo de um caminhar, e o “aonde se vai chegar” é só um efeito.

À banca, composta por Eliane, Marcelo, Silvana e Aline. Pessoas tão queridas que maneiras diferentes estiveram presentes, compondo este trajeto.

À turma de mestrado de 2016, por não configurar um mero conjunto de pessoas reunidas, e sim, um grupo constituído no apoio e afirmação de nossos trabalhos. Ao grupo de supervisão clínico-institucional, hoje constituído por Michele, André, Manuela e Telma: pela construção de um cuidado através de uma aposta coletiva; pelo imensurável apoio que excede os muros da clínica: vocês estão presentes nesse texto de tantas formas que eu não poderia dizer, e certamente foram a mais bonita experiência de cuidado de si por mim já experimentada. Ao grupo de estudos do *Anti-Édipo*: quer aposta política maior do que um livro que exige a força de uma coletividade para a melhor apreciação de sua leitura? Ao grupo de estudos da *Coragem da Verdade*, onde através da leitura era possível dar passagem e significar os acontecimentos presentes e atuais. Ao grupo da Cecilândia, pela incessante produção de questões, fossem tempos de tempestades ou de ventos mais brandos.

À Iuri, pela amizade que já extrapola a universidade; por nossos movimentos similares, e ao mesmo tempo pela alteridade que ajudava a por os pés no chão, e na presença um do outro percebermos que não enlouquecíamos sozinhos. À Tátia, pelas parcerias nas trocas de textos, e em tantos acolhimentos. À André, pelas nossas trocas nos estudos, pela gentileza, delicadeza, e disponibilidade ao se aproximar do texto de alguém. À Aurea, pela partilha entre aulas na UFF e orientações, e pela doçura. À Thiago Pedro, pelas

travessias da ponte Rio-Niterói, onde a leveza de sua companhia era um respiro. À Tainá, pela habilidade com palavras que apontaram para um título de trabalho. Às minhas fiéis escudeiras Dani, Guid e Paula, que comigo partilharam a faculdade de psicologia, a França, e tantas outras histórias que seguem vivas independente dos diferentes caminhos que cada uma de nós segue. À Tarso, inicialmente professor e hoje amigo, por se construir como professor nos convidando a nos reinventarmos como alunos. E às tantas amizades cultivadas ao longo da vida que foram dando mais graça a esta aventura, nem sempre simples, que é viver.

Aos psicólogos e agregados com quem convivi na infância: Tia Wecy, André, Marcelo, Hermes, Waldir, Cláudia, Deni, Edson, Paulinho (espero não ter esquecido nenhum). A alegria e leveza dessas parcerias, cheias de viagens, festas, muitas gargalhadas e humor, de alguma forma me fez querer me aventurar pelo curso de Psicologia da UFF.

Ao meu pai Guto, pela oferta de casa, comida e roupa lavada, mas principalmente, de um pouso tranquilo. Pela disponibilidade silenciosa e presente que serviu como um alento, num momento em que, mais do que nunca, o silêncio se faz urgência e exige cultivo. À minha mãe Themis, pelo jeito pouco convencional de habitar esse mundo; por me fazer crescer numa casa sempre povoada de pessoas, amigos, alunos, agregados de todos os tipos, e conseqüentemente, adorar estar no meio de pessoas. E aos meus pais em conjunto, por terem jeitos tão opostamente complementares no exercício dessas funções nada prontas; pelas formas tão distintas de ofertar amor, carinho e apoio. A Waldyr, por, sabendo ou não, já vir me mostrando há tempos que algumas nomenclaturas não comportam a complexidade do que delas podemos criar: a palavra *padrasto* está longe de expressar a parceria e a cumplicidade a que você se dispõe, desde que entrou em nossas vidas. À minha avó Marize: pelos olhos brilhantes e atentos, que sempre apoiam minhas movimentações, mesmo as que a apavoram. Às minhas tias Wecy, Zerva e Kátia, por serem mulheres tão diferentes, presentes e importantes na minha formação, cada uma à sua maneira. Aos meus irmãos Bernardo e Paola, pelo exercício interminável de aprender a coabitar, ao invés de se sobrepor - por mais que muitas vezes o reflexo tenha sido este.

À Jonas, pelo ímpeto de querer resolver todos os meus problemas e impedir meus sofrimentos. Mas principalmente, pela paciência arduamente cultivada, de neles, comigo poder durar, numa incansável oferta de amor, apoio, e aconchego no melhor abraço do mundo. Pelo plano comum jamais acabado, traçado dia após dia e me impelindo a sair do óbvio, a descansar o olhar vigilante e tatear outras possibilidades.

À George Luis, um irmão que a vida me deu, e que nos deixou tão precocemente neste fim de 2018. Essa irmandade não-sanguínea que juntos aprendemos, o humor sagaz e inteligente que tanto já me fez gargalhar de doer a barriga, os tantos filmes e tantas trocas em noites viradas, serão sempre uma parte de mim que quero levar adiante para enriquecer outras futuras irmandades, futuras relações a serem inventadas.

**Resumo:**

O cenário político que veio se montando entre os anos de 2016 e 2018 ilustram a ascensão de um fascismo em escala mundial e, é claro, no Brasil. Como, então, estabelecer relações de cuidado num momento em que um certo mundo se desfaz, em que os espaços públicos se desmontam e se esvaziam, e os encontros vão se tornando cada vez menos desejáveis? A pesquisa, então, se constrói em narrativas baseadas em memórias de experiências da pesquisadora, que têm por intuito afirmar um caráter impessoal e inacabado de um si que constantemente se desmonta e se constrói ao longo do trajeto ao experimentar no corpo as forças e afetos característicos deste presente. Questões que são disparadas pelo próprio ato de pesquisar, se desdobram no *cuidado de si*, proposto por Michel Foucault, como uma linha transversal no texto. As ocupações feitas pelos estudantes no ano de 2016 na Universidade Federal Fluminense surgem como um acontecimento analisador do que se produziu como texto desde então e, por fim, uma experiência de estágio na Clínica de La Borde, situada num pequeno vilarejo francês, surge como a produção de algumas pistas e ferramentas para resistir aos jogos de luzes do presente, onde estas se tornam cada vez mais ameaçadoras às existências desviantes da norma totalizante. A produção, então, de narrativas memorialísticas tem como proposta uma afirmação de outras luminosidades às histórias já conhecidas.

**Palavras-chave:** cuidado de si, experiência, narrativas, La Borde, Ocupações.

**Resume:**

Le contexte politique que s'installe entre les années 2016 et 2018 nous présente la montée d'un fascisme dans un niveau mondial et, bien sûr, au Brésil. Comment pouvons-nous établir alors des relations de soin dans un moment dont un certain monde se démantèle, les espaces publics de plus en plus se vident, les rencontres deviennent à chaque fois moins désirable? La recherche, donc, s'est construite en narratives créées à partir de mémoires d'expériences de la chercheuse. L'intention c'est l'affirmation d'un caractère impersonnel et inachevé d'un soi que constamment se démonte et remonte pendant le trajet où les forces et affectations typiques de ce présent sont expérimentées dans le corps. À partir des questions que partent de l'acte-même de rechercher, le *souci de soi*, proposé par Michel Foucault, émerge comme une ligne transversale dans le texte. Les squats faits pour les étudiants à l'Université Federal Fluminense en 2016 émergent comme un événement analyseur de ce que s'est produit après dans le texte et, finalement une expérience de stage à La Clinique de La Borde située dans un petit village français, apparait à la production de quelques pistes et outils pour la résistance aux jeux des lumières du présent, où celles-ci deviennent à chaque fois plus menaçants aux existences déviants de la norme totalisant. La production de narratives mémoriaux a comme proposition l'affirmation des autres luminosités à ces histoires déjà connues.

**Mots-clés:** souci de soi, expérience, narratives, La Borde, Squat.

## Sumário:

<b>Capítulo 1: Um percurso, forjando um método e um corpo pesquisador</b> .....	<b>4</b>
Narrativas introdutórias: a montagem de um fim de mundo.....	4
Informações aos navegantes.....	16
Colapso: experiências se produzindo.....	22
Uma escrita memorialística: o que fala em nós?.....	26
O que resta como pesquisa? Saberes localizados: narrativas de si.....	30
Os perigos de uma história única: Porque contar outras histórias?.....	37
<b>Capítulo 2: Invasões bárbaras</b> .....	<b>41</b>
Um engasgo: uma pedra na máquina que não para de correr.....	42
Do corpo utópico ao cuidado de si.....	49
<b>Capítulo 3: As mínimas coisas</b> .....	<b>61</b>
Dia 15 de março de 2018.....	72
Um portal para um mundo outro: A <i>Chauffe</i> .....	82
Cotidiano diurno de La Borde: para onde foi Guattari?.....	91
Cartas entre Deleuze e Guattari: o cuidado da escrita.....	102
O cuidado do silêncio: efeitos presentes de uma experiência.....	104
Morre uma Psicoterapia Institucional: O que vive?.....	113
O que fazer de Édipo?.....	119
O cuidado da Noite.....	126
<b>Hoje</b> .....	<b>145</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>153</b>



## **Capítulo 1: Um percurso, forjando um método e um corpo pesquisador.**

### **Narrativas introdutórias: a montagem de um fim de mundo.**

Sonho: 06/07/2017

Estávamos eu, minha tia e minha mãe em casa, no apartamento para o qual tínhamos nos mudado há quase um ano. A conversa à princípio descontraída, se contrai. Inicialmente falávamos sobre o sapato bonito que minha tia usava: era de salto amadeirado, com tiras laranjas e algumas fivelas. Logo remetemos ao tempo que minha tia ali morava, e aparentemente não foi uma boa ideia. Seguimos falando de outras coisas, e o clima volta a se descontraír.

Um tio vem nos buscar. Entramos no carro eu, minha mãe e minha tia, e nele já se encontravam outras pessoas as quais não conhecia. Em algum momento surge o meu irmão. Passamos em frente a uma academia, a qual desperta meu tio a fazer alguns comentários e logo entramos na Estrada da Cachoeira, em Niterói - caminho bastante familiar e costumeiro que seguia para a casa em que morava anteriormente.

De repente vejo um container de caminhão gigante. Realmente gigante, prata e brilhante, quicando e atingindo alturas estratosféricas, e se dirigindo ao carro em que estávamos em sua queda. Aparentemente tinha descolado de um caminhão, e se aproximava. Percebo a tragédia, começo a gritar. Meu tio não reage, não sei se percebe o que está prestes a acontecer. Logo o container nos atinge e tudo se apaga.

Não há dor, apenas um breu calmo, silencioso. Não tenho certeza se estou viva, não sei quem está vivo. Ouço uma notícia de rádio que fala sobre o acidente, e anuncia a morte das pessoas desconhecidas que estavam no carro. Temo por meus familiares e, em seguida, a notícia anuncia que não estão mortos, mas não se sabe se sobreviverão. Como será que estão? Será que foram estilhaçados pelo container? O que terá restado deles? Temo por eles e por meu corpo. E penso: talvez eu não queira sobreviver a isso.

\*\*\*

Era dia 17 de abril de 2016. Um domingo, um aniversário de uma amiga querida, mas, na conjuntura de então, era apenas mais um dia de estudo para a seleção do mestrado. Não um dia qualquer. Naquele 17 de abril, votava-se o impeachment de uma presidenta. Um evento que seria televisionado. Já havia optado por não assisti-lo, eram muitos textos ainda para ler, e mesmo que não fossem...

Inocência a minha pensar que ficaria na paz de meus textos. A TV em minha casa não foi ligada em nenhum momento, nem por mim, nem por meus familiares. Mas as redes sociais cumpriram seu papel de tal forma que manter-me alheia a tais acontecimentos já não era mais possível, nem por uma tarde. Tentava me concentrar em meus textos enquanto o celular bombardeava apitos e, por vezes, parava para ver do que se tratava. Um escândalo atrás de outro. Rapidamente me desligava dos textos. Das notícias do whatsapp já seguia para o facebook, onde me deparava com todos os tipos de postagens, nas quais pessoas se dividiam entre uma euforia catártica dos que ansiavam por assistir uma bruxa queimando na fogueira e o desespero dos que proclamavam que um golpe de Estado estava acontecendo.

Nesta votação que mais se assemelhava a uma partida de futebol, a princípio não era tão difícil me posicionar ao lado dos que acreditavam que um golpe de Estado se materializava. No entanto, isso era imediatamente interpretado como estar a favor e apoiando o atual governo naquele momento. O que me causava enorme indignação! Será que não é possível não apoiar esse impeachment sem apoiar o governo do PT? Na atual conjuntura, será necessário manifestar apoio ao PT? Esse partido que se promoveu como de esquerda fazendo todas as concessões aos interesses do capital, fagocitou diversos movimentos sociais, reprimiu duramente greves... Tal ideia também não me apaziguava os ânimos.

O prenúncio de tempos um tanto assustadores já vinha se manifestando. Fazia pouco tempo que uma colega de um familiar havia sido verbalmente agredida por estar na rua vestindo vermelho. Piranha, vagabunda e *petista* - sim, petista virou xingamento e, possivelmente, considerado o mais grave por quem o proferiu. Voltar para os meus textos era o melhor que eu poderia fazer por hora. Releitura do primeiro, segundo, terceiro parágrafo... onde mesmo eu tinha parado? Acabara de ir para tão longe dali que já não me recordava mais o que havia lido. Enquanto isso, os votos na Câmara aconteciam, o circo já

estava armado e a plateia prontamente cumprindo o seu papel, ávida pelo já esperado resultado. Ao meu redor, vizinhos promoviam churrascos para assistir o grande acontecimento do ano. Às vezes me perguntava o que tanto comemoravam. A promessa de um Brasil limpo, livre da corrupção petista, talvez.

"O discurso contra a corrupção foi repetido quase como mantra pelos que defendem o fim do Governo Dilma. Frases como "fora roubalheira" foram gritadas no plenário, o que não deixa de soar um pouco irônico, já que sobre as costas de boa parte dos parlamentares recaem acusações de, justamente, delitos de corrupção." [El País, 2016]<sup>1</sup>.

Lá estava eu, de novo, mergulhada no facebook, nas notícias e comentários do grande evento. Mergulhada também numa raiva que já não cabia em mim e uma grande revolta com todo aquele cenário, e sem ter muito o que fazer com isso naquele momento. Cedi às tentações das postagens catárticas do facebook, compartilhando informações que me pareciam mais razoáveis naquele momento. Como se fosse uma questão de razão. Como se alguma postagem de alguém fosse mudar a opinião de quem estava do "lado oposto" no momento em que as trincheiras já estavam montadas. Eu mesma não estava nada disposta a mudar, ou sequer flexibilizar minha opinião de que um golpe estava em marcha no Brasil.

Seguiam-se votos, e o circo ia ganhando um tom de show da Xuxa - o que seria uma votação de um destino de um país se assemelhava a uma grande piada. Mas não era!

Grande parte dos 513 deputados que hoje votaram pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff pareceram esquecer os reais motivos que estavam em discussão. Deputados defenderam a destituição de Rousseff pelas razões mais diversas: 'pela esposa Paula', 'pela filha que vai nascer e a sobrinha Helena', 'pelo neto Gabriel', 'pela tia que me cuidou quando era criança', 'pela minha família e meu Estado', 'por Deus', 'pelos militares de 64', 'pelos evangélicos', 'pelo aniversário da minha cidade', 'pela defesa do petróleo', 'pelos agricultores' e até 'pelos corretores de seguros do Brasil'. [El País, 2016]<sup>2</sup>

E sendo aplaudidos e ovacionados por isso. Os churrascos da vizinhança prosseguiram, gritos, risadas, a alegria e o bom humor se faziam presentes nas casas de meus vizinhos. Estariam eles assistindo um programa de humor? O que havia de tão engraçado ali? Aparentemente o time deles estava a vencer e isso os deixava felizes. Os votos seguiam e muitos dos que

---

<sup>1</sup> El País, Circo e Constrangimento na Câmara dos Deputados. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/internacional/1460921625\\_869124.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/internacional/1460921625_869124.html) Acessado dia 08/11/2017

<sup>2</sup> El País, Deus Derruba a Presidenta do Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/18/politica/1460935957\\_433496.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/18/politica/1460935957_433496.html) Acessado em: 08/11/2017

supostamente entendíamos como representantes da população brasileira aproveitavam ali seus 15 minutos de fama, proclamando discursos a despeito de qualquer embasamento jurídico, sem o esboço de qualquer constrangimento diante de suas justificativas calcadas em motivações meramente privadas e individuais - estendidas, quando muito, às próprias famílias e seus grupelhos. Representantes da população brasileira. O que se propunha a um julgamento de um crime de responsabilidade rapidamente vai se perdendo, e ganhando outras motivações e justificativas sem causar estranhamento algum. Pelo contrário, dizia-se que

" também tiveram a intenção de impedir causas maiores. Deputados manifestaram sua defesa do impeachment para evitar que 'as crianças aprendam sexo nas escolas', para 'acabar com a Central Única dos Trabalhadores e seus marginais', 'pelo fim da vagabundização remunerada' e, sobre tudo, pelo fim da roubalheira e a corrupção, esquecendo que cerca de 60% dos presentes no plenário, inclusive seu presidente Eduardo Cunha, têm causas pendentes na Justiça." [El País, 2016]

Difícil manter qualquer concentração. A prova do mestrado se aproximava, não podia me deixar abalar dessa forma e perder um domingo de estudos. Não para continuar ouvindo tantas atrocidades. Não valia a pena. Talvez fosse melhor mudar de texto e ver se algum outro me prendia por mais tempo. "Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psis no Brasil do milagre". Por sinal, texto da orientadora que havia escolhido para direcionar o meu projeto, e não por coincidência alguém que lutara contra as arbitrariedades de governos de outrora e ainda da atualidade. Não a conhecia, nunca a tinha visto apesar de muito ter ouvido falar. A verdade é que sua trajetória de luta muito me atraía. Passar na seleção de mestrado cada vez se tornava mais urgente. Muito mais pela possibilidade de um respiro do que pelo emprego recém abandonado e o imperativo de um novo ofício por hora. Além do mais, a UFF remetia a um ambiente acolhedor experimentado na graduação de psicologia. Professores queridos, colegas com quem se passava dias inteiros transformando uma carga horária pesada em momentos prazerosos, e a praça que sempre estava logo ali para nos receber. A vida ficava cada vez mais sufocante desde a formatura, as possibilidades cada vez mais restritas, e o cenário que se desenhava naquele momento não prometia grandes melhoras para aqueles que não vestiam verde e amarelo. Talvez a boa e velha UFF pudesse me acolher numa nova aventura. A ideia de voltar para a universidade que por cinco anos havia sido um pouco como casa trazia alguma paz. Poder

reencontrar com autores que deixaram suas marcas, mas cada vez mais se distanciavam e se esvaíam do meu vislumbre. Rever rostos conhecidos era parte da motivação, mas conhecer novos rostos também; a possível orientadora seria um deles. Fiz bem em trocar de texto naquele momento, conexões a todo momento com o que se passava no Brasil de agora, e inclusive naquele exato dia. A bibliografia da prova era um oxigênio, e me levava a crer que esse era mesmo o caminho, era isso o que eu queria para os próximos dois anos. Mas, por melhor que fosse a bibliografia e os conteúdos nos quais mergulhava, os acontecimentos de fora não se deixavam passar despercebidos por muito tempo. Invadiam minha casa, meus familiares, meus estudos, meus pensamentos e preocupações. Seguiam-se as interrupções, mais ou menos frequentes dependendo do que eu lia, mas sempre ali.

Ao ser interrompida - agora pela última vez naquele dia - pelo voto de um deputado a favor do impeachment que presta homenagem a um torturador que supostamente torturou a até então presidenta, insistir em leituras deixavam de ser uma possibilidade para o que ainda restava daquele dia<sup>3</sup>. Ao me deparar com reações moralistas indignadas pedindo a cassação de um deputado que reage com um cuspe a xingamentos homofóbicos descarados - talvez não descarados o bastante para gerar a mesma indignação -, não havia mais como ler, a urgência da prova ganha opacidade. *O container era maior do que o esperado. O que mais poderia ele estilhaçar?* Não havia mais como felicitar uma amiga aniversariante por um dia como aquele. Algo muito grave que antes se anunciava naquele momento, de repente se escancarava. Naquele momento percebo o início - talvez já muito antes iniciado - de um certo mundo se desfazendo. O container agora se dirigia a algo que, ainda que com muitas ressalvas, entendíamos como *democracia*. *Talvez eu não queira sobreviver a isso.*

\*\*\*

O governo, ainda enquanto interino, não hesitou em mostrar suas garras e ao que estava disposto. Foram tantas mudanças, tão repentinas, que era difícil não se sentir todo tempo golpeada. Os retrocessos já se apresentavam em matérias de revista. Sobretudo para mulheres, negros, indígenas, LGBTQIs, deficientes, e demais minorias políticas. Destaca-se a

---

<sup>3</sup> O deputado em questão, veio a se tornar presidente do Brasil nas eleições de 2018.

imagem da, até o momento, futura primeira-dama. Uma mulher que beirava os 30 anos, e dentre as tantas qualidades que a moça poderia ter, era o fato de ser "bela, recatada e do lar" que virava título de matéria de revista. Além disso, Marcela Temer era considerada pela revista "uma mulher de sorte", certamente por estar às sombras de um homem poderoso que a leva para jantares românticos em restaurantes luxuosos e à proteção de seguranças. "A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice [...] casou-se com Temer aos 20 anos, que foi seu primeiro namorado" (Veja, 2016). A reportagem da revista Veja, em momento oportuno, enaltece um modelo de mulher que mais parecia da década de 50, e subentende-se a oposição à mulher que ainda ocupava o lugar de presidência, uma mulher com um histórico de luta, fora dos padrões socialmente entendidos como de beleza, ocupando um lugar de destaque e liderança. O discurso conservador que parecia mais tímido em tempos de efervescência feminista e lutas minoritárias, ataca junto com a ascensão de Michel Temer, sugerindo padrões antigos e estereotipados, que não atrapalhem seus "homens notáveis". A ainda presidenta Dilma Rousseff - responsável pela criação de um gênero feminino para tal substantivo - já vinha sendo alvo de comentários machistas e misóginos que sugeriam sua incapacidade emocional de manter-se governando, justificando assim a sua saída. Mal havia tempo para se recuperar daquele intenso domingo de votação na Câmara. O dia seguinte já lançava uma notícia como essa. E a grande mídia formadora de opiniões espera das mulheres que comprem cada vez mais maquiagens para escamotear as marcas do golpe, sigamos sorridentes e silenciosas, de preferência com saias abaixo do joelho. *O container neste momento se direciona às mulheres que não acatam um padrão.*

Recordo-me de uma conversa de academia, já em tempos mais recentes, mais de ano depois desta matéria. Uma recepcionista se trocava no banheiro para começar a malhar antes de iniciar seu expediente. Nesse meio tempo, falava sobre uma micose de unha provocada por esmaltes. Começamos a conversar a respeito e no momento que sugiro que ela passe algum tempo sem pintar as unhas, ela fala na exigência da academia de que as unhas sempre estejam feitas. O papo deslança, e ela conta das muitas restrições que a academia vinha impondo às suas funcionárias mulheres: não podia argola grande nas orelhas, não podia piercing no rosto, não podia usar batons de cores fortes (mas jamais

prescindir da maquiagem e das unhas feitas), não podia manter cabelos soltos. Até então, nada que não se tenha ouvido falar de tantas empresas por aí, mas o fato de ser uma academia de ginástica, um ambiente mais despojado, onde as próprias clientes muitas vezes desfilam seus corpos turbinados em trajes bem à vontade, sem muitos panos a esconder qualquer coisa, me causou evidente estranhamento. Tudo isso era rapidamente justificado pela moça recepcionista que neste momento parava para malhar, e corroborado por uma outra cliente que também se encontrava no banheiro, era fisioterapeuta, e que também não podia trabalhar usando decotes: "imagina se eu tô atendendo seu marido com uma blusa decotada! tem posições que eu preciso manipular a pessoa, e que o decote pode parar na cara do paciente!", "o cabelo preso, é pra gente não ficar jogando o cabelo, sabe? Às vezes a gente faz até sem perceber, mas pode acabar chamando atenção. Isso já deu briga de casal e tudo". A moça se incomodava, mas ao mesmo tempo entendia. As justificativas talvez tenham me incomodado mais - não tanto pela obediência às normas, as quais a moça até ousava burlar uma ou outra, mas pela fácil concordância de que essas talvez fossem as medidas mais adequadas. Rapidamente tomamos para nós algo que é da conta do outro, rapidamente nos responsabilizamos por uma possível manifestação do desejo alheio, e rapidamente tomamos todas as atitudes preventivas para que isso não aconteça. Caso contrário, seremos nós, mulheres, a perder o emprego. Começo a trazer os incômodos diante das medidas adotadas pela academia e acrescento que mesmo com toda essa "proteção" aos clientes homens e seus relacionamentos não vai ser o batom claro, a argola pequena, o cabelo preso e a postura discreta das recepcionistas que vão garantir o bem-estar do local, ou evitar brigas entre casais. A moça concorda, e acrescenta: "se continuar assim não vai mais poder ter mulher bonita na recepção!". Penso desta vez em silêncio: se continuar assim em breve não poderá mais ter *mulheres* na recepção. Há quem ainda pense que o lugar delas é dentro de casa, e faz disso matéria de revista. *Talvez eu não queira sobreviver a um mundo onde mulheres precisam se esconder.*

\*\*\*

17 de outubro de 2016. Fazia tempos que não ia à uma manifestação. A deste dia era contra a PEC 241, um projeto de emenda constitucional que previa uma considerável limitação dos gastos públicos. O ataque desta vez ia diretamente no âmago de serviços

públicos, principalmente da educação e da saúde, sob o pretexto de contornar a crise econômica. Congelamento de gastos públicos por 20 anos. 20 anos! Sem poder ser alterada antes de 10 anos terem decorrido.

"O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, diz que 'não há possibilidade de prosseguir economicamente no Brasil gastando muito mais do que a sociedade pode pagar. Este não é um plano meramente fiscal.' Para a equipe econômica, mesmo sem atacar frontalmente outros problemas crônicos das contas, como a Previdência, o mecanismo vai ajudar 'a recuperar a confiança do mercado, a gerar emprego e renda' ao mesmo tempo em que conterá os gastos públicos, que estão crescendo ano a ano, sem serem acompanhados pela arrecadação de impostos." [El País, 2016]<sup>4</sup>

Não faltava gente bastante descontente com isso. Esse discurso não estava descendo assim tão fácil. Era essa a sensação. Ir a uma manifestação, por mais que sempre envolvesse algum descontentamento com algo que tentava nos ser empurrado goela abaixo, tinha qualquer coisa de alegre. A possibilidade dos encontros, encontrar pessoas esperadas ou não, as canções improvisadas dotadas de humor e criatividade. Uma multidão gritando e caminhando junta. Tinha qualquer coisa de uma força que ali se encontrava e se somava. Tinham, sim, sua beleza e sua alegria. Pelo menos em minhas lembranças. Sabia também que tinham suas violências. Desde nova sabia disso. Desde que um belo dia minha mãe voltou para casa com um braço quebrado em um ato de uma greve de professores, tendo tido a sorte de não voltar com lesões piores dos ataques da PM. Desde nova ouvia as histórias truculentas do que a PM era capaz. Desde nova também ia a uma manifestação ali e outra acolá. Algumas sem nem saber muito bem do que se tratavam, mas depois de um tempo fazendo questão de nelas estar. Apesar de saber muito bem como as manifestações populares poderiam ser dura e violentamente reprimidas, nunca havia vivido ou presenciado tal violência em nenhuma das que tinha participado, até o ano de 2013. De alguma forma era alertada pelos mais experientes e com o tempo fui passando a entender o momento de ir embora antes de me expor ao insuportável. Mesmo em 2013, vivenciava tudo com máximo de cautela que era possível, e ia embora quando via que a situação começava a se agravar. Apesar da tensão e adrenalina, da sensação de um cenário de guerra, contei com o elemento sorte nessas manifestações, e dentre as muitas violências

---

<sup>4</sup> Entenda o que é a PEC 241 (ou55) e como ela pode afetar sua vida. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574\\_221053.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html) Acessado em: 08/11/2017



possíveis, o meu corpo só experimentou o medo, o pavor, e a vontade de nunca mais voltar. Acho que a polícia alcançava seu objetivo naquele momento.

A manifestação daquele 17 de outubro, no entanto, não se parecia em nada com nenhuma das que minha lembrança alcançava. Talvez eu tivesse chegado um pouco tarde demais na Cinelândia, foi um pensamento que me ocorreu. A rua de fato estava mais cheia que o normal, porém cheia de pessoas dispersas e espalhadas, não se ouvia os carros de som nem maiores movimentações. Parecia mais um fim de manifestação, um pouco precoce a meu ver. O dia ainda estava claro, longe de escurecer. Ouvia-se pelas ruas que não haviam permitido o carro de som para esta manifestação. Muitos estavam bastante revoltados com o respeito a essa regra que claramente sabotava o encontro. Os carros estavam lá, não sei dizer se em silêncio ou em volume baixo. Encontro conhecidos que dizem que o clima de desânimo não se devia ao fim, pois estava assim desde cedo. Também pareciam um tanto frustrados.

Já que havia acabado de chegar, resolvi ficar. O ambiente não era o mais convidativo. Também não estava lá desagradável. Estava mais para um dia qualquer, apenas com a rua mais cheia que o habitual. Alguns pequenos grupos ainda davam voltas por ruas na Cinelândia cantando e gritando palavras de ordem. A essa altura estava preferindo sentar no Amarelinho<sup>5</sup>, tomar uma cerveja e comer uma pizza para encerrar aquela segunda-feira sem maiores pretensões.

Sentada numa mesa à beira da calçada da Cinelândia acompanhada de militantes da ADUFF<sup>6</sup> - dentre eles meu padrasto - e uma amiga, notávamos um grupo de pessoas vestidas de preto, algumas mascaradas, subindo as paredes da Câmara Municipal, que fica logo ao lado do bar. Enquanto observávamos aquele grupo de pessoas escalando as paredes da Câmara com seus sprays de tinta preta nas mãos, percebíamos uma movimentação tensa de garçons no bar, andando de um lado ao outro. Não era difícil prever que a PM logo investiria contra aquele grupo. Os garçons ficavam cada vez mais nervosos, dessa vez insistindo para que os clientes das mesas na calçada migrassem para dentro, pois seria mais

---

<sup>5</sup> Bar tradicional do centro Rio de Janeiro conhecido por ser ponto de encontro após as manifestações que ocorrem na região.

<sup>6</sup> Associação de Docentes da Universidade Federal Fluminense.

seguro no momento que a polícia aparecesse. Muitos seguiram a sugestão, nós fizemos o mesmo. Havia uma minoria de corajosos que permaneceu nas calçadas da Cinelândia.

Entramos, e enquanto esperávamos a pizza, assistíamos o caos que se iniciava pela TV. Ruelas a alguns metros de onde estávamos eram televisionadas. "Os vândalos", é claro. Seguimos acompanhando pelas TVs do bar todo aquele absurdo. As imagens televisionadas não correspondiam às cenas há pouco presenciadas. Os tiros de balas de borracha e barulhos de bombas de gás estavam logo ali, diferente do que Rodrigues (2017) relata sobre as manifestações do ano de 2013, nas quais a população que assistia aos noticiários nos bares da Lapa com a devida tranquilidade de quem assiste um conflito no Afeganistão ou Iraque.

"A TV nos proporciona determinada experiência de viver e estar na realidade; um modo asséptico de, como meros telespectadores, assistir com a devida distância e segurança a realidade acontecer. Talvez sem maiores sustos ou perigos, sem sobressaltos ou feridas. Sem que este assistir implique envolvimento ou, até mesmo, ameaça. Qualquer indisposição, basta trocar de canal." (RODRIGUES, 2017, p. 124)

Para nós isso não era possível. Era difícil não sentir a tensão do que se passava ali fora. Barulhos, gritos, não passavam despercebidos, assustavam-nos, preocupavam-nos, deslocavam-nos do lugar de telespectador que os telejornais tendem a nos colocar. Mas isso éramos nós, que ali estávamos a poucos metros de onde se passavam os conflitos. O que pensariam as famílias que tudo assistiam de casa, sem outras cenas para desestabilizar aquelas imagens projetadas massivamente nas telas das famílias brasileiras? Que pensariam os que nunca estiveram numa manifestação, e apenas assistem a recortes de imagens que chegam com efeito de uma ficção, na qual de antemão já se conhecem os mocinhos guardiães da ordem e os vândalos fora-da-lei?

Era difícil crer que algum conflito poderia vir a acontecer num dia como aquele, numa manifestação como aquela que me parecia faltar vida. Ao mesmo tempo, tendo em vista as memórias ouvidas e vividas nas manifestações, não é difícil concluir que a polícia incitava o ódio nos manifestantes com frequência, como nos alerta Rodrigues quando afirma que

"um dos efeitos mais cruéis da violência policial é fazer com que aquele que é violentado sinta ódio e deseje revidar a violência com outra violência; talvez, ainda maior, quiçá ainda mais intensa, para se fazer justiça." (RODRIGUES, 2017, p. 122)

Uma manifestação calma e sem ânimo, também vira motivo para balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio. Ao mesmo tempo em que era possível sentir a tensão do que se passava a poucos metros dali, paradoxalmente, estar ali dentro era um abrigo no meio do caos. Sabíamos que nada nos aconteceria enquanto ali dentro permanecêssemos.

A pizza já havia acabado, restava apenas a conta para ser dividida e já nos preparávamos para ir embora. Enquanto nos concentrávamos em cálculos de quem consumiu o quê, fomos surpreendidos por uma avalanche de pessoas que entram no bar empurrando mesas e tudo o que estivesse pela frente. Naqueles intensos segundos de colapso no qual ninguém entende absolutamente nada do que se passa, tampouco sabe como agir, percebo uma massa se refugiando dentro do bar, e um grupo avançando para cima da PM. Ver meu padrasto seguindo em sentido contrário à massa que buscava proteção só aumentou o meu desespero. Gritos revoltados, mesas sendo derrubadas dentro e fora, barulhos de balas cada vez mais próximos e garrafas de vidro quebrando no chão. De repente, estoura uma bomba de gás na calçada do bar. Os garçons em desespero já haviam começado a descer as portas. Entram pessoas machucadas, sangrando. A essa altura não sabia se ia atrás do meu padrasto na tentativa de convencê-lo a voltar para dentro, ou se seguia com a amiga que corria para o banheiro. Será que essas balas são de borracha? Será que posso morrer agora? A essa altura, tudo seria possível... Atiraram uma bomba de gás dentro do Amarelinho! O raciocínio não acompanhava a velocidade dos acontecimentos. Poderia aquilo ser verdade?

A primeira vez que fui ao Amarelinho era uma garotinha de 13 anos. Eram as eleições do ano de 2002. Era a vitória de um presidente do Partido dos Trabalhadores. Era um dia que ia entrar para história, e o motivo era digno de comemoração. Teríamos um presidente operário! Parte da minha família, a de militantes de esquerda, já se mostrava pouco esperançosa com o governo Lula no decorrer das eleições. Concessões demais para se chegar a essa presidência, o preço seria alto, eles diziam. Entendia os argumentos deles. Mas não ficava menos contente com a vitória do Lula. No fundo, eles próprios também estavam bem alegres, talvez por motivos diferentes dos meus. Para mim, aquela vitória prenunciava anos melhores, mais prósperos. Sonhava com um Brasil sem miséria e sem injustiças, sem muito saber como isso aconteceria, mas confiante de que todas as mudanças viriam para melhor. Achava que as concessões poderiam ser descumpridas uma vez que a

presidência fosse alcançada. No fundo, acreditava num Lula herói, apesar de não expressar isso com facilidade. Salvo os idealismos de uma juvenzinha de 13 anos, creio que havia todo um clima e uma expectativa de que o governo PT seria um sinal de prosperidade para o Brasil. Naquele dia vibramos com a apuração dos votos. Naquele dia, resolvemos sair de Niterói num domingo tarde da noite e atravessar a ponte rumo à Cinelândia. Naquele dia conheci a Cinelândia lotada e o famoso Amarelinho numa grande festa na qual todos estavam convidados. O telão era enorme, o discurso comovente e aquele cenário era de arrepiar.

Nesse Amarelinho de agora, pessoas se atropelavam tentando se locomover, a procura de um abrigo de uma rua cinza de tanta fumaça de gás lacrimogênio, triste, sem vida e hostil. Outras curiosamente continuavam terminando suas pizzas sem a menor intenção de sair do lugar, sem parecer se afetar muito com o que acontecia. Jogaram uma bomba de gás dentro do Amarelinho! Seria aquilo possível? Cidadãos sentados não sentiam seus olhos arderem? O bar já estava de portas fechadas. Mal sabíamos que ficaríamos presos numa câmara de gás. Alguém alertou que era para voltar a abrir as portas, e assim os garçons o fizeram, apenas na porta dos fundos. A essa altura a ardência e a desorientação já tomavam conta de mim. Consigo encontrar meu padrasto, e o alívio vem junto da falta de ar e do coração disparado. Poderia morrer ali, talvez. Me perguntava se pessoas morrem disso. Não parecia tão improvável. Gritavam para que ninguém coçasse os olhos nem molhasse o rosto com água, havia risco de edema de glote. Não lembrava se o tinha feito. Algumas pessoas não aguentavam e caíam. E se alguém tivesse edema de glote ali, como iríamos socorrer? A rua era hostil, não era possível sair de qualquer jeito. Começam a circular panos com vinagre, é quando volto a recuperar alguma consciência e reencontrar as pessoas. A saída dali seria igualmente arriscada. Os barulhos de balas e bombas permaneciam. Saímos acuados, escondidos, como se fossemos furtivos. Estar nas ruas aparentemente tornava-se um ato criminoso. Não é seguro andar em ruas povoadas por PMs.

Jogaram uma bomba de gás dentro do Amarelinho. E por que motivo a PM agora ousaria atacar a classe média sempre tão protegida das violências de Estado? Relatos falavam de um dos seres corajosos que ousou não entrar no interior do bar para se proteger. Coragem, na verdade está no gênero feminino, tratava-se de uma senhora já de terceira idade para ser mais específica. Quis permanecer ali sozinha tomando seu chopp, e

acompanhando de perto toda a barbárie não se conteve. "Seus porcos! Fascistas! Seus filhos da puta, covardes!" Foi o bastante para que um deles avançasse dando uma gravata na senhora, e imediatamente despertando a reação dos demais clientes do bar de tentar impedi-lo. Voaram mesas, cadeiras, garrafas. Jogaram uma bomba de gás dentro do Amarelinho. A rua povoada de PMs é perigosa. *O container se direciona àqueles que discordam. Talvez eu não queira sobreviver sufocada.*

### **Informações aos navegantes**

Numa conversa informal, me pedem que eu explique minha pesquisa. Tarefa árdua, essa. Menos por achar que não tenho muito a dizer, do que por mais uma vez me ver as voltas com a questão: o que é uma pesquisa? Será que o outro vai entender esse trabalho que vem arduamente se constituindo ao longo de dois anos como uma pesquisa? Pressuponho que não, caso não seja um interlocutor familiarizado com as discussões na psicologia da UFF. Às vezes, penso se isso vale alguma coisa, se fala com alguém, ou se apenas tem potencial para falar com psicólogos da UFF. Que bela porcaria, se assim for. Se estou pesquisando, em última instância, em que condições se quer afirmar uma vida potente, isso deveria ao menos conversar com quem quer colocar as condições em que se vive em questão.

Mas quando me colocam a questão, eu mesma, já pressuponho todo um modelo de pesquisa mais tradicionalmente hegemônico, no qual a minha pesquisa não se insere. Principalmente se a questão vem a partir de um interesse sobre qual seria meu *objeto* de pesquisa. Me vejo quase incapacitada de responder. Pra começar pela palavra *objeto*, que já me soa no mínimo inadequada. Já é tão distante que talvez eu já nem me lembre muito bem no que consiste um *objeto*. Diante dessas perguntas, minha reação mais imediata é desviar o quanto antes do assunto, num primeiro ímpeto por já pressupor o que alguns interlocutores entendem como pesquisa, e dentro deste modelo hegemônico, o que venho afirmando como pesquisa dificilmente será entendido como tal. Com isso, não encaro um certo paradoxo que em mim se estabelece, por um lado de uma certa arrogância, de pressupor que para o outro me entender seria necessário anos de formação em

metodologias não hegemônicas - ou até uma ausência, ou pouco contato com metodologias de pesquisa em geral que propiciaria uma abertura ao encontro com aquilo –, e, por outro lado, uma certa impotência em conseguir afirmar aquilo como pesquisa diante dos sentidos hegemonicamente construídos. Uma mistura de preguiça, como uma sensação de não valer o esforço; ao mesmo tempo que, trata-se de algo que me é muito caro. Com efeito, tendo a não discorrer sobre a minha pesquisa com facilidade, já que encaro a pergunta com desconforto e, por fim, um outro efeito é: "de que serve mesmo falar disso tudo?". Não falar sobre a minha pesquisa, de certa maneira, foi se tornando uma estratégia de proteção aos discursos que sustentam a piada "*vocês da psicologia passam cinco anos se formando para vender miçanga na praia*". Ou, dizendo de outro modo, a partir de um exemplo mais concreto e dentro da própria psicologia da UFF: a professora Cecília Coimbra, que hoje me orienta, era acusada tanto pelos órgãos de fomento como por colegas de não ser suficientemente psicóloga ou suficientemente acadêmica já que suas práticas e pensamentos eram fortemente atravessados por uma força militante. Nesta lógica, *ou se é psicólogo, ou se é cientista-pesquisador, ou se é militante*, como se esses caminhos não pudessem se cruzar ou entrar em composição.

Ao mesmo tempo, percebo que quando me perguntam qual é o meu *objeto* de pesquisa, ou se já coletei os *dados* necessários, muitas vezes o fazem sob a mais genuína curiosidade e interesse, em última instância, sobre o que se passa na minha pesquisa. Não se trata – ao menos não de antemão - de evocar um vocabulário de um método hegemônico com o intuito de diminuir outras metodologias, que até então se desconhece. Percebo, então, quantos diálogos eu perco reproduzindo a mesma lógica na qual as metodologias de pesquisa já nos definem em determinadas posturas e pensamentos que não podem se comunicar, ou se fazer entender. Muitas vezes sou eu mesma que torço a cara para as pesquisas de base científicas, pressupondo que elas não podem ter muito a me acrescentar. Não é simples sustentar uma pesquisa distante dos padrões hegemônicos, principalmente porque a luta não se dá apenas com o que é externo. Há que se lutar principalmente com que há de força hegemônica em si. Por vezes, diante da fragilidade e da incipiência da proposta que se quer afirmar, mas que exige um cultivo e uma maturação, têm-se a sensação de que isso não pode ser pesquisa, ou talvez até possa, mas para que mesmo isso serve?

Uma pesquisa que traz experiências narradas em primeira pessoa? Seria eu mesma, meu objeto de pesquisa? Como isso pode soar egóico, como isso corre o risco de parecer o lançamento de um novo modelo de experiências a serem replicáveis trazendo elementos vividos que constituíram esse trajeto de pesquisa. Seria um tiro saindo pela culatra. É um risco que corro, e que me apavora, uma vez que não tenho o menor controle sobre as leituras que daqui serão feitas. Ao mesmo tempo que é uma aposta num sujeito jamais apartado do mundo e, conseqüentemente, afetado pelo campo (ou o que poderia ser chamado de *objeto*), sendo o campo, o próprio mundo e suas possibilidades de encontros, ou melhor, um *recorte* dele, bem menos pretensioso e impassível de ser pensado numa totalidade. Um recorte de um certo tempo e espaço, datado, circunscrito num momento histórico que produz efeitos subjetivos e relacionais. Quando se escreve, se pesquisa, se produz sentidos aos entornos que dizem da própria vida vivida, como não ser afetado? Como separar pesquisador e objeto, ignorando ou relegando ao segundo plano os efeitos que o próprio ato de pesquisar produz no sujeito pesquisador?

Falar em primeira pessoa trazendo de onde se vem e de onde se fala como estratégia de um saber localizado, de afirmar as limitações de um corpo-pesquisador circunscrito num contexto histórico, que traz consigo um jogo de forças e de poder que se permite ir até certos pontos, e não a outros. Falo do que me cerca, do que me afeta, do que me move, e talvez seja isso que possa/tenha a dizer sem invadir ou objetificar o que me é externo. Será que esbarro numa escrita egóica assumindo essa postura? Problemas que mais se desdobram em mais problemas do que trazem a paz de uma resolução ou de uma resposta no final. Para que serve isso mesmo? Às vezes é o que me pergunto, ao mesmo tempo que me percebo percorrendo caminhos diferentes dos habituais, experimentando outros modos. Nessa guerra de um si que vem se esgotando dessas velhas formas nesse mundo que entra em colapso, ainda há um quê de velho que se conserva lançando sobre si as mesmas velhas questões. Qual é o seu objeto, qual é o seu problema de pesquisa, e o mais importante: qual é a solução que se fecha? Talvez precise me antecipar estragando o suspense, e contando ao leitor o final da história: não há solução alguma, tampouco salvação para esse mundo que entra em colapso. Há quem defenda certos modelos de organizações sociais como soluções para desigualdades materiais que produzem situações de miséria, fome, morte. Não posso discordar que essa seja uma questão urgente, mas

diferente de acreditar que o dia que sanarmos essas questões teremos atingido a utopia social, cada vez mais penso que é apenas o mínimo.

Num país-continente da amplitude do Brasil, não vejo como isso possa ser possível sem sustentar um mesmo projeto colonialista que homogeneiza corpos e modos de vida para a sustentação de um sistema-universal. Seríamos capazes de abrir mão da noção de propriedade de privada, e permitir que povos indígenas vivessem seus nomadismos, transitassem livremente sobre as terras? Ou que quilombos se autogerissem e se auto-sustentassem, sem a submissão a leis de um Estado-maior? Não, não é a partir da ideia de um retorno a 1500 que estou propondo que ensaiemos – ainda que de forma muito rasa e sutil – essa hipótese. São questionamentos concretos do presente ano 2018, de povos que dividem conosco este mesmo chão que lhes foi tomado, mas que parecem ter sido relegados aos livros de história. Porque não conseguimos abrir mão desta noção de universal, que é sempre terceirizado; é a operação de um transcendente agindo e olhando por nós? Os cristãos já entenderam isso há muito tempo ao criarem um único Deus universal, onipotente e onipresente que olha por nós (vigia-nos), e nos impõe suas leis inegociáveis... Mas como já afirmou Nietzsche “Deus está morto.” E agora? Talvez o tenhamos substituído pelo deus *Capital*, que segue na mesma atividade de controle e regulação de corpos para a manutenção de si próprio como o ditador das regras sociais, individuais e das boas maneiras.

Tomamos essas questões como secundárias, como algo a ser pensado depois de uma revolução econômica e material, enquanto são questões intrínsecas. Esquecemos que, sem isso, não é possível qualquer revolução. Talvez ainda não tenhamos nos dado conta de como os moldes subjetivos e relacionais sob os quais seguimos vivendo nos fazem mais capazes de batalhar por nossas servidões do que por nossas liberdades. “Amamos nossa ‘alienação’. Sentimos que é muito dolorosa a análise de nossas implicações; ou melhor, a análise dos ‘lugares’ que ocupamos, ativamente, neste mundo” (LOURAU, 1993, p.14). E, conseqüentemente, não pensamos nos efeitos de ocuparmos certos lugares que nos foram designados, e não outros. Talvez seja até um tanto repetitivo afirmar que toda e qualquer concepção de neutralidade cai por terra, uma vez que os conhecimentos que se produzem estão sempre num campo de implicações cruzadas, sempre inseridos num jogo de forças que tem a ver com valores, expectativas, motivações, interesses, desejos, crenças, e tantos



outros (PASSOS; BARROS, 2009). Ainda assim, dificilmente nos pensamos como sujeitos constituídos a partir desses exatos mesmos lugares que ocupamos ativamente nesse mundo. Ao naturalizarmos o mundo como pronto e dado, um *EU* como centro natural de perspectivas, sustentamos os mesmos esquemas de poder vigentes.

A própria noção de *sujeito-pesquisador* e *objeto-de-pesquisa* funciona de maneira hierárquica e verticalizada, dicotomizando duas partes como polos independentes e ignorando toda uma dimensão relacional, de criação de uma zona de vizinhança entre pesquisador e objeto, de um *entre*, onde nenhuma das partes sai ileso, e que, por fim, pode-se afirmar como o caráter processual da pesquisa. Afirmando aqui, então, uma pesquisa onde suas condições de possibilidade, históricas, políticas, afetivas são trazidas ao texto como importante parte da produção do conhecimento que aqui se ensaia. É o que Lourau chama de *fora-texto*, que traz para o *fora* (o texto) aquilo que tende a ficar *de fora*; aquilo que seria tratado como íntimo, e até como infame, pois rompe tanto com a ideia de neutralidade e de assepsia das pesquisas científicas. Traz à cena um pesquisador de “mãos sujas”: “os avanços e retrocessos, as dúvidas e certezas, a produção de conhecimento advinda da prática” (PASSOS; ROSSI, 2014) para que uma análise de implicações não só seja possível, mas trazida ao texto como importante parte do processo de pesquisa.

Trazendo para o fora aquilo que é comumente interpretado como intimista conferimos caráter político aos bastidores do que se faz adotar certas posturas, tomar certas decisões, estar engajado em tais responsabilidades, mostrar tanto as possibilidades como limitações de um corpo inserido num certo jogo de forças de um contexto sócio-histórico no qual se realiza a pesquisa. Nos distanciamos de nos ver como parte ativa do que acontece no mundo, como se este fosse indiferente a nós, e nós a ele (EIRADO; PASSOS, 2009). Há qualquer coisa de pacífico na servidão que aprendemos a desejar, de forma que as práticas de liberdade soam assustadoras; para elas olhamos com medo já que não nos são familiares. Funcionamos a partir da heterogestão - a gestão feita por outrem (Deus, Estado, um líder qualquer) – como afirma Lourau (1993), e naturalizamos isso a tal ponto que a pensamos insuperável, talvez por ainda não termos conseguido inventar ou experimentar efetivamente uma autogestão: ela não está dada, exige um trabalho danado e constante e, ainda assim, corre o risco de ser institucionalizada, engessada numa forma, encarnando em mais um modelo transcendental. Talvez por isso dê uma sensação de que

falta corporeidade, materialidade, já que não há protocolos apontando o caminho das pedras.

Aposta-se, então, na possibilidade de experimentar os pontos de vista em sua emergência, num exercício de desidentificação e desapego a qualquer um deles, para em nenhum deles se fixar, e assim poder habitar os atravessamentos pelas múltiplas vozes que perpassam um processo, sem adotar nenhuma como uma verdade definitiva. Trata-se de traçar uma linha transversal aos já instituídos e conhecidos jogos de força verticais e horizontais, onde as análises do campo tornam-se mais um trabalho de desestabilização daquilo que se apresenta como unidade de uma forma (EIRADO; PASSOS, 2009), do que algo a ser realizado de forma técnica por alguém que detém algum saber. A própria análise, centrada no sujeito que a exerce (analista, pesquisador, etc.), perde um pouco essa dimensão se passamos a pensá-la à partir dos *acontecimentos* ou eventos *analísadores*; que são situações que abrem por si só outras possibilidades de análise uma vez que a deslocaliza desse lugar do analista/pesquisador ou apenas despessoaliza a intervenção deixando de centralizá-la numa figura, conferindo-a uma dimensão mais coletiva e auto-gestionária, já que quebra, separa, explicita os jogos de força de uma realidade institucional ou social. Nesse sentido, é também inseparável do conceito de transversalidade, porque é numa situação de questionamento das hierarquias e especialismos que o analisador surge como uma ferramenta analítica que vai na direção do uno ao coletivo (PASSOS; ROSSI, 2014).

Não me sinto como um sujeito do conhecimento dotada de saberes, ferramentas e conceitos que por si só me garantem esse lugar de pesquisador. A começar porque um pesquisador não se lança numa pesquisa já pronto, constituído: as ferramentas, conceitos e hipóteses, por si só, não sustentam nem garantem esse lugar como sendo um lugar de saber. As ferramentas surgem no caminhar da pesquisa que sempre se move, já que o campo não é estático e passível de observação controlada. Ele também nos interpela e interpela nossos modos de funcionar. Aquilo que observamos nos observa de volta. E aí? Há que se estranhar esse posicionamento no qual não se permite abalar pelas questões colocadas pelo campo. Que uso fazemos desse poder que um suposto lugar de saber nos confere socialmente? É preciso cuidado para que a pesquisa não siga de modo automatizado, impositivo e autoritário quando as teorias se encerram em si mesmas e atropelam os processos e, pesquisa-se muitas vezes para confirmar o que já se supõe.

## Colapso: experiências se produzindo

Em meio a um certo mundo se desfazendo, um Estado capitalista se potencializando na velocidade da luz através das crises<sup>7</sup>, direitos trabalhistas e conquistas minoritárias no campo dos direitos humanos caindo por terra e coletivos se estilhaçando, pensar resistências através de maneiras de viver neste planeta torna-se cada vez mais urgente. A ideia inicial desta pesquisa era estar em contato com uma comunidade, que veio a ser um quilombo, situado fora do espaço urbano, no intuito de uma aproximação com outras possíveis normas de convívio, de organização e sociabilidade. Guattari (2015) já na década de 80 nos alertava sobre os efeitos da aceleração técnico-científica e do contínuo movimento de trabalho maquínico que vem com a revolução da informática. O que se produz apesar de tanta tecnologia são situações de desemprego, de marginalidade para uma grande parcela da população, indivíduos solitários, angústia e vazios de sentido muitas vezes levando sujeitos ao adoecimento. O império do mercado mundial produz modos dominantes de valorização das atividades humanas que servem aos seus interesses, juntando num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, e as áreas naturais. Quanto às relações sociais, estas ficam cada vez mais sob a direção dos aparatos policiais e militares (GUATTARI, 2015), como não é difícil de constatar no cotidiano de um centro metropolitano como a cidade do Rio de Janeiro e seus arredores. Nesse sentido, o conceito do cuidado de si proposto por Michel Foucault como fio de pesquisa, ainda que de maneira muito verde, tornava-se importante.

A ideia do encontro com uma comunidade no meio rural veio a partir de uma experiência em La Borde<sup>8</sup>, que para mim muito mais se destacou pela diferente sociabilidade e pelas relações que aquele ambiente propiciava do que pelo trabalho no

---

<sup>7</sup> A respeito das crises cíclicas do Capital, o Comitê Invisível (2016) afirma que elas estão longe de ser um furo no sistema, e sim, um modo de governar através do terror na população. O Capital não as teme; faz delas um uso experimental no qual suscita-se o caos voluntariamente de forma que a ordem se torne mais desejável do que a revolução. Não vivemos uma crise do capitalismo, e sim, um capitalismo de crise. Ver Aos Nossos Amigos: Crise e Insurreição.

<sup>8</sup> La Borde é uma clínica psiquiátrica situada na região do Loire-et-Cher na França, fundada pelo psiquiatra Jean Oury no ano de 1953, num contexto de reforma psiquiátrica pautada na crítica às condições asilares. Esta clínica que foi a morada de Félix Guattari por muitos anos de sua vida, Jean Oury junto a ele e tantos outros se inspirou nos ensinamentos de François Tosquelles e criou a Psicoterapia Institucional. Voltarei a falar mais sobre ela, mas por hora há mais informações em <http://www.cliniquedelaborde.com/la-clinique.html>

campo da saúde mental em si, que a princípio foi o que me atraiu. Mas até então, na minha percepção, La Borde já havia cumprido seu papel, e não me parecia interessante esmiuçar tal experiência numa pesquisa, e sim buscar novos contatos, novas conexões, outros modos de vida que resistem à aceleração capitalista no contexto do Brasil. Um quilombo, uma comunidade bastante singular que resiste desde os tempos da escravidão, parecia um lugar interessante para inspirar resistências e processos de cuidado de forma mais coletiva.

No entanto, a entrada no mestrado e o encontro com o quilombo teve outros atravessamentos. Racismo, colonialismo, branquitude. A Universidade (re)produzindo opressões na produção de saber e nas relações de pesquisa, e como tudo esteve tão naturalizado na formação de tantas gerações de psicologia. São elementos que expressam melhor a minha entrada no mestrado, grupos de orientação e quilombo. Os planos que envolviam a pesquisa imediatamente foram abalados. Algo colapsava e toda uma série de percepções e planos de ação caíam por terra, bem como as maneiras de pensar. Mais uma vez um mundo se desfazendo. Um *container* estilhaçando projetos, uma universidade conhecida, uma série de saberes que garantiam uma suposta segurança.

Francisco Varela (COSTA; MIZOGUCHI, 2018), um biólogo e filósofo chileno que se dedicou aos estudos da cognição, propõe uma perspectiva que vai na contramão de uma tradição cartesiana, racionalista e objetivista, e assim entende a cognição a partir de sistemas vivos e autônomos constituídos por experiências concretas vividas e corporificadas, traz dentro deste campo o conceito de colapso. Um colapso ocorre quando diante de uma situação concreta somos forçados por algum evento externo a reconfigurar todo nosso panorama e nossa percepção diante da colocação de um novo problema. Para bem ilustrar, Varela exemplifica com uma situação na qual alguém anda na rua tranquilamente até se dar conta de que a carteira não se encontra mais no bolso. É aí que se caracteriza um colapso: toda a tranquilidade vai embora, sua percepção se refaz diante do ocorrido: "pensa-se diferente, age-se diferente, sente-se diferente" (COSTA; MIZOGUCHI, 2018). De uma situação de tranquilidade, na qual todos os atos estão confortavelmente mapeados – por mais que não conscientemente explicitados –, passa-se a outra em que, em um átimo, outra atuação é demandada.

Varela afirma que as situações de colapso são emblemáticas de como funcionamos. Sofremos constantemente microcolapsos, e a partir deles forjamos micromundos no

desmonte de um campo perceptivo e na emergência de um outro (COSTA; MIZOGUCHI, 2018). Portanto, é neste movimento que se origina o lado autônomo e criativo da cognição, que faz emergir o novo já que o sujeito é impelido a experimentar uma nova situação que lhe é colocada que independe de sua vontade ou consciência. Vivemos constantemente em mundos e micromundos que colapsam e forjam a construção de outros. O dia das eleições na Câmara de Deputados, as matérias de jornal, as manifestações truculentamente atacadas, a experiência em La Borde de alguns anos atrás, a entrada no mestrado; são exemplos de um corpo que experimenta um colapso, uma forma, um território conhecido exigindo que as percepções se reconfigurem, sejam estas experimentações alegres e de expansão ou dolorosas. São os colapsos que não param de nos demandar invenções. São eles que nos demandam "a coragem de um outro micromundo, que possa ir além e aquém dos esquemas que o antecederam" (COSTA; MIZOGUCHI, 2018).

Logo também vieram as ocupações<sup>9</sup> na UFF que, se por um lado ajudaram a respirar, por outro não deixaram de desacomodar. Uma pausa, uma interrupção, um novo colapso. A reorganização de tudo que se entendia por aquela universidade, pela faculdade de psicologia, construção de saberes, a temporalidade vigente naquele lugar, e tudo mais que tornava aquele espaço familiar e com alguma previsibilidade. Um certo mundo estava se acabando, e as ocupações instauraram uma pausa necessária para pararmos e pensarmos o que queríamos manter daquele velho mundo que velozmente se desfazia, e quais outros mundos gostaríamos de inventar. Mais um colapso acontecendo.

E quanto tempo dura um colapso? O que se passa durante um colapso? Ou melhor, o que ocorre diante do vazio aberto pelos colapsos? Arriscaria responder que é a experiência. Neste momento me sirvo da simplicidade de Larrosa (2014) que define experiência como aquilo que nos passa, aquilo que nos acontece, aquilo que nos toca. Também não irei prescindir do bom e velho Foucault que em uma de suas definições de experiência entende-a como "modos e possibilidades de dessubjetivação: experiência conceituada como aquilo que arranca o sujeito de si e o impede de se repetir" (MIZOGUCHI, 2015, p. 202). Além disso,

---

<sup>9</sup> As ocupações nas escolas foi um movimento de protestos contra os ataques à rede pública de ensino no governo Temer, como projetos da "Escola Sem Partido", Reforma do Ensino Médio, e a PEC 241/55. O movimento foi iniciado por estudantes secundaristas de escolas públicas em São Paulo no início do ano de 2016, e foi se alastrando a outros estados brasileiros e também às universidades públicas, dentre elas, a UFF.

não poderia abrir mão do elemento *tempo*, que é aberto junto ao espaço indeterminado que um colapso proporciona. E com a abertura do tempo, cria-se também uma abertura de durar com tais afetações; abre-se tempo de poder falar muito sobre elas, tempo de poder ficar com elas sozinha, sonhar a noite, acordar com elas na cabeça, e ainda assim poder se dar ao luxo de não fazer nada com elas de imediato. Larrosa diria que a falta de tempo é um dos inimigos da experiência. Graças a essa falta de tempo, a tendência é que nada nos aconteça, nada nos passe, nada nos toque, assim ficamos reduzidos a estímulos e atrás de estímulos, que se substituem sem deixar o menor vestígio e, conseqüentemente, sem que nada possamos fazer com eles (LARROSA, 2014). Sem esse tempo da experiência, nada podemos criar nesses lapsos, nesses vazios que os colapsos cada vez mais frequentemente nos colocam.

Tudo isso que a experiência requer, tudo isso que Larrosa entende como condição e possibilidade para que uma experiência aconteça, fica ameaçado não só pelo tempo, mas também pelo excesso de informação, e a partir delas a exigência de uma opinião. Uma opinião que, segundo Larrosa (2014), rapidamente se reduz a estar a favor ou contra algo, o que no panorama atual macropolítico das grandes polarizações, implicaria estar posicionado de um lado e imediatamente contra outro, corroborando com um cenário de proliferação do ódio e fundamentalismos no campo micropolítico (COSTA; MIZOGUCHI, 2018).

O que sustenta este percurso como pesquisa é o conceito de experiência. Mizoguchi (2015) ao se debruçar sobre as denominações foucaultianas de experiência afirma que é preciso considerar que inexistente experiência – e, portanto, pesquisa – sem relação. Primeiro, o pesquisador está imediatamente em relação: tanto com a trama de dispositivos que o constitui como pesquisador quanto consigo próprio. Segundo, porque evoca o encontro com algo desestabilizador, a partir da qual “uma experiência é qualquer coisa do qual se sai transformado” (MIZOGUCHI, 2015, p. 203). Foucault ao ser indagado de antemão sobre que caminhos utilizará ao iniciar um trabalho, afirma não saber ao certo como vai fazê-lo, e que a definição surgirá conforme o processo. E vai além, afirma a necessidade de se forjar um método a cada pesquisa, de forma que não seja prescritivo ou generalizável - ou seja, que o método forje aberturas à criação. (MIZOGUCHI, 2015)

Deparo-me com a dificuldade de criação. Há pouco reencontrei antigos trabalhos da faculdade que optei por guardar, talvez pelas notas altas. À despeito das notas altas via nos

trabalhos apenas a reprodução de conceitos estudados. E isso realizava bem. No entanto, o comentário de uma professora me chamou atenção. Disse que meu trabalho estava impecável, porém, havia sentido falta de saber como tais conceitos explicitados haviam me afetado. Hoje, no exercício de escrita de uma dissertação vejo que não há como me esconder apenas reproduzindo conceitos. Não há como apenas reproduzir conceitos que todos já estão cansados de saber e de repetir, não sem colocar um pouco de si. Este si do pesquisador está em relação com o que escreve e pesquisa para que possa interrogá-los muito mais do que buscar suas verdades. Este si pode ser entendido como um "território de passagem, algo com uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios e alguns efeitos" (LARROSA, 2014, p. 25). Este si que Larrosa (2014) chamaria de sujeito da experiência, é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. Um sujeito como espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Não ficar refém de autores, conceitos e pensamentos, sem também descartá-los e, ao invés disso, poder efetivamente usá-los como ferramentas, como auxiliares na construção de pensamentos outros, é um desafio colocado. A replicabilidade não está em jogo apenas nas ciências positivistas; cristalizar conceitos, reproduzi-los como fórmulas, fazer deles jargões metodológicos esvaziados de sentidos e experiências é um perigo iminente nas ciências humanas, é um perigo com o qual me deparo nesta pesquisa. Faço da pergunta de Mizoguchi (2015) também minha: como operar uma epistemologia a qual permita pesquisar um mundo denso, múltiplo e tenso o qual não cessa de acontecer?

### **Uma escrita memorialística: o que fala em nós?**

Quando jovem gostava de escrever diários. Era uma prática não só minha, mas bastante comum entre as meninas com quem convivia naquela época. Usava agendas de diários. Sempre que começava o ano me colocava a tarefa de registrar todos os meus dias até o fim dele. Tarefa esta que nunca era cumprida por muito tempo: afinal, sempre chegava um momento em que se tornava exaustivo e me cansava de manter registros quase

burocráticos de um cotidiano nem sempre tão interessante. Mas achava que talvez futuramente eu fosse gostar de me reencontrar com aquilo, com aquele cotidiano de pequenos acontecimentos que talvez naquele momento me parecessem importantes ou dignos de serem lembrados. A escrita era uma forma de não esquecer. Não sei bem ao certo o que naquele momento me parecia tão digno de ser lembrado.

Com o esforço da *memória*, consigo ter alguma ideia do que registrava nessas agendas/diários. Segredos, coisas que sentia, os conflitos, os rapazinhos por quem me apaixonava. Os deslumbres, as descobertas, o novo. Também o que causava saudade. Os filmes que gostava de assistir, as viagens. A intensidade do primeiro festival de rock que extrapolou os limites de linhas reservados para aquele dia. As tiradas espirituosas, piadas construídas na espontaneidade dos encontros também ganhavam destaque. As partilhas, as parcerias, os amigos. Fazia o esforço de registrar minuciosamente os detalhes daquilo que julgava importante, daquilo que não queria nunca esquecer. Era um esforço de transmitir com palavras a intensidade de pequenos acontecimentos que eram tudo na vida daquela jovem menina, como se pudesse cristalizá-los, e assim representá-los em folhas de papel para que me acompanhassem intactos por toda a vida.

Maurice Blanchot ao discorrer sobre "O Diário Íntimo e a Narrativa" (2005) denuncia a insignificância de uma escrita intimista como lei que rege seu funcionamento, no qual "o diário é a âncora que raspa o fundo do cotidiano e se agarra às asperezas da vaidade"(BLANCHOT, 2005, p. 273). Cada dia anotado, cada dia preservado é a possibilidade de não se lançar numa obra onde tudo pode se perder, inclusive o autor e a própria obra. São os medos dos colapsos, das experiências que nos deslocam do que um dia fomos; tal forma de escrita constitui uma certa proteção contra a loucura, as desterritorializações, e os perigos que a escrita nos coloca. Afinal, a escrita, assim como os colapsos se faz de encontros muitas vezes desestabilizadores, de agenciamentos com temas, conceitos, conteúdos e histórias dos quais ao final se sai outro. Sempre temi os colapsos, devo admitir. Assim a escrita de um diário íntimo nos ilude na estranha convicção de que a partir dela podemos nos observar e nos conhecer, enquanto, paradoxalmente, "escrevemos para salvar os dias, mas confiamos sua salvação à escrita, que altera o dia" (BLANCHOT, 2005, p. 275).

Aliando-me a Aline Nascimento (2011) em "Os Desafios da Memória em Direção às Forças da Criação", começo a pensar melhor o caráter processual da memória, que pouco



tem a ver com as minhas tentativas de outrora de construir relatos que detalhavam fatos, num intuito de um possível resgate de uma intensidade cristalizada e intacta. Fica mais fácil conceber a ideia de que não existe propriamente o *é*, mas uma produção que congela o *é*, e que naturaliza os fatos embolando-os com os sentidos que damos a eles, como se fossem possíveis acessá-los em suas "purezas", como se fosse possível reencontrá-los de forma preservada no que um dia foram. Aquilo que julgava demasiadamente importante nada mais era do que uma conversão de linhas de forças atuando em mim. A lembrança de meus esforços em congelar acontecimentos através de uma escrita intimista, no presente momento (ainda que eu não os tenha mais em mãos) me remetem principalmente a uma subjetividade de um certo extrato da classe média niteroiense na década de 2000 na qual o "diário íntimo" era apenas um dos muitos dispositivos que sobrevalorizava uma intimidade, acontecimentos de um terreno conhecido que se pretendia conservar em si mesmo, sem grandes contatos com o fora, ou quando muito, um fora protegido e controlado - principalmente no que dizia respeito às meninas.

Minha infância e adolescência nas décadas de 90/00 ainda me permitiram brincar e frequentar a rua. A cidade ainda era considerada relativamente pequena e com alguma tranquilidade, mas seu processo de crescimento desenfreado já mostrava sinais. Cresci numa rua sem saída, de prédios baixos, no centro de Niterói, dotada de uma vizinhança que possuía fortes laços entre si. A rua era cheia de crianças, barulhos, árvores e uma pequena mata a ser desbravada, que dava no Bairro de Fátima. Possuía cachorros de estimação que não pertenciam a ninguém, mas cada um contribuía de alguma forma nos cuidados. Era ponto de parada de todos os tipos de carros de vendedores informais: o fusca da pamonha, o carro da laranja que vendia frutas, uma bicicleta que equilibrava um grande cesto de pães artesanais, uma kombi de picolés. Desde a geração do meu pai – e provavelmente as anteriores – que aquele espaço possibilitava encontros, brincadeiras, novos amigos. Da minha geração em diante, infelizmente, esta rua que frequento até hoje foi aos poucos sendo tomada por carros, perdeu muitas de suas árvores e o movimento das crianças já quase não existe. Mas, se por um lado a proximidade entre vizinhos possibilitava parcerias e um ambiente acolhedor, por outro, qualquer passo em falso não passaria despercebido. Os limites de circulação naquela rua eram bem delimitados. A fronteira era o antigo posto de gasolina, para além dele já era caracterizado o fora, que caía numa avenida grande e

movimentada, e já não se tinha qualquer controle sobre quem por ali passava. As meninas e as crianças não podiam ultrapassar o posto, aos meninos mais velhos isso era permitido. Aquela rua tinha suas regras claras, e qualquer um que as violasse virava assunto, caía nos estereótipos morais de um "mau-caratismo". Qualquer estrangeiro que ali chegasse rapidamente despertava a atenção dos moradores. Durante algum tempo, mudou-se para lá uma mulher que fazia de seu carro sua morada, um antigo corsa branco de vidros filmados e pneus furados, que aparentava não mais funcionar. "A mulher do corsa" rapidamente foi entendida como uma prostituta, apesar de eu suspeitar que em nenhum momento alguém tenha se interessado em se aproximar e saber de onde ela vinha, ou o que tinha a dizer sobre si própria. Muito dos demais estereotipados, no entanto, eram moradores e tornaram-se meus grandes amigos, fazendo com que rapidamente muitos destes valores caíssem por terra, ainda que outros tenham permanecido comigo por mais tempo, e tantos outros ainda precisarei de anos e mais anos para abandonar.

Pensar a memória a partir de seu caráter processual nesse momento me permite muito mais entrar em contato com as forças que me constituíram desde a juventude do que uma crença na revelação de alguma verdade ou alguma essência do que fui/sou. Assim como a autora em determinado momento de seu artigo, me vejo constantemente atravessada por valores burgueses em lembranças que começo a revisitar. Hoje, revisitando tais memórias posso fazer outras leituras, já que de lá para cá, a vida me permitiu outros encontros, outros agenciamentos, outras modulações (NASCIMENTO, 2011). Além disso, as intensidades que fazia questão de registrar nos meus diários, em sua grande parte só constituíam um plano intensivo diante das contingências presentes naquele momento. Não foi por acaso que um belo dia, já adulta, acabei jogando todos aqueles diários, antes tão importantes, no lixo. Não me recordo hoje o que me motivou a me desfazer daqueles registros arduamente colecionados, mas possivelmente já estava carregada de outros afetos que acabaram por equivocar a dinâmica daquela escrita e seus conteúdos. Consequentemente, talvez, já não tivessem mais importância, talvez já não transmitissem mais intensidade alguma, ou não me dissessem mais nada. Afinal, o que era, já não é mais; e a memória nos dota de futuro, "de criação de futuro, de um desejo de futuro de invenção de novos valores" (NASCIMENTO, 2011, p. 114) que possam equivocar o mundo que se

experimenta. O que é a memória, afinal, se não uma construção presente de algo que se passou?

### **O que resta como pesquisa? Saberes localizados: narrativas de si**

Pois bem, no decorrer deste trajeto citei experiências recentes. A primeira delas surgia a princípio como um disparador para um novo projeto de pesquisa (La Borde); a segunda, a promessa de um campo de pesquisa (quilombo); e a terceira, um acontecimento completamente inesperado que acometeu este percurso e provocou outros desdobramentos (as ocupações). Os containers seguiram estilhaçando, os colapsos seguiram acontecendo até os últimos dias de pesquisa e de escrita. Algumas dessas experiências permaneceram com alguma latência, enquanto outras, foram perdendo o sentido, ou apenas perdendo o potencial de conexão e expansão. De certo que nada mais era da mesma forma que a princípio se experimenta. Dentre os estilhaços das experiências colapsadas e reconfiguradas, havia também uma pesquisadora experimentando constantes colapsos e reconfigurações de percepções valores e afetos. O que fazer então dessas experiências? O que fazer diante do embaçado que vão ganhando com o tempo?

Em La Borde me via no mesmo ímpeto de quando era jovem. Queria registrar todos os milésimos daquela experiência, daqueles conflitos, daqueles risos, daquelas parcerias. Mas não fiz mais que 3 ou 4 diários nas primeiras semanas. Rapidamente fui abduzida por aquele tempo/espço, e não pude mais criar tempo/espço para escrever. Tinha pouco tempo lá, e não queria deixar de viver nem um segundo naquelas coletividades. Ainda assim, passei o ano seguinte com a experiência latente em mim: nas memórias, nos sonhos, nas histórias que contava. Hoje, ao rever fotos me dou conta do quanto já esqueci. A dificuldade em me recordar dos nomes das pessoas me impactou. Para onde foi a experiência que me tomou por inteiro mais de um ano inteirinho após a minha volta?

Já sobre as ocupações e o quilombo, não guardava absolutamente nenhum registro. O que trazer delas então? A tarefa não seria simples e, de fato, não foi. Trouxe consigo então uma série de reconfigurações sobre o que se abria de possibilidade diante das

limitações. No momento em que ponho a escrever, La Borde, que a princípio seria apenas um disparador a um novo campo, vai ganhando destaque no texto. Abre uma corrente, uma tromba d'água, que por pouco não toma para si todo o espaço do texto. As ocupações, talvez possa dizer que surjam mais como efeito analisador do que cenas, imagens e narrativas das experiências: surgem através de *efeitos* em toda a pesquisa. Já o quilombo, este se perdeu ao longo do processo, mas não por acaso.

A impossibilidade de escrita se fez concreta – menos pelo que dizia respeito às visitas em si, que até tiveram seus momentos potentes, do que pelo momento que se vivia na universidade. O medo de seguir nesse campo reproduzindo racismos, relações de poder dessas mesmas que cindem sujeito e objeto de pesquisa, me levaram a habitar afetos tristes no que dizia respeito a esse campo. A escrita, então, não saía, senão sob os signos da vigilância, dos cálculos e dosagens excessivas de palavras, e de um tatear de terreno que mais se assemelhava a um “pisar em ovos”. O grupo com o qual visitava o quilombo, nesse meio tempo se desfez, antes mesmo de que um elo mais forte da minha parte fosse criado. Devo assumir, que de certa forma foi um alívio, já que não conseguia mais relaxar naquele ambiente. Ainda que a proposta nunca tenha sido objetificar um povo e falar *sobre* ele, era um risco para além de uma intencionalidade. O encontro com o quilombo ainda carecia de afetação quando foi interrompido. E, por fim, optar por não mais trazer o quilombo para a pesquisa foi uma atitude de afirmar o *cuidado de si* da pesquisadora, tendo em vista as forças policiais e ultra-vigilantes que nela se ativavam e, por muito tempo impossibilitaram não apenas uma escrita que dizia respeito a esse domínio, mas qualquer escrita. De fato, essas não eram as forças que queriam ser afirmadas na produção de uma pesquisa.

Voltando a Nascimento (2011), não se tratam dos fatos quando narramos memórias, sendo assim, já não me interessam os relatos descritivos nos mínimos detalhes que pretenderiam de alguma forma trazer qualquer ideia totalizante do que seria La Borde, do que seria o quilombo de Santana, e do que foi a ocupação na UFF. Isso não só fugiria aos objetivos desta pesquisa, como também já me parece uma tarefa pouco possível. Ideias totalizantes sobre fatos, coisas, acontecimentos, povos, após todos estes colapsos, já me causam mais desconfiança do que credibilidade. Donna Haraway (1995), uma bióloga feminista americana, em seu artigo "Os Saberes Localizados", questiona uma certa tradição

científica que produz conhecimentos universalizantes. Mais uma vez, não se trata apenas de uma produção de conhecimento nas ciências naturais positivistas, apesar de ser de onde e para onde Haraway constrói sua crítica. As ciências humanas também buscam uma universalidade dos conhecimentos que são produzidos de forma que Haraway entende como reducionista. Reducionista pois se constitui de um único modo, dentro de um mesmo jogo de poderes, e com uma única linguagem como parâmetro, que nos remete a um certo modo de ser dominante: o modo homem, branco, cartesiano, europeu, colonizador (HARAWAY, 1995). Modo este que produz incessantemente conhecimentos que vêm de ninguém, de lugar nenhum, e fala sobre ninguém, mas codifica a todos através de visões e valores dominantes numa sociedade. Ressalto esta imagem como um *modo dominante* para que também não caiamos no extremo de um essencialismo, no qual indivíduos são classificados através de estereótipos. O fato de eu ser mulher, não me exime à priori de pactuar com um jogo de forças dominante que reproduz o *funcionamento* masculino, branco e europeu que nos é empurrado como único modelo possível e confiável.

Não é por acaso que a convocação de Haraway se direciona às *feministas*, que são quem ela entende que devam insistir em explicações melhores do mundo, já que não basta denunciar as contingências históricas e os modos de construção dos saberes. É preciso criar narrativas melhores, e para tal, se faz necessário uma quebra com uma "doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado por algo, e poder instrumental ilimitado" (HARAWAY, 1995, p. 16). Mas, penso eu que tal convocação não deva se restringir às feministas, e sim que possa se expandir como ferramenta aos demais seres que não se sintam contemplados por tal modo de construção de saberes dominantes, que mais uma vez atendem à interesses de uma manutenção de um mesmo jogo de poder hierárquico e exclusivo sobre o que tem ou não validade no projeto político que envolve a produção de conhecimento. O que este projeto invisibiliza quando garante a visibilidade de um único modo de funcionamento, e elege-o como universal.

"Esta é uma das razões pelas quais os debates a respeito da objetividade são relevantes, seja metaforicamente ou não. Imortalidade e onipotência não são nossos objetivos. Mas poderíamos fazer uso de algumas explicações confiáveis, aplicáveis, sobre as coisas, que não fossem redutíveis a lances de poder e a jogos de retórica de alto coturno, agonísticos, ou à arrogância cientificista, positivista." (HARAWAY, 1995, p. 16)

Michel Foucault e Gilles Deleuze (1979), numa conversa informal entre amigos, discutem na cozinha de Deleuze enquanto preparam um jantar sobre qual seria o papel de um intelectual que visa contribuir com as lutas em questão na época. Tal bate papo dá origem ao texto chamado "Os Intelectuais e o Poder", que vai na mesma linha de pensamento de Haraway no que diz respeito a arrogância de um saber intelectualizado produzido na academia. A arrogância que nós mesmos nutrimos ao atribuirmos à academia o lugar de templo da sabedoria, onde o intelectual teórico é "um sujeito, uma consciência representante ou representativa" (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p. 69), sendo esta consciência entendida como raro atributo que a população em geral não tem. Foucault não só se interessou por estudar as grandes instituições disciplinares e suas mazelas, mas também teve necessidade de ir até os presidiários para ouvir o que tinham a dizer e, principalmente, que falassem por eles próprios. Afirma, assim, que não há necessidade alguma de qualquer intelectual por parte dos presos para que criassem suas teorias e desenvolvessem saberes sobre o que experimentavam. Eles próprios tinham suas teorias sobre a prisão, que nada tinham a ver com uma teoria da delinquência, por exemplo. Não é por acaso que quando se ouvia os presidiários o que surgia era um discurso contra o poder, contra aquele jogo de forças que os taxava de delinquentes, e mantinha os intelectuais acadêmicos no pedestal da sabedoria sobre tudo e qualquer coisa que se toma por objeto de pesquisa (FOUCAULT; DELEUZE, 1979).

"Parece-me que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia a partir de duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, 'maldito', acusado de subversão, de imoralidade, etc.); em segundo lugar, seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade, descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas. Estas duas formas de politização não eram estranhas uma em relação à outra, embora não coincidissem necessariamente." (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p. 70)

Os saberes localizados constituem um outro projeto político, que entende a delimitação de fronteiras como possibilidade de objetividade. Fronteiras não como um sinônimo de limites, mas como lugar de passagem do pesquisador que transita de um lugar a outro, como uma zona de negociação. A radicalidade que se propõe esta objetividade implica em reconhecer que, em última instância, todo saber é localizado, pois só se pode conhecer a partir de algum lugar. E, ao contrário do que a tradição positivista nos ensinou,

isso não deve ser escondido, e sim trazido aos textos, explicitados de forma a deixar evidente as limitações e o alcance do que se produz. As experiências que aqui serão narradas carregam consigo datas, contextos, atravessamentos de toda uma vida, mas principalmente do presente. Além disso, são com as lentes do presente que me encontro com essas memórias para construir narrativas – mais uma vez, datadas neste mesmo presente. Portanto, cabe a mim como pesquisadora engajada em tal proposta, um exercício crítico "de reconhecimento de nossas próprias 'tecnologias semióticas' para a construção de sentido, e um compromisso a sério com explicações fiéis de um mundo 'real'" (HARAWAY, 1995, pp. 15-16), ou seja, um mundo experimentado.

O que tenho a dizer nessa pesquisa, que ocorre a partir de experiências, venho propositalmente trazendo em primeira pessoa, num constante exercício de trazer o quanto possível as forças que me atravessam e me constituem no momento de uma escrita que ocorre dentro de uma universidade, que como o próprio nome já sinaliza, tende a englobar, a fazer com que tudo caiba nesse universo produtor de saber. Um exercício, pois, muitas vezes não são passíveis de serem identificadas, ao menos não de imediato, enquanto se está imbuído de afetações, entendendo que esses afetos nada mais são do que as forças em jogo, que nos tomam, nos movem, nos atravessam e nos constituem. Neste sentido, Jeanne Fravret-Saada (2005), uma antropóloga tunisiana, nos fornece mais uma pista que ajuda a criar um caminho que mais uma vez difere da corrente dos saberes tradicionais acadêmicos com base positivista e cientificista. A pista que ela nos fornece questiona um saber que só considera a existência dos afetos para designá-los como mero produto de uma construção social que só tem importância dentro de tal construção, ou para destiná-lo a uma representação outra, desconsiderando-o tal como ele surge. Ao contrário disso, numa pesquisa que faz com a bruxaria numa cidade francesa chamada Bocage inclui a dimensão do afeto que revira o lugar do pesquisador europeu. Ser afetado não coincide com uma operação de conhecimento por uma empatia que supõe uma distância e tende a se aproximar através de representações calcadas em algo que já se conhece, nem numa empatia que ocorra por um mecanismo de identificação, de fusão com o outro. A autora no decorrer de sua pesquisa aposta em ocupar o lugar que lhe é designado pela população que realiza o ritual da bruxaria e, assim, acolher nela as forças que são invocadas naquele momento através de comunicações verbais e não verbais, e desprovidas de

intencionalidade. E é ocupando tal lugar, aceitando esse convite à experiência, que se entra em contato com um saber que não pode ser observado, apenas experimentado. E, dessa forma coloca-se em risco todo o conhecimento que se pensa ter sobre algo, já que se o conhecimento for onipresente, nada acontece, nada afeta.

O intelectual trazido na conversa de Foucault e Deleuze, assim como o cientista trazido por Haraway e os antropólogos por Favret-Saada, são os exemplos das forças tradicionais na academia, os efeitos do que os modelos acadêmicos produzem. Neste modelo, o acadêmico se autoriza a dizer por aqueles que não "podem" fazê-lo por falta de consciência e eloquência, no entanto, a academia cada vez mais vem se deparando com o fato de que as massas não necessitam dela para saber os quês e os porquês do que lhes passa (FOUCAULT; DELEUZE, 1979). Não só sabem como dizem muito melhor do que os acadêmicos poderiam fazê-lo reproduzindo o mesmo jogo de forças que os coloca como objetos de pesquisa que reitera o lugar de onipotência e onipresença do saber acadêmico. A ocupação na UFF foi um exemplo vivo disso, onde populações à margem da academia vieram aos campus falar não só sobre como a PEC241/55 os afetaria, mas sobre o que já estava em jogo naquele momento em suas vidas. Sendo assim, o intelectual tem como papel não mais se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da 'verdade', da 'consciência', do discurso." (FOUCAULT; DELEUZE, 1979, p.70). E as teorias que se constroem já são em si uma prática, tendo em vista que performatizam um mundo já posto ou os mundos que se deseja, mas de maneira local e regional, nunca totalizadora (FOUCAULT; DELEUZE, 1979).

Perdoe-me aqui, leitor, se convoco muitos autores e pensamentos num esforço de ampliar os caminhos que se pretende percorrer nessa pesquisa. Mas sozinhos tendemos apenas a andar em círculos, não é mesmo? É preciso somar forças com aqueles que se quer traçar um plano comum, provocando encontros os mais diversificados quanto possível, que rompam os círculos fechados e desdobrem múltiplos caminhos. Ao trazer experiências, trago os encontros que me abriram colapsos, hesitações e consequentes desvios. Encontros com pessoas, lugares, situações; mas também com textos e saberes. E os colapsos não vêm organizados, esquematizados, de forma que se possa identificar causa e efeito de cada força que o produz. Eles vêm a partir de explosões onde se desorganiza e estilhaça tudo que



estava até então de alguma forma estruturado. Trata-se de uma aposta nos quais as percepções que temos das coisas tenham que se reorganizar. E, conseqüentemente, nossos regimes de sensibilidades e afetações também.

Neste caso, o esquecimento, contra o qual eu tanto lutava em minha juventude no intuito de conservar as memórias da maneira que ocorriam, se faz um aliado como força que faz o passado passar. O esquecimento "modela, seleciona e aciona aquilo que pode nos expandir, que pode lançar nossa memória para o futuro" (NASCIMENTO, 2011, p. 117) abrindo-a para novos agenciamentos e construindo novas narrativas e memórias que nos possibilitam desnaturalizar os fatos, as ideias totalizantes que universalizam sentidos únicos. O embaçado que ganham as experiências, antes entendidos como problema, passam a ser enxergados como a potência dessas memórias, a possibilidade de que se possa extrair o que delas permanece pulsante muito mais do que uma suposta unidade do que tais experiências foram. O que está em jogo nessas memórias, portanto, são as forças que apontam para aquilo que está em vias de ser, e para múltiplos sentidos que são abertos nesse jogo de forças.

"Portanto, é interpretação de um, ou melhor, de vários processos que não se esgotam nas linhas da escrita, mas as linhas se abrem para olhares que as vêem, e mesmo para o próprio autor que as desenhou, criando, assim, um campo infinito de possibilidades de interpretação, dependendo, é claro, do afeto que colore nosso olhar no momento em que caminhamos junto às linhas" (NASCIMENTO, 2011, pp. 113-114)

Se houve um momento de uma escrita que só se fazia reproduzindo conceitos, hoje não sei mais escrever se não através das experiências vividas, experimentadas! Os textos lidos já não movem a escrita por si só. É preciso o impulso das experiências para começar, reencontrar os movimentos tecidos pela vida, para que então o movimento da escrita seja disparado. Dar passagem aos movimentos, reconhecê-los e afirmá-los implica também num reconhecimento de que não é possível conhecer-se, mas somente transformar-se e destruir-se, assim prosseguir nesse estranho combate que nos atrai para fora de nós mesmos (BLANCHOT, 2005). Não à toa que lembranças de uma juventude até então esquecidas ganhem força no momento da escrita, trazendo à superfície movimentos que se mantiveram em silêncio no lapso entre uma escrita íntima e uma escrita acadêmica totalmente generalizante e impessoal. Na instância afirmativa da memória, pensar é igual a

criar, e as histórias que retornam nos mantêm ativos, demonstram o traçado da metamorfose das forças agindo em nossos corpos e os movimentos de diferenciação de nós mesmos (NASCIMENTO, 2011). Assim, nos permite criar novos sentidos para a existência a partir da própria vida. Histórias até então restritas a uma esfera individual e íntima podem ganhar caráter político, uma vez que num lugar ao qual não se tem acesso, são as forças dos fragmentos, muitas vezes impessoais que se destacam em sua potência de conexão (BLANCHOT, 2005). E essa é a aposta ao impulsionar as experiências para novas narrativas.

### **Os perigos de uma história Única: Porque contar outras histórias?**

Chimamanda Adichie, uma escritora feminista, nascida numa família de classe média de acadêmicos nigerianos, no vídeo TEDx "Os perigos de uma história única" traz seu trajeto, seu percurso de vida que vai aos poucos desmontando uma série de efeitos subjetivos produzidos por histórias oficiais com estatuto de verdade absoluta, ou como ela denomina "histórias únicas". Chimamanda conta que começou a ler precocemente entre os 2 e 4 anos, e a escrever aos 7. Suas leituras de quando criança e, posteriormente seus escritos sempre envolviam elementos semelhantes: pessoas brancas de olhos claros, que brincavam na neve e comiam maçãs em baixo de uma árvore, ou seja, lia histórias americanas e inglesas e, posteriormente, se baseava nas mesmas para fazer as suas. Com isso, afirma o quanto somos vulneráveis e impressionáveis diante de uma história, principalmente quando somos crianças. A escritora passou muito tempo acreditando que a realidade que era digna de ser reproduzida em um livro era uma que não experimentava nem se identificava. Os livros estrangeiros ao mesmo tempo que a apaixonavam e lhe despertavam a imaginação para um novo mundo, deixavam claro para ela que pessoas como ela de pele negra e cabelos crespos não existiam – e talvez não pudessem existir – na literatura. Até poder entrar em contato com livros africanos (que eram difíceis de serem encontrados, e pouco ofertados em comparação com os estrangeiros). O encontro com livros africanos salvou Chimamanda de ter uma única história do que é passível de se estar num livro.

Em seguida, a autora narra algumas histórias que viveu, tanto dos efeitos de uma história única em sua percepção sobre pessoas diferentes dela, quanto do lugar de quem é alvo dos clichês criados no imaginário das pessoas a partir da repetição de uma mesma história. Clichês estes permeados de uma crueldade piedosa que de antemão estabelecem hierarquias e lugares sociais pré-determinados que só poderiam ser desfeitos diante de algum encontro desestabilizante.

Quando pequena, havia uma criança que frequentava sua casa e a única coisa que lhe foi dita sobre o menino, é que era de uma família muito pobre. Via frequentemente seus pais fazendo doações de alimentos e roupas usadas para o menino e sua pobre família. Até que um dia foi visitar a aldeia em que menino vivia, e se surpreendeu imensamente ao se deparar com um belíssimo cesto, feito artesanalmente pelo pobre irmão do pobre menino. O que mais a surpreendeu foi a constatação de que alguém na família deste menino pudesse criar alguma coisa; afinal, a única informação que tinha sobre eles era sobre o quanto eram pobres, e assim não conseguia concebê-los como nada além de pobres. O mesmo ocorreu quando foi estudar nos EUA, e se deparou com uma colega de quarto que se chocou ao ver o quão bem Chimamanda falava inglês, à despeito da Nigéria ter a língua inglesa como oficial. Em seguida, a colega se mostrou frustrada por se deparar com alguém vinda do continente africano que não falasse uma língua tribal e, mais, ainda vinha de uma condição financeira semelhante à dela. As histórias conhecidas por sua colega de quarto sobre o continente africano só traziam elementos como tragédia, pobreza e miséria, na qual não era possível um africano ser similar a ela de alguma forma, restando apenas uma pena arrogante e bem-intencionada como sentimento, jamais alguma relação de igualdade. Há então uma fórmula para se criar uma história única: mostre um povo como uma coisa, como uma única coisa, repetidas e repetidas vezes, e eis o que eles se tornarão. Assim se criam os estereótipos, que não são falsos, mas são incompletos e reduzem uma existência constituída de múltiplos fatores, histórias e experiências a um único elemento.

Ao me deparar com as palavras de Adichie, com suas histórias que não só desestabilizam os estereótipos mas também nos oferecem ferramentas para pensar sobre como estes se constroem e se proliferam, e rapidamente se naturalizam, sou levada a pensar nos rumos das narrações de minha própria pesquisa. Qual a importância de se contar outras histórias para além das oficialmente reconhecidas? Os lugares e acontecimentos aqui

pesquisados também carregam sentidos partilhados socialmente, possuem memórias sociais que podem encerrá-los em si mesmos, e carregam palavras chaves com eles em linhas mais gerais. Arriscaria aqui algumas destas palavras-chave, no caso de La Borde, suponho, para quem já estudou ou ouviu falar na clínica, que rapidamente remeta ao campo da saúde mental, as teorias da Psicoterapia Institucional, à Guattari. Se formos pensar nas Ocupações de 2016 nas universidades remetem a PEC241, a movimentos autônomos. É claro que as palavras chaves se conectam com as histórias que cada um desses lugares carrega, não são falsas. Mas não são elas que pretendo trazer. Elas estão presentes, possivelmente atravessarão esta escrita, mas não encerram as possibilidades de memórias a serem criadas e narradas sobre tais experiências.

Não me interessa também que ao fim desta pesquisa, as palavras chaves socialmente reconhecidas sejam substituídas por outras. Isso só sustentaria o mesmo jogo de poder que reduz uma multiplicidade de forças a um único elemento fazendo dele sua verdade que se confunde com sua única possibilidade. Mais uma vez recorrendo a Mizoguchi (2015), a política da narratividade implica em percursos sempre inconclusos, já que inconcluso é tudo o que constitui uma pesquisa: o sujeito, os percursos, o território e as linhas que compõem o mundo.

Talvez nesse momento da pesquisa me interesse mais pelas sutilezas que tendem a passar despercebidas, mas não menos importantes. Esses movimentos quase invisíveis que também criam marcas que venho carregando desde então. Há tempos atrás, não sabia o que diferenciava água de banho (*eau de toilette*) da água de perfume (*eau de parfum*) na hora de escolher um perfume. Até que alguém me explicou que a água de banho na verdade era um perfume menos concentrado, de menor duração e, portanto, de menor qualidade. E, desde então entendi essas diferenças como tal. Neste período na França, em La Borde, um belo dia resolvi comprar um perfume baratinho, pra usar no dia-a-dia antes de iniciar as jornadas de trabalho pelas manhãs. Escolhi uma água de banho, bem fraquinha, e comecei a usá-la achando que seria imperceptível, exceto para mim. Para minha surpresa, aquela leve fragrância que me agradava e ao mesmo tempo me parecia quase indiferente, foi comentada por muitos pensionistas de La Borde. Logo na primeira manhã em que uso aquela água de banho, era como se eu chegasse com uma roupa nova, ou tivesse alterado visivelmente algo em minha aparência: "Nossa, você está com um perfume novo!". Mas o

curioso, foi um dos pensionistas, de quem eu gostava bastante, que começou a discorrer sobre toda uma percepção que tinha sobre os perfumes, na qual as águas de banho lhe pareciam muito mais interessantes do que as águas de perfume (que até então eu entendia como de melhor qualidade). Ele rapidamente identificou que o perfume que eu usava era uma água de banho, sem titubear – distinção que eu jamais seria capaz de fazer. Além disso, também passou um tempo explicando minuciosamente os motivos de sua preferência pelos aromas mais "fracos". Dentre gesticulações e adjetivações que, infelizmente, eu não seria capaz de recordar e expressar aqui tão bem como ele o fazia, este pensionista trazia uma percepção um tanto sensível que valorava a sutileza e a delicadeza dos odores que, ao fim desta conversa, pude constatar que não eram menos expressivos, mas se expressavam em sua suavidade. Conectava com lembranças, trazia imagens de cheiros de pessoas recém-saídas de banhos, por exemplo; ou imagens que remetiam a um certo frescor. E, diante daquela percepção tão rica em detalhes e minúcias que me eram ali narradas, como efeito, não tive como não alterar minha opinião sobre o que dizia respeito à qualidade das águas de banho. Elas agora estavam repletas de imagens e novos sentidos a partir deste dia.

As experiências, as memórias e as narrativas, assim como os conceitos que as embasam, surgem não mais do que como acontecimentos no contemporâneo dos quais talvez se possa extrair forças que se conectem com a vida em expansão. Ao menos com a vida desta que pesquisa. Se há forças em jogo no contemporâneo que me levam a crer que *talvez eu não queira sobreviver a isso*, é preciso buscar nele próprio os meios de sobrevivência. Talvez a sobrevivência seja contando experiências outras, pra que não tenhamos apenas histórias únicas, e que a criação de novas histórias e, conseqüentemente novos mundos, sejam uma possibilidade. Mas não se esgota aí, pois de acordo com Mizoguchi (2015), citando o que Blanchot chama de inominável, é possível através de uma política da narratividade se aproximar de uma fala que atravessa sem pedir licença àquele que escuta, e assim exclui toda a possibilidade de intimidade, sendo algo que já não se pode fazer calar.

## Capítulo 2: Invasões bárbaras

Acordei de manhã com meu pai saindo meio atrasado e dizendo tchau. Demoro a levantar, como de costume nos dias frios, e de repente reparo um barulho de vassoura na sala. Ué, mas hoje é quarta! Não é dia de faxina... Deveria ter havido alguma mudança e a moça que costuma fazer faxina ter trocado a sexta pela quarta. Me levanto, e me deparo com uma mulher loira, como era essa moça que ia lá em casa semanalmente, mas logo vi que não era a mesma. Me apresento e tento puxar assunto, no intuito de conhecer a nova moça que agora fazia faxina em minha casa. A moça apenas diz seu nome, mas percebo que não quer muito assunto. Fico desconfortável com uma desconhecida em casa, sem entender muito bem o que havia acontecido. Será que a antiga moça, de quem gostava, foi embora de vez? Seria apenas uma substituição temporária? Seria só o dia de hoje?

Resolvo sair na rua ainda pela manhã, rumo a uma padaria. Depois volto, sem ter muita certeza do motivo que me levava até lá. De repente começava a me lembrar dos afazeres daquele dia: precisava voltar pra casa, trocar de roupa, e ir malhar ainda pela manhã. Depois ainda haveria um longo dia de estudos pela frente. No meio do caminho, resolvo pegar um uber, no intuito de ganhar mais tempo. Quando estou chegando perto de casa, vejo muitos carros de polícia na rua. Fico com medo, e o motorista me aconselha a não voltar para casa naquele momento, pois era provável que a polícia estivesse se preparando para atacar o morro que fica em frente ao prédio que moro.

Acho estranho aquilo tudo. O que a polícia teria a fazer naquele pequeno morro inofensivo, sem tráfico, sem nada além de poucas casas? Ao mesmo tempo, não duvido desta hipótese e opto por mudar meu trajeto. O motorista de uber se torna uma parceria naquele momento. Seguimos de carro meio à deriva. Vamos parar num murrinho na Ilha da Conceição, onde há apenas uma casa solitária em seu topo. Sentamos na rua daquela casa e ficamos fazendo hora, e acompanhando pela internet se a polícia ainda permanecia no local. Sai uma moça simpática daquela casa, e se junta a nós. Era uma moça muito bonita, com um ar de camponesa, que dizia encontrar sossego ali naquela região e naquela casa, que se encontrava mais isolada do movimento da cidade. Papo vai, papo vem e, de repente, a moça revela seu segredo: ela abaixa as calças e revela um pênis. O motorista de uber

solidariamente lhe ensina uma técnica de disfarçar seu pênis quando necessário, e alerta que pode ser útil em alguns momentos em que queira passar despercebida.

A vista do alto do morro é bonita, mas o dia já começa a escurecer, e a impossibilidade de voltar para casa começa a me angustiar. Lá se foi mais um dia sem fazer meus exercícios! Lá se foi mais um dia sem conseguir parar para estudar! Quero voltar para casa desesperadamente, no intuito de aproveitar o que ainda restava de tempo naquela quarta-feira. Mas a polícia ainda se mantinha perto de casa. Cogito ir assim mesmo e correr o risco. Não conseguia mais suportar estar na rua com tantas pendências em casa. O motorista do uber mais uma vez me aconselha a esperar, mas diz que se eu quisesse mesmo ir para casa, ele me deixaria em algum lugar fácil de pegar uma outra condução. Fico na dúvida, e não há o menor sinal da polícia sair do local.

A essa altura só queria voltar para casa e me sentir abrigada de novo. A essa altura já havia me despedido da moça solitária no alto do morro, e lhe desejei sorte na vida. Me deparo com o fato de que não sei quando conseguirei voltar para casa. A angústia aumenta, até que me dou conta de que estou num sonho. Mas isso não acalma os ânimos. Quero acordar! Preciso acordar! Há muito o que fazer no dia de hoje. Ainda preciso malhar e estudar! A manhã está passando enquanto durmo e sonho, e ainda por cima, um sonho desagradável!

Mas o fato de querer acordar não me libera do sonho. Faço força, e nada. Continuo nele, não tenho controle. Percebo que não há o que fazer, preciso esperar que o sonho acabe. Só me restava esperar, e ter paciência. Fico esperando, e só depois de algum tempo de espera, ele acaba.

### **Um engasgo: uma pedra na máquina que não para de correr.**

No momento de retomar as experiências, de me reaproximar das memórias nas quais busco potências, percebo que algo trava. Algo em mim, me leva para todos os lugares possíveis, e evita os caminhos que me reaproximam das memórias de La Borde. E já não se trata mais só de La Borde. A experiência se presentifica e carrega novos rastros de outros

vividos. La Borde já não vem mais só, aquelas cenas já não têm mais vida própria como se falassem por mim – ainda que permaneçam muito vivas e presentes. Agora há um emaranhado de outros acontecimentos que se seguiram desde então, produzindo novos atravessamentos e outras perspectivas. Talvez valha aqui me debruçar um pouco sobre as Ocupações na Universidade Federal Fluminense como algo que interpela a própria experiência de pesquisar, antes de me lançar sobre um pequeno outro mundo que se esconde nos bosques de um país estrangeiro.

Tais movimentos, na verdade foram iniciados por secundaristas de escolas públicas em São Paulo. E o que começava de forma tímida e local, foi se alastrando por diversos estados no Brasil, ocupando, além das escolas, universidades públicas no ano de 2016. Foram mais de 200 escolas ocupadas só no estado de São Paulo, mas foram crescendo e ganhando proporções nacionais. Nas palavras de Peter Pal Pelbart (2016a) em "Carta Aberta aos Secundaristas", as Ocupações constituíram para todos nós não só um respiro em meio a tempos sufocantes, mas também se fizeram como abertura para criação e inventividade pela maneira democrática e autogestiva com que se sustentou. E, principalmente, foram uma verdadeira aula de ética e política.

Quando chegaram à UFF vieram com tal força que, para nós, alunos da pós-graduação, a questão se colocou de forma diferente do habitual. A pós-graduação tendia a ficar de fora dos movimentos de greve, ou de movimentações em geral que suspendessem suas atividades ou colocassem seus prazos, cada vez mais burocratizados, em cheque. Os argumentos já eram conhecidos. Os calendários, a preocupação com os possíveis atrasos nas defesas, o medo de sermos penalizados pelas instituições de fomento perdendo assim bolsas de estudo, a redução da nota do programa e seus efeitos de retaliação. Tudo isso era bastante sério, e a consequência era uma certa naturalização desse funcionamento “diferenciado” entre graduação e pós. Além disso, grande parte dos alunos da pós-graduação eram trabalhadores, o que por si só, implicava numa outra forma de relação com a universidade, uma outra disponibilidade. Não se queria mexer no tempo da pós e, por consequência, também não se queria mexer em seu funcionamento.

No momento então que as ocupações emergem, a velha questão também chega de forma diferente para nós, alunos da pós-graduação. Ao invés de "vamos ou não aderir às



ocupações?", nos vemos as avessas com "como podemos compor com as ocupações?". Desde nossa primeira reunião, de alguma forma ficou evidente para nós o desejo de nos colocarmos juntos àquele movimento, que chega de certa forma trazendo um alívio junto com tantos estranhamentos às formas já institucionalizadas na universidade. O alívio de colocar falsas urgências em seu devido lugar. Além de um convite a se mobilizar diante das atrocidades propostas pelo novo governo que vinham ganhando força na velocidade da luz. De que importariam prazos, produções, exigências da universidade num momento que a própria universidade se via ameaçada?

Tudo começa com um inimigo comum: a PEC 241/55, já mencionada anteriormente. Retomando em linhas mais gerais, um Projeto de Emenda Constitucional que propunha um grande corte nos gastos com os setores públicos do país. Nesse momento em que o público fica ameaçado pela política de Estado, as aulas saem de suas salinhas fechadas, todas as atividades tornam-se públicas e abertas a qualquer passante nos pilotis daqueles blocos. As temáticas também extrapolam as ementas da pós-graduação. Era preciso ressaltar e discutir o que estaríamos prestes a enfrentar com a aprovação daquela PEC. De um dia pro outro, a dinâmica daquela universidade é virada pelo avesso. Os alunos tomaram os prédios, e o que eram salas de aula, de repente, tornam-se dormitórios. Os banheiros de um dos andares trocam: o que era feminino vira masculino, e vice-versa, além da livre circulação de pessoas trans pelos banheiros que julgassem mais adequados. Alunos experimentando a força de um movimento coletivo, autogestivo; a pós-graduação compondo pela primeira vez: "passasse a desejar o que antes era impensável [...] a fronteira entre o intolerável e o desejável se desloca" (PELBART, 2016a, p.10). E, se alguém pretendia seguir habitando aquela universidade no automatismo, isso já não era mais uma possibilidade.

"Se até então parecia natural que quem decidia sobre os equipamentos escolares eram os gestores, nos seus gabinetes, subitamente isso aparece como uma aberração intolerável para aqueles a quem tais equipamentos supostamente estão destinados. Com isso, toda uma série de coisas torna-se intolerável. A mercantilização da educação, as relações de poder vigentes dentro da escola, a disciplina panóptica, os modos desgastados de ensino, aprendizado, avaliação, até mesmo objetivo da escola" (PELBART, 2016a, p. 9).

Não só os espaços já não respondiam às mesmas funções, mas também nós, e os lugares que lá ocupávamos. A mudança repentina acontece de forma endurecida. A entrada e saída do prédio das pessoas tinha que passar pelo crivo de uma pequena comissão

constituída de estudantes. Por vezes, ficamos impedidos de usar os banheiros, tendo que nos deslocarmos até outros blocos, que também estavam ocupados por estudantes e, mais uma vez, era preciso pedir permissão. Se fossem professores então, a desconfiança talvez fosse maior. Alguns ficaram impedidos, por exemplo, de buscar alguns pertences que ficaram presos nas salas naquela primeira semana.

Como participaríamos das ocupações? Isso era outra questão. A princípio me parecia que para estarmos efetivamente participando, teríamos que seguir os passos dos graduandos, fazer o mesmo que faziam, se ocupar das mesmas responsabilidades. Havia quem dissesse, que para estar lá, era preciso se engajar nas responsabilidades que por vezes começavam a pesar para os graduandos. Mas já não éramos mais graduandos, com toda uma carga horária disponível para dormirmos e acordarmos dentro da UFF. Imagino que, até mesmo para os graduandos, isso não era uma realidade uniforme: alguns certamente teriam outras responsabilidades fora daquele espaço que não poderiam ser ignoradas. Era o momento de se construir um plano comum (KASTRUP; PASSOS, 2014), que não deve ser confundido com homogêneo, ainda que se faça com frequência essa identificação. O comum não está dado, tem a experiência como ponto de partida para sua construção, e não diz exatamente um aglomerado de similaridades. Ao contrário, tem como sua figura oposta o particular (que vai no sentido do *privado*), que sempre ameaça absorvê-lo caso o espaço comunitário se feche e se delimite desenvolvendo práticas para identificar quem está dentro e quem está fora daquele regime de semelhanças: cria-se um regime de inclusão-exclusão que tende a um agrupamento por uniformização quando o comum é confundido com o homogêneo.

Ouvia muitos de meus colegas dizerem que vinham à universidade buscando um cuidado consigo e com as práticas que exercem nos dispositivos de saúde, judiciários, clínicos, entre outros. De fato, a construção de uma dissertação ou tese nos coloca num movimento de inquietação de nossas práticas, pensamentos e certezas; a pesquisa abre caminhos para um exercício ético sobre como estamos nos conduzindo, não só nos trabalhos que exercemos, mas em última instância, na vida que queremos afirmar. Ao mesmo tempo, ao longo desses dois anos em que se entra buscando um cuidado, quantos de nós já não adoeceram dentro da pós-graduação? Quantos alunos de tantas pós-graduações por aí não adoecem. O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? Como é

que se produz relações de cuidado sem se inquietar com essa dinâmica produtivista reproduzida na própria pós-graduação? Apesar de tanto criticarmos, produzimos pesquisas que vão de encontro a esse funcionamento, frequentemente nos vemos engolidos por essa mesma lógica produtivista massificadora, não conseguindo nos separar dela para efetivamente trazeremos aquilo que construímos como saber para nossas práticas. Está aí, um dos efeitos da separação entre sujeito e objeto, teoria e prática, e tantas dicotomizações que, em nós, produzem um funcionamento cindido entre o que pensamos e o que praticamos. É claro que muitos de nós adoecerão.

Sem muito pensar ou ter lucidez dessas questões que hoje ganharam mais consistência, no momento de pensar uma composição, os alunos da pós abriram um espaço chamado Saúde Na Ocupa. As ocupações já estavam sendo um respiro: respiro esse que não teve nada de pacífico ou apaziguador, mas sim um efeito de trazer novos ares, um pouco de oxigênio que, ao mesmo tempo que enche nossos pulmões, circula em nossos corpos fazendo com que nos mantenhamos vivos, também oxida<sup>10</sup> algumas de nossas velhas partículas. O Saúde Na Ocupa foi, então, um respiro dentro das ocupações. A ideia era bem simples, passava longe de grandes elaborações teórico-metodológicas-clínicas: a oferta de um espaço de apoio, cuidado e acolhimento aos estudantes que já começavam a sentir o desgaste e estresse de gerir aqueles prédios e suas atividades em tempo integral. Ocupar aqueles prédios não era tão simples, envolvia uma grande articulação no que dizia respeito às refeições (preparar, limpar, cozinhar em larga escala), limpeza, vigilância dos prédios nos turnos da noite, seleção das atividades que comporiam a programação do dia seguinte (nem todas as atividades eram aceitas, haviam temáticas a serem seguidas).

Nesse espaço (que não era exatamente delimitado geograficamente), começamos a estender cangas no pouco gramado que ainda resta em frente aos blocos, trazer garrafas térmicas para chás e infusões. Havia alguns de nós que conheciam técnicas de reiki, alongamento, Yoga, massagem, e mesmo os que não possuíam tais técnicas, ensaiaram tais movimentos, às vezes em si, às vezes no outro, o que antes de mais nada, criava uma aproximação. Os saberes da Grande Psicologia racionalista e intelectualizada foram quase que esquecidos, ou pairavam em segundo plano. Estávamos mais preocupados em criar um

---

<sup>10</sup> Modernamente, o termo "oxidação" significa "perder elétrons", ou ainda "aumento da reatividade" que por vezes podem causar lesões ou morte das células. Fonte: wikipedia

espaço acolhedor e receptivo, em estarmos juntos. Houve também dias em que foram necessárias as quatro paredes, e que as salas de aula foram ferramenta para um acolhimento grupal no qual a palavra pudesse circular mais à vontade. Foi a volta das manifestações em Brasília em que se experimentaram muitas violências no dia 29/11/2016, que, segundo o relato de um militante bem próximo e velho de guerra, foi o maior ato já visto em Brasília (calculava ele que havia em torno de 100 mil manifestantes), e talvez o mais violento. A polícia havia cometido verdadeiras barbaridades e tamanha covardia. Despacharam centenas de bombas, perseguiram manifestantes e, por último usaram a cavalaria. Houve um grande número de feridos, e inúmeros relatos falavam de pessoas que permaneceram quase 24h desaparecidas. Tudo isso, em nós, foi produzindo encontros e afetações, seja pela presença nos acontecimentos, seja pelas narrativas de colegas.

A Saúde Na Ocupa e as programações propostas pelas Ocupações foram criando a possibilidade de ir pra UFF com objetivos cada vez menos delimitados, por vezes, apenas de se encontrar. Conhecer os colegas da pós-graduação e da graduação foi um dos efeitos. Escolher qual das inúmeras programações participar e por vezes optar por nenhuma delas. Poder ouvir outras vozes, outros sotaques, outros temas, aquilo que não se ouve comumente no cotidiano de uma universidade, apesar de muito se falar a respeito. Encontrar saberes da experiência, da carne, dos corpos: menos teóricos, mais sensíveis e não menos necessários. A possibilidade de se surpreender, tanto para o bem quanto para o mal. Chegar alguns dias sem saber o que iria acontecer, e não encontrar nada nem ninguém. Chegar outros dias sem saber o que iria acontecer, e encontrar outros mundos. Abriu-se, não só um campo para experimentação, mas também para os encontros.

Toda essa efervescência teve como efeito uma modulação na temporalidade capitalista. Naqueles 50 dias, um rolo compressor que enquadra a todos nós, comprimindo existências em moldes de subjetividades através daquelas velhas preocupações com os prazos, datas, metas e produções ia se dissipando, às vezes até caindo em esquecimento. As angústias com os prazos eram ofuscadas por outras inquietações. De minha parte, houve um engasgo, e uma consequente atenção maior a como habitamos essa temporalidade cronológica que também produz seus enquadres em segundos-minutos-horas-dias-meses-anos. 8h para dormir, necessariamente durante a noite (que aos poucos vão virando 6h, 5h...), as 2h que antes era o tempo de intervalo de almoço quando entrei na UFF, já

mudaram para 1h (30 minutos em tantos lugares, ou às vezes nem isso, pois também pode ser comercializado em horas de trabalho), e de resto, produza. A questão que emerge nessa relação com o enquadre de um tempo que se pretende a todo instante preenchido por urgências que nos são alheias acaba por levar também ao enquadre do corpo e suas possibilidades. Sem tempo, deixamos de experimentar outras possibilidades do que fazer de si, o que fazer deste tempo que nos é roubado na forma de enquadres não só de produtividade, mas também de fórmulas de uma vida saudável calcadas em estudos de base científica<sup>11</sup>. Nas palavras da colega uruguaia Júlia Gambetta, que pesquisa corpo e a constituição das mulheres da América Latina, a Modernidade cria uma relação abusiva com os corpos, um empobrecimento das potências de um corpo. O corpo é reduzido à sua genitália e à sua força de trabalho: ou seja, ao que a eles instituímos como função, como utilidade (reprodução e mão de obra). Os corpos são constituídos como engrenagem da máquina capitalística, para que ela nunca pare e nunca se supere. Como então criar linhas de fuga para, antes de mais nada, habitar nossos corpos?

Durante esses 50 dias, as Ocupações modularam esses corpos na relação com muitas coisas, dentre elas com o tempo, levando-se em consideração que efeitos a maneira com que nos relacionamos com o tempo produz em nossos corpos. 50 dias que mais pareceram um semestre inteiro. Foram dias intensos que produziram outras formas de se relacionar com a temporalidade, mas não só: os encontros com saberes vindos fora da universidade também abalaram nossas estruturas. Além disso foi um momento de se bagunçar hierarquias e lugares estabelecidos, e se debruçar na questão: o que queremos da universidade? O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? A vida não pode ser apenas adaptação a um sistema, como propõe Maciel Júnior (2017), há que se criar espaço para o impulso criador e libertário, que dê vazão a outras existências. As ocupações impulsionadas pelos estudantes de graduação produziram "um corte na continuidade do nosso tempo político" (PELBART, 2016a, p.7), mas também um corte naquela linearidade na qual se programava cursar dois anos de mestrado, produzindo desvios em todo o percurso que se seguiu desde então.

---

<sup>11</sup> Para Pelbart (2016) há uma tirania da corporeidade perfeita que tem como objetivo o alcance de um corpo de saúde, beleza, boa forma, felicidade através de coerção contemporânea, que pode ser entendido como *corpo fascista*. É um modelo que ao mesmo tempo é inalcançável, relega à boa parcela da população uma condição de inferioridade sub-humana, o que seria uma forma atualizada que remete aos riscos da *eugenia*. Ver O Averso do Niilismo - Cartografias do Esgotamento, p.28.

## Do corpo utópico ao cuidado de si

Hoje, talvez só consiga pensar os efeitos, os desvios que então vieram. Falar das ocupações já não é tão simples como havia calculado. Assim como La Borde, guardava das ocupações lembranças de um momento alegre vivido. Que também não pode ser pensado alegre numa completude, já que não há como rememorar tal acontecimento sem que junto se lembre de todo o entorno. E quanto as forças do entorno, estas eram pouco amigáveis. O cenário macro-político era terrível, a recém entrada no mestrado não foi das mais alegres. A fragilidade parecia vir de todos os lados. Já havia optado por não mais falar da experiência no quilombo, achando que seria o suficiente. Mas as ocupações também me põe as voltas com questões da mesma ordem. Elas remetem a um momento no qual as escolhas nas quais tinha apostado, mais pareciam-me um fardo, do qual não poderia fugir pelos próximos dois anos que mal começavam. Na verdade, até podia. Desistir do mestrado às vezes parecia uma opção, mas não menos frustrante. Tudo isso se revela mais vivo do que eu poderia supor a essa altura. A escrita mais uma vez atravança, hesita, se cansa. As cenas passam a ser ofuscadas por estes efeitos *analísadores*.

Naquele momento, às vezes pensava que talvez valesse mais seguir num automatismo e encarar o que se colocava, sem pensar muito: já começava a pensar que devia fazer uma pesquisa *qualquer*, só para acabar logo com isso, de preferência sem me abalar mais do que já estava. Mas não foi para isso que eu entrei. Vieram as ocupações. Ufa... algum tempo para pensar, sem ser entupida de aulas e obrigações. E, nesse tempo para pensar, criava-se também um tempo para estar, encontrar, habitar aquela UFF de outra maneira. De repente, me via passando mais tempo naquela universidade do que passava antes, frequentando as matérias. Talvez não se tratasse tanto de um quantitativo de tempo despendido, ou de como calculá-lo para que rendesse melhor em linhas escritas, num problema de pesquisa delimitado. Mas no momento de se debruçar sobre as ocupações para a escrita, o que comparece é um cansaço acompanhado de algum esmorecimento. Percebo isso ao mesmo tempo que me dou conta de um velho conhecido movimento de escrita. Me esconder atrás de palavras já ditas pelos autores respeitados e do que foi teorizado, sem aparecer na experiência vivida, no entanto, já soa como uma trapaça. Isso também já não é mais uma

possibilidade. Eu mesma já não aguento mais ler conceitos por conceitos. Eles, por si só, dizem muito pouco, ou quase nada se não ganham utilidade prática, se não encontram com uma vida acontecendo.

E a mesma questão que havia me proposto a falar à partir das ocupações, é a que agora me vira às avessas: o que fazer diante desse *chronos*? Como alargá-lo para criar possíveis, mais do que bater metas. A proposta de se falar sobre as ocupações na UFF era justamente trazer essa dimensão dos efeitos de um tempo capitalista na universidade que, ao mesmo tempo em que se propõe a combatê-lo, está tão dentro deste funcionamento que mal consegue se pensar fora dele. Tento iniciar o encontro com essas memórias de um momento em que se habitou a universidade de outras maneiras, de que foram criados outros usos daqueles espaços e ao mesmo tempo uma diferente dobra naquela temporalidade. De repente, passava-se mais horas na UFF do que antes e o tempo não era um problema. Algo se alterava em nossos corpos, nas formas de habitá-los, nas formas de habitar o tempo e a UFF. No entanto, a sensação de agora, quando paro para falar das Ocupações e o que produziram de relação com o tempo – que no texto trago de início, mas que, se pensarmos numa linearidade da produção, ficou por último - tenho a sensação de que não há mais tempo para isso.

Tento tomar tal efeito como analisador. Do que isso diz? Quero falar sobre dobras no tempo, mas não tenho tempo? Talvez esteja eu mais uma vez imersa demais na lógica capitalística produtivista de se habitar o tempo e traçar metas a serem batidas, acabo perdendo meus possíveis pensando na quantidade de páginas a serem atingidas, nos conceitos que *precisam* ser trabalhados, numa forma que eu mesma havia sugerido e criado, mas que talvez precise perder um pouco a rigidez para poder se movimentar. Talvez os afetos trazidos pelas lembranças das ocupações também não fizessem parte deste *cálculo* cronológico. A experiência das ocupações produz um engasgo. No entanto, ficou para o momento final do trabalho...

Tendia a pensar que era questão de administrar o tempo, que precisava organizar muitas horas ininterruptas para me debruçar sob tais questões. Mas organizo esse tempo como tal – o que de fato, me ajuda e possibilita uma escrita – e vejo que não é o bastante. Do que se trata essa impossibilidade de escrever que persiste, mesmo quando as horas são

organizadas a seu favor? Não é falta de tempo, começo a perceber... Para onde foram os possíveis? Um mês, três semanas, duas... o que é possível ainda nesse *chronos*? Há possíveis, talvez não mais os mesmos planejados. Não acolher o que há de movediço nesses planos, me põe numa relação de cumprir uma meta ao escrever sobre um tema. Achei que já tinha passado da fase, que já havia me despedido desses ideais maléficis, mas eles ainda aparecem com força.

Quantos não são os afetos que perpassam uma batalha neste si constituído de forças em guerra, que experimenta no corpo as forças do mundo. A branquinha dos olhos claros ia mesmo querer trazer uma experiência afirmando potência num país colonizador, a essa altura? Enquanto todos os embates no contemporâneo e na própria universidade e, principalmente, durante as próprias ocupações denunciavam os terríveis efeitos da colonização em nossa subjetividade colonizada/colonialista? Já havia abandonado o quilombo, como uma afirmação de um cuidado e de uma ética. O que me restava, então? Desde a entrada no mestrado, não era raro que sentisse uma imensa vergonha de ser classe média, de ser branca, e desse modo de vida burguês que me atravessa e me constitui, ainda que não seja o que eu queira afirmar. Nos encontros com modos de vida indígenas, trans, negros e outros demais povos ou grupos que se mantêm fora da universidade (ou, quando entram, sentem-se objetificados nas pesquisas), imediatamente entrava em contato também com suas estratégias de resistências, estratégias que até hoje os mantêm vivos. Eles nos davam um banho no que diz respeito à coletivos. Por um lado, talvez não fosse de todo ruim essa vergonha, já que de alguma forma esses encontros escancaravam a debilidade desse modo de vida burguês, neurótico de classe média predominante e propagado como imperativo político que se sustenta como pilar da sociedade capitalista. É através desse modo instituído como imperativo que se dizima cotidianamente modos de vida minoritários “não apenas mais frágeis, precários, vulneráveis (pobres, loucos, autistas), mas também mais hesitantes, dissidentes, ora tradicionais (povos da floresta) ora, ao contrário, ainda nascentes, tateantes, ou mesmo experimentais” (PELBART, 2016, p. 404). Era a nossa miséria existencial lançada pra jogo, ainda que, para isso, não fosse necessário fazer nenhuma denúncia. Reconhecia-se quem estivesse disposto e aberto ao encontro.

Mas por outro lado, a mesma vergonha também produzia outros efeitos. Estes, já menos mobilizadores, como uma vontade de se esconder, sentir que não tinha nada a dizer.



Que do meu lugar, só teria a dizer o já dito, reproduzir o mesmo sistema, o mesmo jogo de poder que já vem sendo sustentado na universidade, e no mundo. Ou então, reproduzir os discursos das minorias das quais não fazia parte. Em ambas as situações, tomando um corpo como pronto e acabado, essencializando e reduzindo este mesmo às marcas visíveis aos olhos. Apaga-se assim tantas outras marcas que constituem este corpo, e sua dimensão de abertura de inacabado. Nosso corpo, como já disse Foucault (2013) não é representação das utopias que para eles criamos. E é dele que não podemos nos desfazer; a partir dele que seremos vistos, que podemos experimentar andar nas ruas, falar, ouvir. É sob esta pele, branca, que se carrega marcas visíveis e construídas socialmente, mas também não visíveis. O corpo é o contrário da utopia, pois jamais se encontra sob outro céu.

Nossas utopias nascem do nosso próprio corpo, ainda que depois se voltem contra ele. Voltar a universidade nesse momento, em que essa mesma vivia um turbilhão de questionamentos e disputas envolvendo a chegada de novos saberes, querendo estudar os *velhos* cânones, às vezes me parecia soar no mínimo como uma caretice, pra não dizer um desserviço. Ao mesmo tempo, colocando as coisas dessa maneira, acabo por sustentar as mesmas dicotomias que produzem os antagonistas, novo x velho, revolucionário x conservador, colonizador x colonizado, entre tantas outras. E, assim, conseqüentemente, não há outra relação consigo que não seja a do julgamento. É ele que impede a construção de qualquer novo modo de existência. Um corpo constitui uma vida através de suas próprias forças, aquelas que sabe captar e delas fazer uso, e isso vale por si só na medida em que forja uma nova combinação. É preciso fazer existir ao invés de julgar (DELEUZE apud PELBART, 2016). No final das contas, é o próprio corpo que retorna seu poder utópico contra si dando abertura ao que é da moral, do sagrado, do transcendente, que tem por efeito uma negação de si. O corpo, no entanto, é o marco zero, é a partir dele que se experimenta o mundo, é em torno dele, em relação a ele como marco que as coisas estão dispostas; é dele que tomamos nossas referências, criamos proximidades e distâncias, zonas de avizinhamiento. É nele que os caminhos e espaços se cruzam, a partir dele eu falo, sonho, sinto, imagino, percebo as coisas em seus lugares ou as nego pelas utopias que dele se criam (FOUCAULT, 2013). E é sempre a partir dele, de onde se está, e não das outras referências com as quais nos encontramos. O corpo é nosso meio de acesso ao mundo.

É preciso cuidado para que nossas utopias não apaguem nosso corpo, que este corpo lamacento, imundo – porque no mundo - não seja massacrado pela alma, pelos gênios e as fadas, ou seja lá o que mais inventarmos (FOUCAULT, 2013). Por sorte, este corpo também já não se deixa reduzir tão facilmente. Já está cansado dessa busca de utopias que se voltam contra ele, e às quais nunca se chega. Se esgotou da busca do transcendental, de um saltar mais a frente e mais rápido, de forma que esse marco zero pudesse partir de outro ponto, supostamente adiantado. Pressupondo uma linha de partida (que nunca é a que se está) e uma linha de chegada (que jamais se alcançará). Um modelo através do qual a vida possível se adia.

A partir dos modelos, só nos resta julgar o que não se enquadra em suas linhas de contorno. Que impotência... Por sorte, eles já não vestem muito bem. Há sempre uma dobrinha que escapa, um pedacinho que o recusa: o modelo já não cabe mais nesse corpo que busca seus próprios ajustes. Há algo de si que já se estranha nos modelos, naquilo que não abarca a experiência e os afetos. O corpo, afinal, também tem suas próprias fontes de fantástico, pode transitar por outros lugares; tatuar-se, maquiar-se, mascarar-se, buscar a comunicação com poderes secretos e forças invisíveis: o corpo pode ser lançado de seu espaço próprio e projetado num espaço outro através da experiência (FOUCAULT, 2013). Além disso, não são todas as marcas e forças que precisam se tornar visíveis.

Chego então à questão do cuidado de si, que foi um dos poucos projetos que se mantiveram do início ao fim deste trabalho. Mas que, ao mesmo tempo, não fez presença com tanta naturalidade na escrita, uma vez que a pesquisadora que se debruça sobre o assunto tão dedicadamente estudado, nem sempre conseguia usar o conceito a seu favor, e tantas vezes se viu incapacitada de estabelecer um cuidado consigo mesma. E, ao mesmo tempo, é dessa impossibilidade, dessa dificuldade, que ele aparece com mais urgência. Vai ganhando aos poucos um tônus que nem sempre as leituras conferem logo de cara. O cuidado, que aqui pretendo afirmar, não se trata da ideia de senso comum da noção de um cuidado cristão - ainda que este, tenha sido derivado da mesma época, num certo jogo de forças que o conferiu como estatuto dominante ao longo da Grande História. Ele pouco tem a ver com um ascetismo que tem por primado, em linhas mais gerais, uma renúncia de si ou um julgamento moral e universal das forças que nos constituem. Quando digo estabelecer

uma relação de cuidado consigo, digo afirmar uma singularização de um corpo em movimentos de inquietação, sem a submissão aos julgamentos e forças morais.

O cuidado de si que aqui quero trazer, ao contrário do cuidado cristão que sempre nos constituiu e naturalizou-se como forma única de cuidar, pode ser entendido por um *princípio de inquietação*, de estranhamento das forças instituídas e naturalizadas que constituem hoje o sujeito moderno. Ele exige um exercício ético de inquietação permanente, através das práticas de si no rumo a uma liberdade aos instituídos, diferenciando-se de si mesmo, ou seja, de um certo modo que nos constitui – no caso, das forças racionalistas, cartesianas e cristãs que foram conquistando poder, contando as histórias oficiais, e se tornando constitutivas de uma subjetividade burguesa através de modelos prontos e acabados. Talvez a ideia de liberdade também possa trazer alguns maus entendidos se pensada numa abstração, apartada de uma vida concreta. Nas palavras de Pelbart (2016) talvez fique mais claro que “o que importa não é a liberdade, mas achar uma saída” para que uma vida aconteça. O que venho entendendo como cuidado de si, é, principalmente, a possibilidade de tomar para si a responsabilidade da constituição do sujeito, das relações e dos modos de vida que se quer afirmar.

“Na ascese filosófica da prática de si trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver. Trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si.” (FOUCAULT, 2014, p. 296)

Não se pode ficar à deriva das forças externas, que sobrecodificam nossos afetos, de forma que tendemos a moralizá-los, submetendo-os a regras universais (ou às vezes, apenas externas a nós) do que é potente, do que impotente: perde-se a dimensão do corpo como marco zero em suas possibilidades de ação e suas delimitações de alcance. E, assim, perdemos nossos possíveis, ficamos na impotência de não corresponder ao novo ideal que muitas vezes se lança até como força vanguardista. A ascese (o exercício ou desenvolvimento espiritual, que chamaremos de *práticas de si*) filosófica, diferente da cristã, não tem por princípio a submissão de um indivíduo a uma lei universal (leis de Deus, do Estado, da família). Seu princípio é ligar o sujeito à *verdade*.

“uma prática de si e da verdade em que está em jogo a liberação do sujeito mais que seu aprisionamento em uma camisa de força da verdade que, pretendendo-se toda espiritual, nem por isso era menos total [...] O sujeito e a verdade não estão

vinculados aqui, como no cristianismo, pelo exterior e como que por um poder que vem de cima, mas por uma escolha irreduzível de existência. Era possível, portanto, um sujeito verdadeiro, não mais no sentido de uma sujeição, mas de uma subjetivação” (GROS, 2011, pp. 460-461)

Todo esse processo também me colocou em todo um outro trabalho de inquietação com que uso fazer desses cânones, ou de seja lá quem fosse usar. Usar Guattari, Foucault e Deleuze pode ser tanto reacionário quanto revolucionário, os saberes não estão dados por si só; os autores não falam por si mesmos, e a pesquisa só pode dizer de um encontro com esses saberes – que tanto modula os saberes se pensados numa pureza, quando modula a si mesmo como pesquisador. A tentativa de se dominar um saber supostamente puro, não pode ocorrer se não através de uma reprodução, num distanciamento no qual não se cria nenhuma relação com o conceito estudado. Vira uma tagarelice conceitual, enquanto é preciso deles extrair potências que se conectam com a vida prática, considerando os lugares que se ocupa. O cuidado de si criado por Foucault através de incansáveis leituras de livros amarelados e marginais à Grande Filosofia, pode perfeitamente servir a instituição de uma nova moralidade, que apenas se difere da atual. Era como eu experimentava as primeiras leituras que apontavam para este conceito, em meus primeiros contatos na época da graduação, por exemplo. Me parecia muito mais que todas aquelas séries de regras descritas no História da Sexualidade II, eram então, a verdadeira *forma* - replicável a todos – de se alcançar a liberdade: não ser escravo das paixões, não cometer excessos, ser soberano a si mesmo, tendo como base toda uma série de condutas que poderiam perfeitamente se tornar uma moral igualmente rígida, comparada ao cristianismo.

É um uso possível, ainda que hoje eu considere um uso pouco potente... Isso talvez diga menos do que estava no livro ou do que tentava transmitir Foucault, do que de uma certa relação que nós, ocidentais, tendemos a estabelecer com o conhecimento que se adquire através de um acúmulo e reprodução de conteúdos. Mas a radicalidade do cuidado de si que gostaria de trazer, é a de efeito de uma falha do saber, e não na proposta de novas pedagogias: é quando o universal de um saber emperra, não se encontra com a experiência, e assim produz uma abertura no sujeito. O que são essas práticas, afinal? Foucault recorrendo aos gregos, fala das “técnicas de meditação; as de memorização do passado [...]; as de exame de consciência; as de verificação das representações em medida em que elas se apresentam ao espírito” (FOUCAULT, 2014, p.12): são técnicas de se produzir essa abertura

no *si*. Mas também cita outros exemplos que envolvem uma escrita de si como exame de consciência por outrem (um mestre, um amigo), grupos que instituem certas práticas conjuntas, entre outros. Experimento essas práticas pela via de estudos, leituras, escritas, contato com grupos em geral (de estudos, supervisão, orientação, etc.) que me abrem e expande as questões, onde o objetivo não é exatamente saber aonde se vai chegar de maneira prevista e calculada, e sim percorrer outros caminhos, produzir outras experiências subjetivas, experimentar a si mesmo de outras maneiras a fim de não se paralisar numa repetição. O próprio ato de pesquisar, me surge como prática de si. Mas talvez não devamos nos apegar tanto a elas, pois não devem ser lidas aqui como fórmulas e direcionamentos.

Elas podem ter a mais inúmera variação em termos de atividade, mas o que se tira de importante delas, tem menos a ver com *o que são*, e mais o que elas produzem na subjetividade. São exercícios que tem por objetivo uma transformação, um desprendimento de si como forma ou sujeito pronto. É um investimento sobre si que na verdade se propõe a um desapego de si; um desapego de algo que se assemelharia a uma suposta essência do sujeito (PELBART, 2016). Foucault, rompe com a utopia de um sujeito ideal do conhecimento, afirmando um *eu ético*, que é transformável, modificável uma vez que se constrói, cria para si regras de existência e conduta; se constitui por meio dos exercícios, das práticas e das técnicas de si (GROS, 2006). Talvez também seja importante ressaltar, que as práticas de si, ainda que sejam de si para consigo, não tem como objetivo se encerrar numa prática solitária e individualista. Ao contrário, a diferenciação de si, os processos de abertura, só podem se dar no encontro com alguma alteridade, com alguma exterioridade. Isso certamente não se faz só, numa clausura. E tal questão, só parece emergir para os cidadãos gregos numa inquietação com o bom governo da cidade: emerge de uma preocupação coletiva, ainda que vá se desdobrando em outros sentidos depois.

Mas práticas que se instituem de si para consigo, promovem uma abertura de espaço, que pressupõe um preço. Não tem trabalho de cuidado de si sem esse preço que, em última instância, é o preço do abandono do uso numa forma fechada, que nos confere alguma sensação de segurança em habitar o mundo, já que nos agrupa - não sem homogeneizar - nos cria uma sensação de pertencimento (a uma causa, a um modo, a uma ideologia; a algum traço de semelhança em relação a outros). Paga-se um preço pelas certezas e valores universais que as práticas de si desfazem; paga-se o preço de encarar que o mundo,

tampouco o sujeito, estão garantidos e prontos. Abre-se espaço, cava-se um espaço de si para consigo. Esse espaço é recoberto pelo conhecimento de si, que foi o veio triunfando historicamente, deixando a dimensão do cuidado em segundo plano, de forma que se perdeu não só na história, mas principalmente na prática dos sujeitos.

Esse triunfo de forças que posteriormente desembocaram num racionalismo cartesiano, o “conhece-te a ti mesmo”<sup>12</sup>, vai ganhando força em detrimento do “cuidado de si” e, assim, construindo toda uma ética da moral. As práticas de si não permitiam um conhecimento que se pretendia estático. Ao contrário, a verdade está nessa prática, e nesse sair de si mesmo através dessa abertura que as práticas de si criavam no sujeito. Não havia uma independência do conhece-te a ti mesmo em relação ao cuidado de si; em todos os registros que Foucault encontra, ele estava submetido ao cuidado de si. O conhece-te a ti mesmo era necessário para o cuidado de si na medida em que era preciso conhecer-se para poder abrir mão do que se é, para poder buscar as ferramentas, as práticas necessárias à transformação do que este si *quer* ser.

É apenas através desse triunfo do racionalismo cartesiano (que em termos cronológicos veio depois muito depois, mas já encontra sua gênese nessa época), que o conhece-te a ti mesmo ganha supremacia: o corpo como unidade desaparece, a mente prevalece como apartada e dominante. O conhecimento ganha um sentido de apropriação e domínio de conteúdos externos, onde seu caráter relacional e funcional em relação a uma vida, vai se tornando secundário. "Quando o saber, quando o conhecimento tem uma forma, quando funciona de tal maneira que é chamado a produzir o *êthos*, então ele é útil. E o conhecimento do mundo é perfeitamente útil: pode fabricar o *êthos*." (FOUCAULT, 2014, p. 212). No cuidado de si, não se trata de marcar alguns conhecimentos como úteis ou inúteis de antemão, e sim de que efeitos eles tem no sujeito.

A condição da generalização da modernidade vai se tornando possível na medida em que a dimensão ética do cuidado vai perdendo força, e o conhecimento de si vai se sobrepondo ao cuidado. Uma vez que o recobrimento do conhecimento de si se encerra em

---

<sup>12</sup> O princípio do *conhece-te a ti mesmo* era uma das regras colocadas para os homens gregos no momento de consultar o Oráculo de Delfos. Ao colocar as questões ao oráculo, era preciso examinar em si aquilo que lhe fosse mais urgente de colocar, para não fazer perguntas em demasia. Era um exercício de avaliar em si mesmo aquilo que se tinha precisão em saber. (FOUCAULT, 2014)

si mesmo ganhando valor de acúmulo de saber, não há mais cuidado, não há mais força conectiva com o fora, não há mais possibilidade de deslocamento, portanto não se pode mais acessar a verdade. O sentido da verdade, que também vai ao longo dos séculos sendo definido por valores platônicos e de transcendência universal, também vai perdendo seu caráter funcional de conhecimento aplicável a uma vida. A questão do conhecimento, do saber como apropriação e acúmulo de conteúdos, passa a se justificar numa relação de poder, onde quem detém o saber acumulado, dita as regras.

E se as regras passam a ser ditadas por alguém de forma generalizada; se as regras perdem conexão com as vidas em suas singularidades, vira moral, vira dever, e vira massificação e, em função de um “bem-maior”, cria-se uma escala de valores aplicáveis a tudo e a todos, são produzidas as dicotomizações de bem e mal das quais o próprio cristianismo foi se fortalecendo na figura de um líder (Deus, Estado, pai), ainda que não sejamos religiosos. As regras, então, passam a ser ditadas por quem detém um saber (à partir dessa relação de acúmulo), a princípio numa relação transcendental, mas que também vai produzindo verticalizações no terreno relacional que, em nossa história, vai assumindo o lugar das instituições e também de figuras de líderes como detentores desse saber, como passíveis de codificar esse conhecimento que se faz sobre si mesmo (saber médico, escolar, hospitalar, etc.). Quando o trabalho do cuidado de si é exercido pelo outro e não por si, quando passa a ser exercido pela escola, pela família, pela caserna, pelas instituições, o que era uma prática ética se torna um assujeitamento. O sujeito ganha uma essência que precisa ser desvelada para que melhor se enquadre às leis, vira objeto de conhecimento e intervenção de tais saberes disciplinares. Seguem, então, as conhecidas binarizações entre mente e corpo, sujeito do conhecimento (instituições, líderes) e objetos de intervenção (corpos docilizáveis e obedientes).

Os desdobramentos são múltiplos, dos quais não só experimentamos, mas também reiteramos seus efeitos até hoje. As forças dicotomizantes e antagonizantes que nos habitam, atrapalham um cuidado de si. Munidos de valores transcendentais, tornamo-nos pequenos juízes elegendo inocentes e culpados de pequenos acontecimentos cotidianos. E como não é difícil cair numa polêmica que, para Foucault (2006), é quando se usa de um privilégio para acusar e aniquilar seu adversário que só pode estar enganado, anulando qualquer possibilidade de diálogo ou reposicionamento, pois já se pressupõe um bem e um

mal, um certo e um errado. Não se produz cuidado de si uma vez que as questões são apenas apontadas para fora e denunciam o outro; não se pensa a partir de um tensionamento relacional onde as questões que se produzem no encontro com o outro, operam numa ação dupla: operam em si e no outro. Quando na existência do outro é entendida como uma ameaça de antemão, se pressupõe uma aniquilação de si no encontro com o outro, perde-se a dimensão da inquietação, e ainda que tenhamos que estar atentos às seleções do que nos potencializa e do que para nós é veneno, isso não pode ser feito antes que um encontro aconteça. Evitar os encontros com as alteridades nos levam a movimentos de encapsulamento. A produção do antagonista é a continuidade em nossas subjetividades do projeto colonialista que nos foi imposto. Vale lembrar, que um dos pilares da colonização foi o enquadre no cristianismo. Nesse momento, talvez me interesse mais trazer para o texto – o quanto possível, já que enquanto sou afetada pelo que escrevo, também sou movida por elas – esses embates agonísticos, que colocam este si numa guerra de forças a partir de uma ética problematizadora, no momento da escrita. Interessar-se pelo que nos afeta, pelo que nos perturba, e no que isso se desdobra.

Não é difícil combater as formas, mas no final das contas substituir uma velha por uma nova, e achar que fizemos a revolução e nada mais precisa ser feito. Nas palavras de uma colega de turma, ficamos inseguros, tendemos a sucumbir aos protocolos, modelos de escrita, formatação de página, no intuito de melhor transmitir aquilo que nos é tão importante de ser trazido nessas pesquisas. Será que conseguimos exprimir a importância do que vivemos através das palavras que se ensaiam em texto? Não há qualquer um de nós que possa produzir algo de alcance universal, e é essa a importância de sustentarmos nossas diferenças, não só aceitá-las, mas desejar o outro em sua diferença (GUATTARI; ROLNIK, 2013), pois só assim podemos estranhar nossos engessamentos. Precisamos do outro como alteridade, para estranharmos nossos instituídos, para produzirmos mais cuidado de si, mais relações agonísticas de inquietação e de abertura.

Talvez precisemos olhar mais atentamente ao que é marginalizado e às políticas que colocam certos saberes e modos de vida à margem. Foucault teve sua tese sobre a História da Loucura recusada num primeiro momento pela academia da Suécia, sendo apenas publicada anos depois na França com o apoio de seu professor e amigo Georges Canguilhem. Frantz Fanon escreveu *Pele Negra e Máscaras Brancas*, que foi recusada como



tese. Ainda a respeito de Fanon, só agora no mestrado que soube de sua existência, ainda que ele tenha feito parte dos movimentos da psicoterapia institucional junto a autores que já tanto estudei, como Oury e Tosquelles. O que fica de fora é o que o saber hegemônico não comporta como crítica, e põe em questão todo um sistema homeostático. O que estamos deixando de fora nos dias de hoje?

Ainda assim, essa proximidade na lógica do cuidado, da abertura de processos de modulações, mais uma vez para destes encontros extrairmos potências sem lançar-lhes muitas luzes. Isso não se faz na base do atropelo ou da pressa. É preciso negociar nossas urgências, reavaliá-las, criar possíveis, se estamos interessados num plano comum.

"Eu lhes faço um pedido que consiste em depositar confiança no autor que estudam. Mas o que significa 'depositar confiança em um autor'? Isso quer dizer a mesma coisa que tatear, que proceder por uma espécie de tateamento. Antes de compreender os problemas que alguém coloca é preciso ruminar bastante, é preciso agrupar, reagrupar, as noções que estão sendo inventadas. É preciso a todo custo calar a própria voz da objeção. As 'vozes da objeção', são elas que num instante diriam: 'Oh, mas há algo errado aqui'. Depositar confiança no autor é dizer a si mesmo: não nos antecipemos, é preciso deixar falar. É preciso deixá-lo falar, mas antes de saber o sentido que ele dá às palavras, é preciso fazer uma espécie de análise de frequência. Estar sensível à frequência de palavras, ao seu estilo, às suas obsessões." (DELEUZE, 1985)

Uma vez desveladas, não pouparão esforços em anulá-las, como já fizeram com tantas revoltas no Brasil. Não apenas as revoltas foram duramente massacradas, mas muitas vezes também movimentos que não se construíam numa postura de embate contra o Estado, mas o simples fato de instituírem de forma autônoma, insubmissa às leis de conduta ao poder vigente. Só conhecemos tais histórias através de suas derrotas, jamais pelas estratégias pulsantes que reuniam estes povos em movimentos insurgentes. Isso é rapidamente abafado e suprimido; narra-se apenas o fracasso. O sucesso é apenas enxergado naquilo que se constitui como hegemônico, e disso já sabemos. Mas como criar tal abertura, como reconstruir o terreno universitário após essas invasões bárbaras? A própria noção de barbárie carrega um sentido na atualidade de uma herança maldita que teima em persistir como ameaça a nossa civilização (que precisa começar a ser amaldiçoada) pautada na segurança, controle, punição e tutela de vidas desviantes (COIMBRA; LOBO; NASCIMENTO, 2008). Como reconstruir a universidade sem cair nos moldes das reterritorializações edípicas, identitárias e compensatórias (PELBART, 2016) dentro do mesmo regime do Capital? O que fica dessas ocupações bárbaras?

### Capítulo 3: As mínimas coisas

Era o ano de 2009, tempos de graduação em psicologia quando tudo começou. Quarto período: aulas de Práticas Transdisciplinares. Até então nem sabia direito quem era Guattari; alguém que se ouvia falar muito nos corredores da UFF, com certeza, principalmente quando se tratava do combo: “Deleuze e Guattari” pra lá, “Deleuze e Guattari” pra cá. Deviam ser importantes seja lá quem fossem. O povo da psicanálise torcia a cara muitas vezes. “Esse pessoal da esquizoanálise quer fazer clínica batendo em Freud e Lacan. Porque não deixam Freud em paz e vão criar algo deles?” (Esquizoanálise... nome no mínimo curioso para uma linha teórica. Seria uma clínica de esquizofrênicos?) Gostava de estudar Freud. Quanto a Lacan não posso dizer que entendia muita coisa para criar alguma afinidade por ele. Já vinha também tomando gosto pelas leituras foucaultianas que nos eram apresentadas desde os primeiros períodos...

A matéria que se iniciava no quarto período parecia ser dessas que a gente se descabela no final para conseguir ser aprovado. Conteúdos intensos, perspectivas um tanto revolucionárias sobre as instituições e seus funcionamentos, uma professora apaixonada por aquilo que praticava e transmitia. Me deparei com o maio de 68 - o qual só conhecia muito por alto -, movimentos institucionalistas, a tal da Análise Institucional que também já ouvia pelos corredores, ou talvez até antes de começar a circular pelos corredores da UFF, já que cresci cercada por psicólogos formados por esta mesma casa. A psicologia se fez presente em minha vida desde os tempos mais remotos, e com as mais diversas entradas. Desde que tinha 2 anos de idade e ouço da minha tia a história de que a única vez que ela faltou sua aula preferida na faculdade de *psicologia* – e isso era muito importante para ela –, foi para ficar comigo no dia em que meu irmão nasceu. Desde que quando criança, o namorado dessa mesma tia, também psicólogo, se interessava por ouvir os sonhos que tinha pela noite. Convivia com todos aqueles psicólogos, que logo se tornaram amigos de minha mãe, e viviam a fazer festas, viagens; me levavam à praia e até a parques de diversão (onde se divertiam mais que eu!). Parecia legal ser psicólogo...

Enfim começo a me deparar não só com o fato de que há muitas psicologias, mas também de que algumas escolhas precisariam ser feitas em algum momento. As primeiras e

importantes leituras foucaultianas vieram de um desses importantes psicólogos que carinhosamente me acompanharam na infância, e posteriormente se tornara professor da UFF. A tia é até hoje uma psicanalista fervorosa! Mal entrara na faculdade de psicologia e as apostas começaram: será que Ilana vai pra Psicanálise ou para a Análise Institucional? “Acho que ela deve ir pra psicanálise por ser mais observadora e introspectiva...”, “Mas ela também se interessa pelos assuntos sociais, pode ser que prefira a Análise Institucional...”, “Ei, Ilana, tem a psicanálise winnicottiana também!”... Psicanálise mal ou bem a gente ouve por aí, na TV, no botequim; do Freud quase todo mundo já ouviu falar, nem que seja um “isso nem Freud explica!”. Já a Análise Institucional... eram palavras que nada me diziam até então. O que seria isso que já me atribuíam algum gosto antes mesmo de eu conhecer?

Eis então as Práticas Transdisciplinares, a matéria difícil com a professora que só interrompia o entusiasmo de seus discursos para dar uns tragos no cigarro na porta da sala. E não é que era interessante!? Ver que as instituições também adoeciam e isso adoecia as pessoas. Poder pensar as situações-problema a partir dos jogos de forças, relações de poder ao invés de manter o indivíduo no centro das ações, como na maioria das práticas psis. Isso era, no mínimo, revolucionário para mim. Ao mesmo tempo, tinha dias que preferia uma cervejinha na Cantareira, ou um lanchinho nos quiosques dos outros blocos da UFF do que a densidade daquelas aulas que aconteciam no fim do dia cheio de matérias. Graças a isso, perdi um dos grandes acontecimentos da disciplina: o dia em que a professora apaixonada apresenta a clínica que dava lugar a Psicoterapia Institucional na França, chamada La Borde.

Foi um acontecimento do qual se falou por muitas semanas, que me levou a crer que havia escolhido um péssimo dia para faltar. A história era comovente, a professora inundada de emoções mostrava os pelos dos braços arrepiados ao narrar sobre a incrível clínica psiquiátrica, até lágrimas dos olhos escorriam. Os colegas contaram um pouco depois, e somado com as leituras da disciplina, comecei a achar realmente interessante aquilo que emocionara tanto a professora. Mas vida que segue, já havia perdido a aula. O nome “La Borde”, no entanto, entra em meu vocabulário e começa a circular pela turma como algo que tinha importância...

Do que podia recolher, em linhas mais gerais, a história desta clínica francesa, começava, na verdade, na Espanha, com um psiquiatra catalão chamado François Tosquelles. Era um psiquiatra de esquerda (alguns dizem que marxista/trotskista, outros

dizem que anarquista, e há quem diga que não há enquadre que lhe caia bem), que participava de movimentos de resistência antifascista, até que, com a ascensão da ditadura de Franco, se viu obrigado a fugir para a França. Ficou um tempo na clandestinidade, e depois foi parar no vilarejo de Saint-Alban, onde foi solicitado a prestar seus serviços de psiquiatra no hospital, e que foi aonde recebeu – até então como interno em formação na psiquiatria – o médico recém-formado Jean Oury, que chegara lá meio perdido. Nesse meio tempo em que eclodia a segunda guerra mundial, as tropas de Hitler avançavam na França. O hospital de Saint-Alban, que vinha se tornando um espaço de experimentações propostas por Tosquelles, com base nas práticas que já realizava na Catalunha, acolhia toda a sorte de pessoas, das mais diversas formações ou até sem formação universitária alguma – este não era um requisito considerado importante por Tosquelles para o tratamento da loucura, ao contrário, quanto mais desinformados, mais pareciam interessantes no trato com a loucura para ele, já que vinham mais abertos, com menos preconceitos e convicções teoricamente embasadas. Saint-Alban recebia refugiados, artistas, intelectuais, militantes, e quem mais aparecesse. Era também área de circulação dos moradores da região. O hospital então se propunha não só ao cuidado com os ditos doentes mentais, mas sim a todos que constituíam o hospital: o cuidado era com a instituição, que se tornara um espaço de encontro naquela pequena cidade, dando lugar a manifestações artísticas, refúgio para os perseguidos políticos, alimentação aos que sofriam com a escassez da guerra, trocas a partir do que se tinha a oferecer (RODRIGUES, 2013). Jean Oury é então aconselhado por Tosquelles a deixar Saint-Alban e migrar para a região Loir-et-Cher com alguns dos habitantes daquele hospital, e assim o faz, primeiramente trabalhando em Saumery substituindo um psiquiatra amigo de Tosquelles, mas posteriormente indo procurar seu próprio espaço, encontrando um castelo abandonado na região que logo daria início à Clínica de La Borde em 1953, onde tem continuidade às práticas anti-manicomiais de Saint-Alban que futuramente seriam chamadas de Psicoterapia Institucional (DOSSE, 2010).

No mesmo ano dessa matéria houve uma semana de psicologia. Uma de minhas amigas pensava fazer intercâmbio pelo programa de mobilidade acadêmica, e me chamou para ir assistir com ela um bate papo com um casal que acabava de voltar de um intercâmbio na França. Não me parecia uma possibilidade nem de longe um intercâmbio naquele momento, mas porque não ir e ouvir sobre a experiência de quem foi? O casal

havia passado 6 meses na faculdade Paris 10. Falou sobre visto, sobre a dificuldade dos aluguéis, sobre como era a vida em Paris, e quais eram as facilidades que se podia ter como estudante lá (museus e outras atividades culturais gratuitas ou a baixo custo, por exemplo). Havia alguns incentivos como auxílio aluguel, um cartão de transportes para estudantes a valores irrisórios, e uma ínfima possibilidade de concorrer a uma ajuda de custos da UFF. Ao mesmo tempo, o fato desses programas de mobilidade acadêmica não serem de muito conhecimento dos estudantes em 2009, melhorava um pouco a situação. Ao longo dos seis meses em Paris, o casal conta que, como quem não quer nada, manda um e-mail para a clínica de La Borde, perguntando como funcionava o estágio por lá. A clínica respondeu com receptividade, e graças a uma sorte de calendários coincidindo, ao fim do semestre na universidade francesa, o casal se encaminhava então para um mês de estágio na *Clinique de La Borde*. Haviam fotos de um charmoso castelinho, um belo gramado na frente, e pequenas construções num espaço rústico e rural. Ver as imagens de uma clínica psiquiátrica num castelo era no mínimo curioso, apesar de já se ter escutado a respeito. As fotos transmitiam alguma materialidade de algo que se poderia tomar como “papo de livro”. Morar durante um mês numa clínica psiquiátrica que reside no castelo parecia ainda mais curioso. O casal falava do lugar com bastante carinho, tendo este assunto ganhado mais espaço naquele bate-papo do que o próprio intercâmbio. Realmente, uma experiência dessas não deveria ser qualquer coisa.

A ideia de 6 meses em Paris a partir de então começava a se destacar. O que era improvável foi se tornando uma possibilidade e, aos poucos ganhando consistência. Quatro amigas resolveram fazer um intercâmbio pelo programa de mobilidade acadêmica no segundo semestre de 2010, na faculdade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis. Em um ano aprendemos um mínimo de francês, fizemos todas as economias possíveis, e contamos com a sorte de receber o auxílio financeiro da UFF, todas as quatro. Mal parecia verdade. Com sorte, poderíamos até dar um pulo em La Borde ao final, quem sabe.

Fomos então estudar na Paris 8, a faculdade dos estrangeiros. A faculdade que nasceu do maio de 68 e, não por acaso, se encontra afastada da zona central de Paris num bairro de imigrantes, que por algumas vezes sofreu tentativas de fechamento através de ataques que a deslegitimavam como universidade. Seu histórico de acolher *revolucionários* não tinha boa fama. Dizia-se por lá que esse era um dos motivos de ser afastada, tanto

porque Paris não queria jovens militantes por perto, quanto porque a visibilidade da Cidade das Luzes também não parecia soar tão interessante aos frequentadores da Paris 8. Saint-Denis era considerada uma região perigosa para os padrões parisienses, mas não parecia muito assustadora para os padrões cariocas. Era também a região conhecida pelo *slam*, um tipo de rap francês característico do encontro de povos imigrantes das periferias. Fomos bem acolhidas na Paris 8, nós e os demais estrangeiros. A própria faculdade organizava uma semana de acolhimento, nos levando para conhecer principalmente os bairros considerados perigosos, e desmitificar uma visão elitista que estereotipava regiões em Paris.

Estávamos num lugar que carregava muita história, mas eu, pelo menos, não tinha dimensão disso. Talvez só agora, no momento dessa escrita, que começo a lembrar a semana de acolhimento e as histórias que os professores contavam sobre a emergência da Paris 8 e os embates decorrentes de sua afirmação como universidade, e conectar com tantas outras histórias que ouvi posteriormente sobre o maio de 68 principalmente após a minha volta da França. Naquele momento, sabia, é claro, que era a faculdade do Lacan, aonde muitos de seus fiéis seguidores ainda se encontravam. Sabia também que era a faculdade do Deleuze. Não me recordo, porém, do grande painel com sua imagem que é, para muitos como um cartão postal da universidade. Nesse momento, já percebia os antagonismos entre as linhas teóricas, mas não era fácil se posicionar a favor de uma e contra a outra. Gostava das duas que se opunham em alguns aspectos. Uma talvez gostasse mais pela familiaridade, a outra pelas aberturas que prometia. Mas a tensão que envolvia assistir uma matéria sobre Foucault e Deleuze, graças ao posicionamento agressivo e intimidante de um professor de filosofia, me levou a optar pelas matérias de psicanálise que se passavam com alguma tranquilidade.

Os seis meses se passaram como que num flash, e entre as delícias e as dores de se morar num país estrangeiro, La Borde desapareceu das possibilidades. Ao fim pensamos em pelo menos fazer uma visita de um dia que fosse, passar uma tarde para conhecer. Mas não fizemos contato, no final recebemos muitas visitas de familiares e amigos do Brasil, e a ideia foi perdendo força. O semestre na Paris 8 serviu principalmente para atribuir um novo valor a formação que a UFF proporciona. No que se tratava de psicologia, o currículo da graduação era basicamente cientificista e cognitivista, sem muitas possibilidades. De acordo com o sistema educacional francês, o fato de termos encerrado o terceiro ano de graduação

nos permitia frequentar aulas do *master I* (que para nós corresponderia a um ano de estágio, de prática, mas envolvendo matérias, que no caso eram as que nos pareciam mais interessantes), que surpreendentemente – e levando-se em consideração o que um francês ainda precário conseguia acompanhar – remetiam a assuntos de psicanálise que eu já havia ao menos ouvido falar no Brasil. Voltei para casa, feliz de estar de volta. Não posso dizer, na verdade, que cheguei a de fato sair de casa, já que o meu ciclo na França envolvia basicamente brasileiros, quando muito, de outros estados, mas em sua grande parte também da UFF, separados apenas em outros cursos. Intercâmbios em outros países também tornaram-se uma prática que teve seu *boom* na classe média que colhia os efeitos de um país de terceiro mundo que começava a prosperar: moedas estrangeiras caindo de valor, incentivos financeiros das próprias instituições federais, unido a um pensamento de que o hemisfério norte haveria muito a nos agregar, fosse pessoal ou profissionalmente. Era o meu segundo intercâmbio em não muito tempo. E era algo que vinha se tornando cada vez mais popular e frequente numa classe média, onde os pais se gabavam de proporcionar a seus filhos as melhores oportunidades, e os filhos voltavam repetindo os jargões das maravilhas dos países evoluídos do primeiro mundo. Existiam mesmo muitas maravilhas no primeiro mundo, mas a vida de um estrangeiro não é tão romantizada quanto nos filmes que passam na TV, e isso se pode sentir na pele, apesar de brasileiros não serem nem de longe o pior dos alvos. Mas eram claras as mais sutis demonstrações de um povo que se entende no ápice da superioridade no primeiro *bonjour* não proferido ao se iniciar um assunto. Sentem-se no direito de te ensinar os bons modos, para que então você, estrangeiro do terceiro mundo, esteja à altura de começar um diálogo. Nós, como bons colonizados, tendíamos a nos incomodar apenas quando a correção vinha acompanhada de grosseria (o que também não era raro na capital francesa).

A língua francesa, diferente do inglês que nos é imposto e muitas vezes incorporado em nossa própria língua, já era uma preferência em minha casa. O pai, que no imperativo de aprender uma língua estrangeira optou pelo francês ao invés do inglês, a tia psicanalista que se lançou na empreitada de melhor acessar os ditos de Lacan, a tia que fez disso sua escolha profissional na faculdade de letras, o padrasto que quando jovem passou alguns anos se aventurando pela França, uma das avós que se meteu a aprender algumas línguas latinas. De repente você começa a achar aquilo interessante e atrativo, mas nem relaciona aos

programas da TV5 (canal francês transmitido no Brasil) que seu pai assistia e você, pequena, achando graça, imitava aquelas palavras de sonoridade estranha; ou das músicas, também engraçadas que sua tia escutava, e você tentava repetir fazendo biquinhos e rindo. São elementos que vão entrando em nossas vidas, atravessando nossas histórias e marcando nossos corpos, influenciando e construindo nossas afinidades e gostos que tendemos a pensar como um processo natural das coisas. Principalmente quando seus similares vivem processos semelhantes, e a faculdade que se entra, na mesma linha, te apresenta e te convida a se apaixonar por autores vindos desses mesmos países. Não é por acaso que viajamos aos mesmos países estrangeiros e nos deparamos com pessoas do nosso país, cidade, e até das mesmas escolas. Assim foi em todas as viagens, sem exceção. A subjetividade constituída por valores e forças presentes numa determinada década e num mesmo extrato social mostra seus efeitos em situações como esta, na qual busca-se um contato com um fora, mas o que se encontra é um fora grávido de familiaridades já experimentadas. Claro que jamais em absoluto, mas como uma força majoritária. Força essa que já se faz presente no momento em que se decide viajar com 4 amigas, mas jamais sozinha. Que se junta com brasileiros que estão na mesma situação que você mais do que com os estrangeiros que partilham de uma situação similar, mas vêm de lugares diferentes. Lugares esses não só geográficos, mas que dizem de outras experiências e histórias desconhecidas. A menina cresce, mas a lógica da criança que sai de casa pra brincar na rua, mas não pode ultrapassar os limites do posto de gasolina, ainda se faz presente. As escolhas não vem do nada. Nessa subjetividade de uma classe média em Niterói/Rio de Janeiro que trago tende-se a fazê-las por familiaridade, as vezes até por oposição, mas dificilmente por afirmação de um caminho que se direcione a alguma grande abertura, ou algo que não se tenha algum parâmetro prévio. Paris é sem dúvidas um lugar familiar, até para quem nunca pisou em suas terras. Reconhece-se suas imagens e paisagens nos filmes assistidos, nas histórias estudadas na escola, nas fotos da Torre Eiffel que não precisa ser vista de perto para ser reconhecida.

O intercâmbio na França coincidiu com uma cronologia que datava no meio da faculdade. Produziu também um corte, que virava uma chave de um momento inicial onde tudo era encarado com mais leveza e numa certa brincadeira. A volta da França conferiu a aqueles dois anos restantes um caráter de finalização, ainda que a cronologia mais se



aproximasse do meio. Mas o olhar pra frente aproximava a ideia de um fim, somado ao momento em que se iniciam os estágios obrigatórios que vão também dando outra cara a aquele ciclo de 5 anos. Era o momento de levar aquela faculdade com mais responsabilidade (que se manifestava como mais peso), eram os anos restantes para se definir uma linha teórica, um campo de atuação. Começando pelo estágio. Tive a sorte de forças do acaso me fazerem cair num estágio em saúde mental que mal se iniciava, intitulado “Subjetivação e Ocupação da Cidade”. Sorte pois o fato de estar na França no momento em que ocorriam as seleções não me dava a opção de escolha. Gostaria de fazer um estágio em saúde mental, mas só me seria possível cursar algum estágio em que as vagas não fossem preenchidas por completo no momento da seleção na qual eu não poderia estar presente. Não havia garantia de que eu conseguiria um estágio na saúde mental, mas no histórico dos últimos anos, sempre sobrava vaga nesses estágios oferecidos pelos professores de psicanálise. Afinal eram 3 professores, e muitas vagas todos os anos direcionadas a mesma instituição. Neste ano aconteceu o oposto, os estágios em psicanálise lotaram, e o professor novo que iniciara seu estágio no semestre anterior completando todas as vagas de imediato, visto que apresentava uma alternativa a psicanálise na saúde mental, estava com uma vaga em aberto - apesar de ter aberto apenas duas. Sorte a minha, pois era o estágio que eu preferia no final das contas.

E já que o estágio se propunha a uma ocupação da cidade com os usuários da saúde mental, nada mais natural do que recorrer aos precursores das experiências anti-manicomiais. Começando pelo conceito de *transversalidade*, criado por Guattari enquanto vivia e trabalhava em La Borde. A história que o professor contava ao recorrer a esse texto, era que Guattari, analisando do Lacan e membro de sua escola de psicanálise, e também monitor labordiano e praticante da Psicoterapia Institucional, elaborou dois textos na mesma época: o chamado *a transversalidade* que foi inspirado no cotidiano de La Borde apresentou na escola lacaniana, e o chamado *a transferência* foi apresentado em La Borde. O professor, ele próprio já havia sido psicanalista há tempos atrás, depois foi tomando outros caminhos, e contava a história com gosto. Guattari claramente queria bagunçar as estruturas das instituições das quais fazia parte. E o professor se iluminava em sorrisos. Não me recordo se o desfecho da história trazia os efeitos da intervenção, mas algo em minha vaga lembrança me diz que a transversalidade não foi bem aceita no meio psicanalítico. O

estágio em suas proposições pouco convencionais, exigia de nós que enlouquecêssemos com os pacientes, ao invés de pensar em curá-los. Se vocês conseguirem enlouquecer com os pacientes, esse estágio terá seu objetivo cumprido, dizia o professor. La Borde voltava a se fazer presente nas leituras, nos assuntos, no que inspirava um trabalho em saúde mental. Havia algo de impressionante no fato dessa clínica inaugurada em 1953 ainda existir. Mas dizia-se por aí que há tempos já havia perdido sua força instituinte, o potencial de colocar a própria instituição em cheque de tempos em tempos, desde o falecimento de Guattari, que era entendido como um dos grandes responsáveis por produzir na clínica constantes inquietações. Talvez Guattari fosse o Sócrates labordiano<sup>13</sup>, aquele que não cessava de interpelar a instituição provocando-lhe inquietude, e consequentemente possibilitando o cuidado das forças que a compunham.

Guattari tinha suas idas e vindas de La Borde. Em alguns momentos se engajava mais com os acontecimentos fora da clínica, como os movimentos sociais. O maio de 68 foi um momento em que foi tomado pelas ruas parisienses, por exemplo. Mas vivia a trazer os efeitos do que acontecia nas ruas para a clínica, e isso era possivelmente o que movimentava o cotidiano labordiano. Ao menos é a história do Guattari que fui construindo através dos fragmentos com os quais fui me encontrando. Imagino Félix Guattari como um cara cheio de energia e animação, sempre cheio de propostas, mas que por vezes entrava numa profunda depressão paralisante. Era a performatização do cuidador que era cuidado pelo/no mesmo dispositivo. Dizia-se, aqui no Brasil, que após a morte de Guattari, La Borde, um dos berços da Psicoterapia Institucional, caía nas graças de uma psicanálise mais conservadora. Mas o fato de ainda existir, no mesmo castelo, era impressionante. E cada vez surgiam mais pessoas aqui e acolá, voltando de estágios em La Borde, provando que a clínica não era apenas uma ruína do movimento instituinte que representou; ainda estava viva. No próprio estágio obrigatório da UFF, surgiu um estudante de outra universidade que começava a participar da supervisão, recém-chegado de La Borde. Havia também a Casa-Verde, um hospital-dia no bairro de Botafogo que não só foi inspirado na clínica francesa, mas também fundado por antigos estagiários labordianos, e aparentemente ainda possuía

---

<sup>13</sup> O Sócrates trazido por Foucault em "A Hermenêutica do Sujeito" era aquele que incitava os homens livres gregos a cuidarem de si mesmos, a ocuparem-se consigo mesmos para que pudessem se tornar bons governantes da cidade. Era comparado a um inseto que picava os animais e fazendo-os correr e causando agitação. Afinal o cuidado de si constitui um princípio de movimento, "um princípio de permanente inquietude no curso da existência" (FOUCAULT, 2014, p.9).

algum convênio. La Borde poderia não manter todo o potencial que muitas vezes entendemos a partir de uma certa força guattariana, mas ainda estava viva. Jean Oury ainda estava vivo, apesar de cada vez mais ausente das importantes decisões tomadas na clínica por conta de sua idade. Dizia-se que isso era outro motivo pelo qual La Borde não sobreviveria mais por muito tempo, não com seu caráter diferenciado. Mas ainda estava viva, diziam os que passavam por lá...

O fim da faculdade se aproximava, o primeiro ano de estágio em saúde mental, embasado em conceitos foucaultianos, deleuzeanos, guattarianos e da psicoterapia institucional já havia fechado seu ciclo, e assim como a clínica de La Borde, os rumos da minha formação eram tomados por uma psicanálise conservadora e hierarquizada. Mas, como tudo na vida, também estava em vias de se concluir. O último semestre da faculdade deixava mais perguntas do que respostas, e um grande desconforto com qualquer opção a se fazer. A familiaridade, ou a abertura a uma indeterminação? O percurso traçado até então não apontava para um caminho, e as pistas que havia coletado nesses 5 anos de formação me deixavam cada vez mais confusa. O que fazer com um diploma em mãos era a pergunta que se colocava. Invejava meus colegas que já conseguiam ao menos fazer uma opção, ainda que sem muitas certezas.

Um belo dia encontro uma colega, que tinha feito intercâmbio na França no mesmo período que eu, só que ela e mais duas amigas seguiram para a cidade de Toulouse. A colega anuncia quase numa convocação, que uma das meninas que esteve em Toulouse com ela, se encontrava naquele momento em La Borde, e que a outra já estava providenciando a documentação. Explicou das facilidades de se poder morar no local e fazer todas as refeições por lá, e que agora só faltava ela ver as documentações também, e finalizou o assunto com um “vamos?”.

Uma lâmpada se acendeu. Olho para o namorado, também em vias de se formar e digo: vamos? O convite foi se estendendo, e já era um grupo de 5 pessoas no total querendo ir ao mesmo tempo. A ideia já não me agradava. Não queria ir para La Borde sem sair do Brasil mais uma vez, mas já era tarde. O plano foi amadurecendo, a carta de intenções foi feita, os documentos traduzidos, e os e-mails enviados para tirar dúvidas. Uma simpática e acolhedora brasileira ficava responsável pela documentação dos estagiários nesse momento. La Borde nos responde aceitando a todos, mas propondo que não fossem os 5 ao

mesmo tempo, tanto por uma questão de vagas, quanto porque não achavam tão interessante receberem um grupo já constituído de pessoas conhecidas. No entanto, todos nos cruzaríamos por um período mais curto. Ufa...

A má notícia, era que nos alocaram para o final do ano seguinte: novembro de 2013, inverno europeu, e no meu caso, um ano praticamente inteiro “presa” sem poder assumir nenhum compromisso com possíveis trabalhos. Para quem não sabia o que fazer, o que era problema era também solução. O que começa como um plano de namorados, resiste a um fim de namoro. Não desistiria naquele momento, era agora ou nunca. La Borde não esperaria por toda a vida...

Ao longo desses meses sabáticos, a UFF contou com visitas que remetiam a La Borde direta ou indiretamente. Tais acontecimentos davam cada vez mais corpo ao plano do fim daquele ano, ainda que no momento de envio dos documentos nada disso estivesse previsto. Assistimos ao filme que mostra o cotidiano da clínica “La Borde, La Moindre des Choses” (La Borde, as mínimas coisas). Em seguida recebemos a visita de Jean Claude Polack, um antigo psiquiatra labordiano que vinha ao Brasil lançar a tradução em português de seu livro. Foi organizado um evento na UFF, com meses de preparação dentro de um tradicional grupo de estudos que acontece há anos, em cima de leituras do livro e perguntas que se queria fazer ao autor. Se o evento já tinha sido bom, melhor ainda foi o momento em que acolhemos Polack na informalidade de nossos bares da conhecida praça que é parada obrigatória de qualquer forasteiro que venha conhecer a UFF, enquanto os professores organizadores do evento terminavam suas aulas. No papo regado a caipirinhas Polack nos presenteou com divertidas histórias não só do cotidiano de La Borde, mas também sobre Guattari e Lacan (de quem também era analisando na época) que sempre aparecia como figura controversa, e nos narrou até um sonho no qual encontrava com Lacan todo suado nas portas de La Borde, que na verdade era um *bordel*, (palavra esta que na língua francesa tanto remete a prostíbulo, como também a bagunça e desordem), e que, de passagem, perguntava a ele: Está servido? estendendo a mão e apontando para o castelo.

Por fim, veio Barbara Glowczewski, uma antropóloga que trabalhou um tempo com Guattari e que juntos fizeram um texto sobre os índios neozelandeses Walrpiri, que servia de base para uma pesquisa realizada na UFF sobre uma perspectiva mais coletiva dos sonhos. A pesquisa também envolvia oficinas das quais já havia participado no início da

faculdade, e o professor responsável era o mesmo que me acolhera em meu primeiro estágio, no campo da saúde mental. Participamos de uma ótima oficina da qual Barbara e seu marido trouxeram importantes contribuições, e se impressionaram com o potencial criativo da pesquisa e das oficinas. Seguiram-se conversas, trocas no evento, mas também em agradáveis tardes de passeios fora de lá. O acaso concatenava uma série de fatores que remetiam a La Borde e seus principais atores, dentro daqueles poucos meses que antecediam a viagem, e isso só intensificava a importância da data que se aproximava. Ou talvez La Borde já fosse muito mais presente na UFF do que meu olhar desatento podia perceber antes da decisão de ir. É sempre uma questão de iluminação no fim das contas. No meio de toda uma dispersão de acontecimentos numa formação em psicologia, uma vez girada a lanterna para a saúde mental, veio Félix Guattari, veio François Tosquelles, veio Jean Oury, veio La Borde, e junto a eles, uma série de expectativas, ideias pré-concebidas, tanto positivas quanto negativas. E desde então não cessaram de aparecer, a lanterna havia encontrado um foco em algum lugar.

Em novembro, embarcava para uma França desconhecida, com as pernas bambas. Mal sabia que estaria embarcar para um outro mundo, perdido entre bosques franceses.

### **Dia 15 de março de 2018**

Ontem, mais um dia qualquer no meio de uma semana de pequenos acontecimentos, pequenos projetos e planos de uma vida pacata que volta a se aproximar das responsabilidades para esse ano. Uma amiga liga, e sugere uma boa cerveja como pretexto para jogar papo fora. Porque não? O bar estava vazio, com um movimento esperado para uma quarta à noite. Papo vai, papo vem em meio a risadas e cumplicidade junto aos copos de chopp e a partilha daqueles pequenos acontecimentos cotidianos nas vidas pacatas de uma classe média que ainda pode se dar esses pequenos luxos. O celular, até então ignorado, acusa mensagens que ingenuamente abro para olhar. A amiga faz o mesmo, e diante do espanto que se revela na imagem que uma observa na outra, percebemos que acabávamos de ler a mesma notícia. Marielle Franco, mulher, negra, moradora da favela, a 5ª vereadora mais votada das eleições de 2016, mas também mãe,

militante, e tantas outras qualidades que desconheço, acabara de ser assassinada, na saída de um encontro de mulheres negras.

Recebo a notícia através de uma colega que estava neste encontro, minutos antes do assassinato. A notícia, ainda mal assimilada, se espalha na velocidade da luz, no boca a boca, antes mesmo de ser anunciada na TV, ou de saírem matérias de jornal, que também não tardariam a surgir. Receber a notícia da colega que presenciou seus últimos minutos de vida causava um impacto outro. Uma sensação de que foi logo ali, ou aqui do lado. Que coisa estranha é essa, de estar com uma pessoa, presenciar sua vida pulsando através de falas que se conectam com outras pessoas, e minutos depois a vida se esvai junto com o sangue que escorreu de seu corpo. Minutos. Marielle foi morta em luta. A notícia ainda difícil de digerir começa a se montar em cenas. Marielle fazendo uma fala na Casa das Pretas enquanto pessoas eram tocadas por suas palavras, depois entrando no carro para voltar a sua casa tranquila, talvez animada, talvez ansiando por um descanso, e sendo de repente surpreendida por 9 tiros, dos quais seu motorista também não resistiu. “Foi encomendado”, logo disseram. E quanto a isso não restava dúvidas. Afinal, nem se deram o trabalho de tentar mascarar como uma “tentativa de assalto” levando seus bens ou até o próprio carro, ou qualquer outra coisa que pudesse forjar uma dúvida se Marielle não se tornava mais uma mera vítima da violência que cada vez mais se intensifica no Rio de Janeiro. Isso também causava um impacto outro. Seguimos finalizando nossas cervejas que passavam a ganhar um desagradável amargor. Voltamos cada uma a nossas casas.

De casa, as mensagens não paravam de chegar ao celular. Mensagens espantosas, mensagens chocadas, mensagens apavoradas. Amigas mulheres principalmente, mais ou menos antenadas nas questões políticas envolvidas, em sua grande parte comentavam a dificuldade de conseguir dormir naquela noite. Um estranho temporal, uma estranha ventania cheia de relâmpagos que tomava bairros da cidade do Rio de Janeiro também era comentada, ainda que não tenha apresentado o menor sinal do outro lado da ponte. Um mal-estar e uma angústia ainda difícil de pôr em palavras se instauravam.

Quanto às mulheres negras ao meu redor, mais do que um mal estar difícil de assimilar, pareciam experimentar a notícia de forma dilacerante. Não era algo novo, mas sim um massacrante cotidiano. Possivelmente também por já preverem o circo midiático que não tardaria a se armar. Viraria Marielle mártir? Alvo das mais diversas apropriações

interesseiras, que tenderiam cada vez mais a esvaziar sua luta, esvaziar a razão de ter sido brutalmente assassinada, a razão de nem ao menos fingirem que se tratava de um roubo de carro? Marielle, que alcançara o quinto lugar nas últimas eleições, nunca deixou de ser a mulher preta da favela. Em sua militância e seu mandato de Vereadora, nunca deixou de afirmar esse lugar, que muito mais que um lugar, dizia de uma forma de afirmar a vida e o motor de sua atuação política. Era por ser parte destes, e junto a estes que lutava e construía seu mandato numa sociedade em que mesmo nos partidos de esquerda "o discurso revolucionário, como todo discurso profético, fala em nome de outro" (FOUCAULT, 2011, p.29). Marielle, dentro de um partido de esquerda, sustentava um trabalho de base, que me parece que poucos atualmente conseguem sustentar. Uma esquerda no Brasil que talvez tenha mais facilidade de dialogar com uma classe média, do que com uma classe trabalhadora que defendem. Era dentro de um partido de esquerda que se mantinha sendo a mulher preta e cria da favela da Maré, e fazendo o seu mandato como tal, trazendo ao cenário macropolítico as urgências destas realidades.

E foi o trato destes que recebeu no momento de sua morte. Teriam jogado seu corpo na vala, se pudessem, como ela denunciara na favela de Acari três dias antes de morrer. Afinal, vale lembrar que é esse o trato que se dá à preto(a)s e favelado(a)s no Brasil: mata-se, joga-se seus corpos numa vala, e tudo segue na mais absurda normalidade. Não vira notícia de jornal e boa parte do Brasil nem fica sabendo, ou não se importa. Não era preciso fingir assalto. Nunca deu em nada mesmo, não é?

\*\*\*\*

Diferente de grande parte de amigas e tantas outras mulheres conhecidas, consigo pegar no sono naquele noite. O difícil mesmo é conseguir acordar e encarar todas aquelas informações mal processadas do dia anterior, mais as que estariam por vir. O rosto de Marielle estava por todos os lados, em todas as redes sociais, e certamente a TV não ficaria de fora. O rosto de Marielle sorrindo. Foi de matar. É de matar a avalanche de imagens daquela mulher sorrindo, daquele sorriso largo de uma vida e de uma força que uma mera imagem transmitia sem esforço, e logo em seguida pensar em seu fim, naquele sorriso sendo atravessado por balas, em seu velório de caixão fechado. A mensagem estava

dada. Marielle Franco fora nomeada para participar da comissão que acompanharia a intervenção militar<sup>14</sup> na cidade do Rio de Janeiro, e é assassinada 3 dias após denunciar a violência policial em Acari. Mas se engana não só quem insiste em reduzir tal assassinato a um efeito da violência no Rio de Janeiro. Engana-se também quem pensa que este assassinato se encerra numa queima de arquivo.

Mata-se também uma certa estilística de existência que se torna perigosa pelo simples fato de existir. Mais perigosa ainda ao atrair para si os holofotes do poder. Não é qualquer modo de vida que a cidade comporta, pelo contrário! Mesmo se pensarmos na gênese de um regime democrático - o que cada vez mais e mais cai por terra na atualidade - uma cidade onde se praticava a *parresía*<sup>15</sup> era tida como uma má cidade democrática, já que qualquer um poderia se expressar e, portanto, era totalmente diversificada e dispersa entre diferentes interesses de indivíduos que não se entendem, ou seja, não se unificam (FOUCAULT, 2011). A ideia de democracia era, desde muito cedo, atravessada por uma força de estratificação e hierarquização, na qual o governo seria liderado por *homens virtuosos*. A *parresía* então, não por acaso, tende a sumir da história, e o que vai ganhando força é uma política da *lisonja*<sup>16</sup>, e práticas políticas calcadas numa sedução demagógica. Não só não há lugar para a *parresía* na cidade, como, caso apareça, precisa ser rapidamente eliminada, sem deixar rastro. Encerrar uma luta através de um assassinato não era o bastante. Seria preciso, além disso, esvaziar tal existência questionadora antes que ameaçasse a continuidade das políticas de extermínio; esvaziar um modo de vida de uma "certa harmonia, certa homofonia entre o que diz a pessoa que fala e a maneira que ela vive" (FOUCAULT, 2011, p.148), o que por si só representa um risco ao *status quo*. E se ela inspira outras e outros? Como ficaria nosso hipócrita pacto civilizatório?

A máquina do Estado se auto-regula através dos desejos de conservação da própria população. Talvez valha lembrar que há cerca de 2 anos atrás foi retirada da presidência

---

<sup>14</sup> A intervenção militar foi assinada por Michel Temer em fevereiro de 2018. A justificativa era conter a crise de violência na cidade do Rio de Janeiro, no entanto, já logo de início o que se constatava eram os efeitos de um terrorismo e violência contra a população das comunidades e favelas da cidade. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/vereadora-marielle-franco-fiscalizava-intervencao-federal-no-rj/> Acessado em: 26/10/2018

<sup>15</sup> Traduzindo de maneira simples, a palavra *parresía* pode ser entendida como *falar franco* (FOUCAULT, 2011).

<sup>16</sup> Tática usada para aproximação de uma figura de poder simplesmente para deste poder usufruir ou usá-lo em benefício próprio. Dessa forma impede-se a *parresía*, o falar franco, o dizer a verdade que questione aquele poder exercido na relação com a pólis. (FOUCAULT, 2011)



uma mulher sem crime de responsabilidade comprovado, no meio de um processo em que a própria ideia de julgar um crime rapidamente se perdia de vista. Dias depois a esposa do atual presidente - que assume o mandato prometendo um governo de "homens notáveis" - é lançada em matéria de revista com largo alcance populacional como modelo replicável de mulher: "bela, recatada, e do lar", e vale complementar: calada, como um bom acessório. Não é de se espantar que rapidamente pipocassem as famosas *fake news* que, se são criadas por movimentos políticos incitadores de fascismos, contam com apoio de uma boa parcela da população em sua difusão. Tais notícias não têm qualquer compromisso com a veracidade de seus conteúdos. Pouco importa que sejam verdadeiros: se representam o desejo - em especial o que é legitimado por discursos de ódio que vêm cada vez mais ganhando expressão - de que aquilo seja verdade, já se torna motivo suficiente para ser compartilhada. Em todas as redes sociais, tais notícias tentavam diminuir essa morte através enunciados inventados. Ser esposa de traficante, ter apoio do tráfico para se eleger, ser usuária de drogas, e ter engravidado aos 16 anos, são alguns do exemplo. Alega-se no fundo que morria nada menos que uma vida matável, mas talvez ainda soe pouco politicamente correto aos "cidadãos de bem" assumirem em redes sociais que matáveis são mulheres, negros, favelados, usuários de drogas, lgbtqis, que começam a brigar por espaço na cidade - ainda que já não soe tão estranho que uma mulher que engravida aos 16 possa entrar nesse enquadre. Porque então tanto alarde? Só por ser Vereadora?

Algo morria também em mim. Algo morria como campo de possibilidade em nós. As ruas estavam cheias pelo menos. Algo morria. Mas algo também movia. Não passaria batido, não dessa vez. Isso causava algum alívio, ao mesmo tempo que certa apreensão. De que maneira será transmitida essa narrativa dessa morte, ou melhor, que forças se apropriarão desta narrativa? A disputa pela narrativa dominante não tardaria: uma grande mídia ora pactuando com o discurso pró governo, usando desta morte para reforçar a intervenção militar (a mesma que Marielle denunciara antes de morrer, e a provável causa de sua morte), ora apenas querendo promover a si própria. Que efeitos isso teria no partido que disputa eleições nesse mesmo ano? E sua vida, sua prática, sua luta, e seus próximos, e os moradores da Favela da Maré que estavam com ela? Que teriam a dizer?

Penso no mal estar que começara no dia anterior. Na repercussão, nos poucos minutos em que notícia se espalhava na velocidade da luz antes mesmo de surgir na TV ou nos

demais veículos da grande mídia, e na sensação de uma apunhalada pelas costas. Talvez esses poucos minutos digam de alguma coisa, algo de importante ali se passava, algo se mobilizava na insônia de mulheres, e na multidão de seu velório no centro do Rio. Mas me recordo também da importância de se descentralizar as experiências. Não posso totalizar o que me ronda, esses poucos minutos e esse mal-estar que se disseminava na velocidade da luz. O estado de exceção que há tempos vamos nos acostumando se escancara com o assassinato da quinta vereadora mais votada das últimas eleições do Rio de Janeiro. As notícias circulavam por grupos de whatsapp, em sua grande parte de pessoas com algum vínculo com a universidade, em maior ou menor grau pertencentes à classe média, que se espanta com o estado de exceção que se aproxima do asfalto e, cada vez menos, se limita às periferias e favelas. Já não posso nem ousar dizer que efeitos isso teve na Maré, ou em Acari. Nem mesmo nas colegas negras que me parecem dilaceradas. Suponho que os efeitos tenham sido mais destrutivos do que mobilizadores, mas é preciso ouvi-los.

O que morre em mim com a morte de Marielle Franco em 14 de março de 2018? Era uma mulher em luta, talvez marcada para morrer, marcada pela coragem da verdade. Aquela verdade pela qual pode-se morrer, e inclusive morre-se dela. Não por uma questão de heroísmo ou qualquer enaltecimento egóico de querer entrar pra história. É a verdade de um modo de vida, de uma forma de se colocar no mundo. A coragem da verdade que é a afirmação de uma *vida outra* no espaço público, na cidade que, por ser *outra*, por representar uma alteridade em relação aos modos instituídos, por si só, já é escandalosa. É um modo de vida que “constitui ao mesmo tempo a crítica do mundo existente e sustenta o chamado a um mundo outro” (GROS, 2011, p.313). A radicalidade de uma vida outra, quando tornada pública, põe em abalo a própria noção de hegemonia em sua estabilidade. Viver diferentemente torna-se uma possibilidade quando essa vida outra se afirma em espaços públicos. A verdadeira vida, ou o dizer-a-verdade através de um modo de vida envolve uma ação duplicada, já que também convoca seus interlocutores a se depararem com seus próprios *ethos*. Mas forças reativas não hesitam em agir para sua conservação. É cada vez mais perigoso: morre-se disso.

Não posso afirmar qual seria o destino de Marielle Franco caso ainda estivesse viva, mas penso que talvez permaneceria à margem, sem grandes visibilidades no partido ou na grande mídia, sem grandes holofotes sobre si, pois sua luta era menor (menor aqui, leia-se,

minoritária), de base, junto aos seus. Isso não é lá muito eleitoral ou de grande status na vida política, nem mesmo nos partidos de esquerda. Pensando bem, talvez estivesse de fato marcada para morrer, justamente por sua luta ser menor. Uma vez que a luta começa a se expandir e ameaçar a estrutura colocada, a máquina do Estado que quer sempre se manter conservada não tarda a reagir. As luzes são cada vez mais perigosas.

\*\*\*\*

Mas e agora? O assassinato de Marielle funcionou como um corte, um novo colapso talvez. Ao menos de um campo perceptivo que já se acomodara a um certo estado de coisas, que já traçara um plano de ação, de escrita, de como prosseguir até o fim desses dois anos. De repente, os sentidos que vinham se construindo até então começam a se afrouxar mais uma vez e o texto que vinha seguindo um contínuo, de repente é interpelado por um novo acontecimento. A morte de Marielle Franco inaugura um outro momento. De que serve isso tudo nesse exato presente que não cessa de acontecer, de modular, e que torna experiências de poucos anos atrás cada vez mais distantes? A morte da vereadora ao mesmo tempo que traz uma onda de paixões tristes e impotência, mobiliza.

Começo a me questionar ao longo de semanas sobre o que este acontecimento move, sobre qual o sentido dessa escrita à partir de agora, mas na forma de perguntas meio cretinas, que nos coloca a obrigação de encontrar uma resposta daquelas bem redondinhas, dessas que pareçam um bom motivo – uma boa justificativa para o resto do mundo, mas principalmente para nós mesmos – para seguir numa escrita, de forma que ela tenha “alguma utilidade”, uma arrogante pretensão de uma escrita que possa salvar alguma coisa. Percebo como ainda a ideia de redenção e salvação, que surgem como traço comum tanto das pesquisas históricas como de um pensamento cristão, ainda me constituem como pesquisadora e aparecem com força nesses momentos de desamparo. É tentador recorrer ao conforto da ideia de que haverá uma verdade, um sentido único que conseguirá estancar essa sangria em que vivemos e, a partir de então, todos partilharemos e a paz prosperidade. Tanto as pessoas de fé quanto as da razão sentem-se contempladas nesse tipo de pensamento (HARA, 2017).

Por fim, vejo que o sentido pode ser bem mais simples. Uma modesta tentativa de um diagnóstico do presente através de um registro, um olhar, um fragmento deste mesmo. Aquilo que Foucault chamaria de uma análise do que somos e, conseqüentemente estamos deixando de ser, que se dá através de “uma compreensão fina e fulminante da configuração histórica das forças, das relações de força que atravessam e tentam moldar o corpo/subjetividade do indivíduo” (HARA, 2017, p.109) é o que de repente se faz ainda mais urgente. Como podemos resistir, de forma que estas subjetividades em permanente desmonte e construção não fiquem à deriva, se nutrindo à base de violências e afetos tristes. E como não fazer disso uma fórmula universal, que vai salvar o mundo, já que qualquer universal só pode se forjar através da supressão de certos modos de vida e, portanto, também só se sustentam à base de violências? O que nasce dessas tantas mortes que experimentamos? Como podemos cuidar de nós mesmos neste duro presente? Não há mais como pensar ser possível enfrentar as formas insidiosas do capitalismo contemporâneo senão a partir de um certo esforço, de fazer valer um esvaziamento de si; dessas formas assujeitadas que constituem nossas subjetividades. Essas mesmas que tornam mais confortável viver sob a égide de uma lógica perversa que classifica vidas entre matáveis e não-matáveis, do que se permitir minimamente desconfiar da falsa ideia de estabilidade que nossa organização social oferta aos modos de vida hegemônicos. Forças assujeitadas nos levam a concluir que se a vereadora foi assassinada, é preferível acreditar - e mesmo forjar pífiyas evidências carregadas de julgamentos morais - que foi merecido a se deparar com o que esse acontecimento escancara de furo em nosso ideal de civilização pacificada. É preciso dar lugar a outras experiências subjetivas, já que, em primeira instância, o capitalismo incide em nós como corpos, como existências. E é através dos corpos que estanca as forças de conexão e de abertura em seu benefício próprio ao nos constituir como seres individualizados e apegados às formas e modelos existenciais.

A coragem da verdade como modo de vida, como modo de habitar a cidade é facilmente localizável, e rapidamente aniquilada se pensada na esfera de uma expressão individual. Seguirão matando Marielles que surgirem à luz do dia, assim como fizeram com a figura de Sócrates trazida por Foucault. O *ethos* a ser defendido é uma atitude limite e experimental, habitar o limite de si mesmo para ali experimentar, pensar, sentir e fazer diferentemente, não naturalizando esse funcionamento social e violento ao qual nos

conformamos em anestesiá-los, para dele não sucumbir. Trazer à cena da cidade um modo de vida parresiástico se faz mais perigoso quanto mais for na lógica do atropelo. A *parresía* envolve um jogo relacional, de forma que o risco precisa ser avaliado se ultrapassa ou não as forças que mantêm em relação as partes envolvidas: seja relação com a cidade, relação com as instituições, relação entre dois. Não se pode perder a dimensão ética de se inquietar sobre o quanto de verdade somos capazes tanto de mostrar quanto de suportar. Ou ainda o quanto temos de coragem para expor. O que caracteriza o parresiasta não é tanto o próprio conteúdo que ele traz, e sim a prática particular, um certo uso do discurso que traz a verdade de um modo de vida. Isso só pode ser feito à partir de certas regras de prudência e habilidade. Foucault (2011) defende que a verdade só pode ser dita em tal momento, de tal forma ou em tais condições, na medida em que aquele que é dirigido for capaz de recebê-la da melhor forma. É preciso uma prudência com a ocasião, ou seja, a situação em que se encontra aquele a quem se dirige e o momento para que a verdade seja dita.

O parresiasta, então, não pode deixar de avaliar até onde ele pode ser ouvido, para que o efeito de questionar suas próprias vidas, ou os modos sob os quais ela funciona seja produtivo, e não reativo. Isso ameaça sua própria vida. A dimensão do cuidado de si não pode ser negligenciada na *parresía*. Ao contrário, uma se desdobra na outra. Talvez possamos entender a *parresía* como o cuidado de si publicizado, já que exposto como modo de vida na cidade. Há que se levantar a questão da prudência, da atenção às doses de verdade que se pode encarar, ou expor. "Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina" (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.25), já que podem retornar em formas de forças odiosas e reativas contra si. É preciso prudência para não se matar, ou neste caso, ser morto pelas forças reativas que não suportam a verdade/verdadeira vida.

Estamos condenados ao presente, não nos resta opção que não dele próprio criar instrumentos, buscando fragmentos dos passados rebeldes, talvez camuflados da Grande-História como este fato presente possivelmente também será. Trazer os pequenos e os grandes acontecimentos destacando neles o que há de inaudito, de novo, de criação singular (HARA, 2017, p.42). O aumento de suicídios é um analisador destes tempos. Os sentidos da vida rapidamente desmoronam numa velocidade arrebatadora, a ponto de se concluir que a vida não pode ter mais sentido; de que nada pode ser construído a partir do que desmorona. Mortes de sentidos, mortes de certas subjetividades, de modos de ser e

estar no mundo e na relação com as coisas que não experimentamos sem dor. Mortes mais concretas inclusive, de pessoas próximas que amamos, de pessoas distantes que admiramos, de Marielles que sentimos que nos representa nessa macropolítica enojadora. Corpos que se vêem impossibilitados de buscar recursos e forças em si próprios pois há algo que se esgota, mas sucumbe aos afetos tristes sem conseguir se reinventar. Deleuze e Guattari (2012) nos dão o alerta de que é necessário guardar de si o suficiente que se recomponha a cada passo desses desmoronamentos. É necessário conservar algo de si, inclusive para opô-las ao próprio sistema que o constituía. Pode ser mais estratégico imitar os estratos “quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 26). Será preciso conservar o suficiente de si, mesmo para poder combater a realidade dominante. E, ainda que, de fato, não seja qualquer vida que valha a pena, talvez o pior não seja permanecer estratificado (organizado, significado, sujeitado) (DELEUZE; GUATTARI, 2012), mas se ver impossibilitado de cuidar de si, não levando em consideração os lugares que se ocupa na cidade, os elos frágeis que às vezes se habita numa dimensão social. O lugar de mulher, negra e favelada, na cidade do Rio de Janeiro, a torna passível de ser assassinada e jogada na vala, correndo o risco de nem ser lembrada – felizmente, não foi o caso. Não levar em consideração a fragilidade de alguns lugares que se habita, não só pode, como tende a aniquilar qualquer possibilidade de luta, se não agenciado com outras formas de se fazer mais forte. “É seguindo a relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 27). E uma vez que se morre, que não se pode mais nem mesmo falar por si, corre-se o risco de ficar à deriva das infâmias das narrativas alheias ou esvaziamentos das práticas em vida, de forma que nem a inspiração de um outro modo de vida se conserve.

É preciso mudar a questão. Enquanto busco saber o que morre, ressalto a morte. Mas longe de querer negá-la, ou reduzi-la a um afeto triste, é preciso uma torção da pergunta: o que nasce a partir disso que morre? O que se reconfigura, que outras conexões se abrem, o que vive? Se antes já era uma intenção, torna-se uma urgência dar relevo aos fios de vida desse mesmo presente catastrófico que desterritorializa numa velocidade difícil de assimilar e, rapidamente sobrecodifica, ou abre um poço sem fundo. Ficamos à deriva, impossibilitados de escolher, de agir de criar. Passemos da dor para a ação, do luto à luta.

## Um portal para um mundo outro: A *Chauffe*

Cheguei a La Borde num domingo, fim de tarde. Na verdade, gostaria de ter chegado mais cedo, mas quando descobri que aos domingos o transporte teria horários reduzidos, já era tarde. Teria que passar algumas horas à espera na estação de trem da cidade de Blois. Sabia que existia um transporte de La Borde à cidade, mas não sabia muito bem o que esperar. Será que reconheceria o transporte labordiano quando chegasse à estação?

O lugar estava vazio, havia pouco movimento. Mas era visível a quantidade de loucos que por ali circulavam. Depois fui descobrir que La Borde não era a única instituição psiquiátrica da região. A região do Loire, que era conhecida em toda França por abrigar castelos da realeza e da nobreza desde os tempos de monarquia, também era uma região de referência do que restava da Psicoterapia Institucional na França. La Borde, diferente do que eu imaginava, não era a única: falava-se também em La Chesnaie, Saumery, e suspeito que haviam ainda outras, mas já não me recordo. Quanto a essas duas, falava-se em tom crítico. Ambas pareciam ter se tornado clínicas de luxo, onde a Psicoterapia Institucional aparecia mais como um glamour, um diferencial exótico quando comparado aos tratamentos psiquiátricos mais tradicionais. Fosse como fosse, o fato da região abrigar instituições psiquiátricas nos arredores fazia com que a circulação de loucos fosse corriqueira na cidade. Percebia alguns na estação de trem, olhares desconfiados aos forasteiros que passavam horas naquela estação esperando o tempo passar. Seriam eles labordianos, que também aguardavam o transporte? Será que eu reconheceria o carro?

Passaram-se longas horas de espera, chegou a *chauffe*. E nesse momento não me restou qualquer dúvida: era o transporte labordiano que também nos procurava. Abria-se um portal junto àquela porta de uma velha van; uma vez que ali se entrava, a vida nunca mais poderia ser a mesma.

### A *Chauffe*

Era frequentemente a *Chauffe* que nos levava a escola.  
Isso quer dizer um Pensionista, em um dos 2CV Citroën de La Borde.

Nós encontrávamos o carro e seu motorista em frente ao Castelo.  
Nós nos amontoamos nos fundos, os pequenos nos joelhos dos mais velhos, colando nossas bocas, nossas mãos no tubo frio do banco da frente.  
Por muito tempo, foi Alexandre.  
Ele dirigia muito, muito devagar. Nós ficávamos bem quietos.  
Olhávamos o contador de quilômetros; quando chegava a vinte por hora, ele levantava o pé do acelerador; eu não creio que ele passava a segunda marcha; era uma viagem doce no rugido ensurdecedor do motor, ao longo das vinhas e dos pequenos bosques.  
A gente se entediava um pouco, especialmente na costa. Mas nunca chegamos atrasados.  
O evento era que ele sempre soltava o volante para coçar a palma de uma das mãos na outra; e nós tentávamos contar em qual intervalo.  
Ele era muito gentil com a gente. Havia outros pensionistas mais desconfiados, e com ele ficávamos realmente tranquilos.  
Deixavam-nos na frente da escola como uma grande remessa.

Nós éramos de La Borde.  
No vilarejo de Cour-Cheverny, no início dos anos 60, a clínica constituía ainda uma presença fantástica. O medo do Louco era tangível.  
Nos colocavam sensivelmente no mesmo saco, um bando de engraçados, de esquisitos que deixavam os Loucos circulando em um parque sem barreiras e viviam com eles.  
Foi quando fui escolarizada no jardim de infância que percebi a situação.  
No universo abundante e completo do falanstério de La Borde, onde tínhamos nascido, eu nunca havia tido a medida das coisas.  
Sabíamos que os Pensionistas eram Loucos, obviamente; mas La Borde, acima de tudo, era a nossa casa.  
Os Pensionistas, que também dizíamos os Doentes, não eram nem mais nem menos em nosso sentimento. Eles estavam lá e nós também.  
Nós tínhamos carinho por alguns deles, e alguns dentre eles também gostavam muito de nós.  
Antes de tudo, para as crianças que éramos, eles eram adultos. Como tais, eles possuíam uma autoridade mais forte que nós; a primeira distinção se fazia ali.  
Muitas vezes nos diziam para não perturbá-los, para não gritar.  
Para o resto, me parece que, como as outras crianças de La Borde, eu bastante naturalmente fiz a triagem nos contatos diários, entre os que eram da Loucura e aqueles que elevavam a parte da relação mais humana mais fundamental, que ferozmente protegia o projeto de La Borde, sem que uma impedisse a outra. A arte da conversação, o cuidado do outro, a gentileza ou a impaciência, as saudações, levar notícias, o interesse sincero, os sorrisos, os insultos, as ausências e as distrações, as rostidades inquietantes ou devastadas, o comportamento angustiado, a atonia ou mesmo a catatonia, os corpos estranhos ou até mesmo muito dignos, mãos martirizados, roupas, cheiros, tudo era o sinal de um contato possível ou não, como em toda a vida em comunidade; e de acordo com os momentos, com um tal ou uma tal nós nos desviávamos de nossas trajetórias suavemente, ou parávamos e então novamente partíamos em nossas cavalgadas de crianças. No entanto, era principalmente sós que trocávamos algumas palavras com os Pensionistas.  
Em grupo, éramos muito ocupados.  
Os Loucos eram muitas vezes, à sua maneira, bastante ocupados. Nós também. No fundo, vivíamos em universos bastante paralelos, no mesmo lugar. Nós não nos esbarrávamos.  
Além disso, logo nos proibiram de atravessar o Castelo correndo. Tentamos fazê-lo ainda com calma ou disfarçar, até que nos pediram para não mais correr em grupos.  
Da mesma forma, não tínhamos o direito de fazer barulho quando passávamos perto dos consultórios médicos.



As informações registradas nos cadernos pelos Monitores que haviam feito a Enfermaria ou as Noites, e que eram discutidas a cada dia nas reuniões, chegavam até nós. Senhora Fulana de tal, o Sr. Fulano de Tal não está bem agora.

Nosso pai às vezes nos alertava a respeito de alguns Pensionistas:

tem alguém que acabou de chegar; ele não gosta de crianças, você não se aproxime dele.

Mas na maioria das vezes, nós estávamos em outros lugares. Havia a vastidão do Parque, os lagos, os caminhos, a lagoa, os animais. E tudo o que era proibido.

Depois do toque do sino do Castelo, às sete horas, anunciando o jantar dos pensionistas, já era noite em La Borde.

Voltávamos para casa para comer com a nossa família.

As acomodações para famílias de funcionários eram modestas.

Chegavam sempre mais pensionistas para serem acolhidos.

A gente se deitava as oito e meia. E tudo recomeçava no dia seguinte.

(Emanuelle Guattari, 2012, tradução minha)

O reencontro com o livro de Emanuelle Guattari me toca. Recorro a ele no momento da escrita. Estava guardado no fundo de um armário de livros já há um tempo, mas não exatamente esquecido. Quando o descobri já estava em La Borde, e me deparei com ele num passeio despretenso numa livraria na cidade mais próxima. Um livro de narrativas de uma infância em La Borde, já me parecia, logo de cara, uma preciosidade. Era a filha do Guattari. Era uma criança que crescia em La Borde. Parece que os outros dois filhos também continuavam a habitar a região *Loir-et-Cher*, onde se situa La Borde. O que deviam ser essas crianças que cresceram em La Borde, no meio de loucos? Que tipo de adultos se tornam? De repente, me vejo afeiçoada a tais figuras que nunca cheguei a conhecer. Se bem que, o encontro com esses escritos, com esse legado de algo singular que criaram, as narrativas que deles escuto com atenção, acabam por ser formas, ainda que um tanto parciais, de conhecê-los. Mas qual conhecimento não se dá através dessas parcialidades, afinal? Por Foucault e por Deleuze, tenho admiração, e vejo como autores que me fornecem ferramentas importantes para pensar a vida em suas condições mais potentes. Guattari, também, é claro, mas não só. Este eu abraçaria se pudesse. Este inquieta em mim movimentações, assim como o fez em La Borde. Mal sabem de sua existência na França, já que não era uma figura do meio acadêmico. Em La Borde também já não se fala nele quase. Por parte dos monitores, diz-se que Guattari foi apenas um momento da clínica. Ponto. No entanto, ouve-se por parte dos pensionistas a menção à Guattari como um parceiro. "Se Guattari ainda estivesse aqui isso não aconteceria", referindo-se aos efeitos da nova administração atual.

Jorge Amado também foi um escritor que eu abraçaria, depois de ler o Capitães da Areia, talvez o livro preferido de minha adolescência. O que tanto me encantara naquele livro que trazia experiências duras de uma realidade de extrema miséria e pobreza material, mas que me fascinava ler e reler tanto? Quando me perguntavam o que eu tanto gostava naquele livro, não era algo que eu soubesse responder facilmente, eu mesma não entendia muito bem. Hoje penso que talvez fosse a alegria, as aventuras daqueles jovens, que do extremo nada, criavam mundos para eles. Me fascinavam aquelas aventuras daqueles jovens, tão jovens, lançados no mundo – quisessem eles ou não. O mundo inteiro a desbravar naquela Bahia de tantas discrepâncias sociais. Uma riqueza de vida, diante de tantas durezas e dores da vida. Minha juventude de classe média super protegida me soava desinteressante diante de toda aquela potência, sem graça. Mas era confortável, devo assumir. Sabia que aquela intensidade de vida trazida naquele livro não era possível pra mim: eu não daria conta de abdicar daqueles confortos que me mantinham no cerco. Mas gostava de saber que aquilo existia, que aquele livro, apesar de uma ficção não era apenas fruto da imaginação de Jorge Amado. Eram vidas concretas, ainda que fictícias. Aqueles jovens, juntos, nas parcerias, nas brigas e tensionamentos, naquelas relações nada romanceadas, fortaleciam a vida um do outro. Ufa! Que alívio poder constatar que não é tudo, que não são todas as expressões de vida que o capitalismo consegue capturar para seus fins próprios. Será que é só atingindo o nível de extrema pobreza material que nos daríamos conta disso? Só diante de uma imposição trágica, de situações que escapam a nossa vontade, que seríamos forçados a inventar novos modos de vida, a nos nutrirmos de outras coisas que não sejam mercadoria, para nos mantermos vivos? Honestamente, não sei dizer. Mas em todo caso, não é esta a hipótese que quero defender aqui, de que os revirões, as transformações, as modulações só vêm diante de um sofrimento. É preciso alterar os regimes de sensibilidade, talvez seja este um meio. Mas como?

A *chauffe*, ao chegar em La Borde, parou bem em frente àquele já conhecido castelo (até então, apenas através de fotos e filmes). Trazia malas comigo, não sabia exatamente como chegar, por onde entrar. Passei alguns minutos contemplando aquele castelo, de imagem conhecida, mas agora envolto numa nova paisagem. Novas imagens complementando aquele entorno, os gramados mais amplos, os gatos passeando, uma

capelinha logo ao lado do castelo, um céu de um dia ensolarado com o sol se pondo. A monitora que nos agendou na *chauffe* daquela tarde de domingo logo brincou, dizendo que trazíamos conosco o sol do Brasil. Havia naquela paisagem mais algumas outras construções menores que depois eu viria a conhecer. Além disso, os cheiros. O cheiro de cigarros era marcante em qualquer lugar daqueles aposentos, mas neste dia em especial, havia também um cheiro delicioso de pão recém-saído do forno. Domingo era dia do ateliê *Four-À-Pain*, comandado pelo mesmo pensionista já há alguns anos. Os pães eram assados todos os domingos num forno – talvez à lenha – que ficava na área externa. Depois de prontos, eram vendidos dentro do castelo a preços bem acessíveis (se não me falha a memória, não chegavam a 1 euro). Assim que entrei no castelo, as pessoas avançavam sobre uma mesa de pães variados, mas disseram-me que não me preocupasse pois haveriam ainda outras fornadas. Ainda assim, provavelmente com a ajuda de algum pensionista que a essa altura já notara a presença de novos estagiários por ali, consegui experimentar o que restava daquela leva. E em breve haveria a exibição de um filme. Nesse meio tempo, fui conhecendo os outros estagiários. Havia duas brasileiras, uma que estava para sair, e outra que também há pouco tempo iniciara seu estágio. Conheci também uma estagiária francesa na confusão das atividades que envolvia pães e filmes. Mas só entendi que se tratava de fato de uma estagiária na hora de subirmos pro *local-stagiaire* com o fim das atividades. Na minha percepção, estagiários não teriam mais que trinta anos, mas La Borde foi me mostrando que estava profundamente enganada. Desci para assistir ao filme, e não entendi como alguém poderia preferir se manter no *local-stagiaire* enquanto exibiam um filme lá em baixo! Mas estavam em seu dia de folga, que depois também fui entender que eram preciosos e, às vezes difíceis de preservar quando se passa a morar no mesmo lugar em que se trabalha. Vez ou outra, ligavam para o *local-stagiaire* quando surgia alguma emergência e precisavam de um coletivo maior do que o que se dispunha na ativa. Falar no telefone em outra língua, para mim era uma tarefa árdua. A ausência de uma expressão corporal numa língua estrangeira causava muitos maus entendidos, ou não entendimentos. Fui criando o hábito de simplesmente não atender o telefone, a não ser que a insistência fosse grande. E quando era algo realmente mais sério, alguém subia até lá, e a comunicação era mais possível.

Passado o fim de semana, La Borde possuía uma rotina intensa, muito movimentada e de muitas atividades. Fui recebida por um Pensionista, um daqueles que adoravam o Brasil – haviam muitos por lá, inclusive um ateliê chamado ateliê Brasil, onde tudo relacionado a este país podia ser levado. Chamava-se de *poisson pilot* aquele que seria encarregado de apresentar os domínios de La Borde aos recém-chegados (estagiários, visitantes, pessoas no geral que nunca tinham pisado ali), e, no geral, tal ofício era realizado por um pensionista. Meu *poisson pilot* não conseguia disfarçar seu contentamento em receber mais brasileiros na clínica e, enquanto circulávamos, às vezes se perdia nas perguntas sobre o Brasil e no pequeno vocabulário de palavras em português que há tempos vinha cultivando como preciosidades. Por fim, se esquecia de nos explicar aonde estávamos, que lugares eram aqueles e para que serviam. Eu, facilmente me perdia com ele em suas curiosidades, histórias, e narrativas atravessadas pela temática *Brasil* (país que já tinha até visitado junto a outros labordianos), e mal me dava conta de por onde estava circulando, ainda que não deixasse de notar aquela bela paisagem campesinal. Já desde os estágios em saúde mental, nos tempos da graduação, que vinha me afeiçoando a esses diálogos meio devaneios, que o contato com a loucura me convidava a embarcar e que não se sabia muito bem aonde daria.

Junto à mim acabara de chegar outra nova estagiária - a quem eu logo viria a me afeiçoar bastante -, francesa, de formação em enfermagem, que não só caía de paraquedas ali, como também parecia muito se incomodar em não estar tirando daquele passeio aquilo que lhe prometeram: os nomes dos lugares, para que serviam, em que momento deveríamos estar neles. Minha futura colega parecia nutrir um certo receio de nosso *poisson pilot*. Ficava incomodada quando eventualmente, nas visitas aos setores em que os pensionistas viviam, entrávamos no quarto de alguém, ou em algum lugar fechado. Parecia querer se certificar de que a porta estivesse aberta. O *poisson pilot*, à partir deste dia começou a me receber com um "olá", seguido de outras palavras em português que às vezes eu custava a entender. Em La Borde, dizia-se que falávamos *brasileiro* ao invés de português, e, o que a princípio me soava como uma óbvia ignorância européia em relação ao resto do mundo, aos poucos foi soando mais como uma diferenciação afirmativa de uma linguagem que, no geral, eles achavam de sonoridade muito mais bonita quando comparada a língua falada em Portugal.

O *poisson pilot* era engraçado, tinha cabelos longos e grisalhos, começava assuntos, e, repentinamente alguma coisa qualquer atraía sua atenção, fazendo-o pular para o assunto seguinte que o despertava sem qualquer transição. Estávamos falando de que tipo de reunião acontecia num tal lugar, e, de maneira repentina ele parava, olhava pra suas mãos e chegava a conclusão de que o tamanho de suas unhas que estavam inadequados para tocar violão. E assim seguia. Além de engraçado, também era debochado. Enquanto circulávamos pela clínica, o *poisson pilot* nos apresentava aqueles que cruzavam por nós, dizendo quem eram, e quais setores trabalhavam ou moravam, as vezes dizia se era monitor, se era pensionista, se era estagiário. Numa dessas situações, fui apresentada a uma moça que se encontrava do lado de dentro de um balcão de uma pequena farmácia, separando os remédios que mais tarde seriam distribuídos aos pensionistas. Ele apresentou seu nome, e disse que era uma antiga pensionista de La Borde, mas logo começou a gargalhar e pedir desculpas dizendo que não se tratava de uma pensionista e sim de uma monitora – que parecia não achar a menor graça daquela piada. Já nas primeiras horas daquele dia me vi na difícil tarefa de segurar o riso (sem muito sucesso), diferente dele, que gargalhou e logo se distraiu com qualquer outra coisa recuperando rapidamente a compostura. Naquele momento, nem tinha entendido muito do que se tratava, mas sendo facilmente contagiada pelas gargalhadas que já se tornavam incontroláveis, me retirei discretamente do lugar para rir do lado de fora. Pouco depois fui saber que a monitora vítima da piada era uma das filhas de Oury, e que por vezes se afastava por licenças devido a alguns episódios de depressão. Isso não era raro em La Borde, o fato de que alguns funcionários saíssem de licença muitas vezes até por situações oriundas do próprio trabalho. O que me pareceu raro, foi que uma piada como essas tivesse lugar; fosse dizível e dirigida a uma das herdeiras daquele espaço.

Estar em La Borde era bastante alegre e muito movimentado, apesar de ter sido uma experiência não exatamente fácil, e não raramente doída. Não havia nada de familiar ali, de repente você se vê pisando em outro chão, num terreno movediço. A princípio carregando consigo toda uma bagagem completamente dispensável àquela situação. De repente você é lançado numa rotina sem muitos protocolos: "vá aos setores, conheça e equipe e os pensionistas, de resto era só estar disponível". Mas e se ninguém precisa/se interessa por você, independente da sua ânsia de querer espremer 60h em um dia para fazer de tudo um

pouco? Às vezes contava com a generosidade de um ou outro monitor mais acolhedor, ou de algum pensionista que se dispunha em situar um pouco a novata. Mas era frequente uma grande solidão naqueles turnos matinais. Em meu funcionamento atravessado por uma lógica de produtivismo, parecer à toa, ou ficar sem fazer nada não parecia ser uma opção. Passava as vezes manhãs apenas na companhia de uma vassoura na área comum, enquanto em questão de minutos, a multidão na área comum do setor se dissipava.

Aos poucos fui percebendo que La Borde não era uma instituição marcada por uma vigilância. Tanto não percebia vigilância sobre os funcionários e os horários a serem cumpridos, quanto também não percebia em relação ao controle dos pensionistas. Ninguém impediria um pensionista de ir ao vilarejo e voltar com bebidas alcoólicas apesar da perigosa interação com os medicamentos psiquiátricos. Tampouco controlavam relações sexuais que pensionistas tinham entre si (havia alguns casais) - fato comum em dispositivos de saúde mental no Brasil. Dizia-se que por vezes aconteciam surtos decorrentes disso, mas em nenhum momento percebi alguma atitude "preventiva" de cercear a circulação ou a liberdade de alguém. Quanto à *grille* (quadro de horários que cada um preenchia de acordo com suas preferências), também se autogeria. Não sem conflitos. Por vezes aconteciam faltas por parte de pessoas que haviam se disponibilizado a estar num determinado turno. Ou às vezes alguns setores ficavam com horários vazios. Os funcionários presentes então se reorganizavam a partir de quem estivesse lá. Havia certamente queixas, reclamações a respeito de como alguns monitores se relacionavam com esse compromisso, mas em momento algum percebi algum tipo de controle sobre quem cumpria mais ou menos a carga horária.

Em movimentos tímidos, fui aos poucos fazendo minha grade mais de acordo com o meu agrado do que com o que achava que deveria. Frequentemente excedia as 35h estipuladas a serem cumpridas, na ânsia de que nada me escapasse. Mas aos poucos fui também entendendo que, se em alguma semana eu não a atingisse, isso não seria um problema, e tampouco seria notado já que minha circulação por lá era mais tímida e discreta. No geral, minhas práticas tanto em ambientes de trabalho, como na vida em geral, tende a se ater mais ao miúdo, aos detalhes aos pequenos acontecimentos. Hoje chamaria isso de um *modo-noturno*; um modo mais sorrateiro, que não busca pra si os holofotes. Hoje consigo ver potência nisso, em não atrair para si todas as atenções e os consequentes

olhares de um poder regulador. Foucault (2003) em “A vida dos homens infames” ressalta as banalidades e as trivialidades de vidas que só se tornaram dignas de algum registro, ainda que em documentos amarelados e obsoletos, através de um encontro com o poder. Caso contrário, tais existências seguiriam seu curso sem deixar qualquer rastro. No entanto, o encontro com o poder lhes garantiu palavras, qualidades, e até sentenças que garantiriam um futuro infortunado a partir de tal encontro. Tudo isso graças ao feixe de luz que veio a iluminá-las, arrancando-as da noite em que poderiam ter permanecido (FOUCAULT, 2003).

Nunca deixei de me sentir mal, ou pouco à vontade nos turnos matinais daquele setor. Esse excesso de luminosidade em mim produziam um efeito de querer prestar contas, mostrar serviço, jamais parecer *à toa*. É o que se tende a esperar dos turnos de trabalho no modo de vida capitalístico. Em compensação, foi o mal-estar matinal que me fez descobrir o turno da noite e, conseqüentemente, afirmar um *modo-noturno* em sua potência de habitar aquele espaço!

Era quando já não haviam tantas exigências com rotinas dos pensionistas, ou com a limpeza que era ali gerida por todos. Era possível um contato mais próximo com quem ali estava, num ritmo mais calmo e tranquilo. No turno da noite, por vezes era possível circular em outros setores, perceber como se diferenciavam entre eles, e como isso dizia da dinâmica que se estabelecia entre monitores e pensionistas. No setor que me foi designado, de fato havia uma dispersão, um isolamento às vezes dos próprios pensionistas, que também variavam mais ou menos dependendo de quem estivesse lá no dia. Porém, tudo mudava à noite, era um outro arranjo. Para começar, era apenas um monitor e um estagiário. De antemão era possível escolher estar junto de certos monitores mais disponíveis a uma parceria.

A presença agregadora de alguns possibilitava que algumas rodas de conversa emergissem, sobre os mais diversos assuntos, como *Walking Dead*<sup>17</sup>, o bebê de uma monitora que estava para nascer. Dependendo de quem fizesse o turno da noite, chamado 17h-23h, o setor ficava animado, os pensionistas se juntavam na área comum ao invés recorrerem à equipe apenas diante de algum problema. O turno da noite, era uma excelente e agradável saída, que valeria ser substituído diariamente pelo turno do dia, se

---

<sup>17</sup> Série americana de sucesso na década de 2010.

isso não implicasse em estar fora do *local stagiaire* no momento em que todos se encontram. Era uma escolha difícil. Pois, finalmente, a noite vinha se destacando como o momento preferido em La Borde, fosse aonde fosse.

### **Cotidiano diurno de La Borde: para onde foi Guattari?**

Revedo alguns e-mails trocados com alguns colegas no período em que estava lá, havia momentos em que os turnos matinais chegavam ao nível do insuportável. As semanas se passavam, e a sensação era de estar sempre no primeiro dia. Dependendo da configuração de monitores, fazer perguntas ou tirar algumas dúvidas era motivo de se receber respostas atravessadas. Muitos pensionistas vibravam com a chegada de brasileiros na clínica, alguns até afirmavam que estagiários brasileiros era uma das especialidades de La Borde. Enquanto isso, alguns monitores torciam a cara, e já pressupunham que isso seria sinônimo de um trabalho a mais para eles. Que a língua materna diferente atrapalharia a inserção no trabalho – isso me foi dito em um dos meus primeiros dias no setor, e acreditei. Mas também observava meus colegas, também brasileiros, em seu primeiro contato direto com a língua francesa virarem-se muito bem, e foi me parecendo que não se tratava do quão se dominava um vocabulário ou uma linguística. Tratava-se de uma abertura ao encontro, e isso exigia certa disponibilidade de todas as partes envolvidas. Fui percebendo então que, naquele setor, nos turnos da manhã, isso só seria possível com os pensionistas, salvo algumas exceções de monitores. Ainda assim, as manhãs no setor *Extension* continuavam a me provocar bastante tensão. As parcerias eram construídas com muito mais dificuldade, as semanas se passavam, e continuava a sentir um enorme desconforto naquele turno matinal. Com o apoio e insistência de meus colegas estagiários que puderam estranhar isso comigo para que não passasse batido, isso vira assunto de supervisão. Algo que eu vinha tratando de maneira pessoal, achando que tinha mais a ver com a minha pessoa e minhas inabilidades individuais acabava se desdobrando. Me é oferecida possibilidade de trocar de setor em minhas semanas finais, ainda receosa, aceito, e por fim só lamentei não ter feito isso antes.



Havia quatro setores, que era como se chamavam as moradias dos pensionistas: *Parc*, *Pilotis*, *Bois* e *Extension* (os dois últimos dividiam o mesmo espaço geográfico, ficavam na mesma construção, mas por ser muito grande era dividido em duas equipes). Cada um tinha sua equipe de monitores onde as rotinas eram semelhantes – o que mudava era como cada equipe a conduzia. Pela manhã fazíamos o SAM, que significa *Soin* (cuidado), *Animation* (animação) e *Ménage* (faxina). Antes disso, havia uma pequena reunião de passagem entre cada mudança de turno, onde a equipe que estava de saída dava notícias dos acontecimentos mais recentes no setor à equipe que chegava. E sendo feita a passagem, cada setor se reunia para ler a folha do dia (*feuille du jour*), que era um pequeno jornal diário onde se anunciavam alguns informes assim como todas as atividades que aconteceriam na clínica na parte da tarde: ateliês, reuniões, etc. Distribuía-se os remédios de cada um (que já estaria previamente separado pela equipe), e então partia-se para as rotinas de faxina, ou para as rotinas com os pensionistas mais idosos que necessitavam de um cuidado maior: alguns precisavam de ajuda para o banho, outros usavam fraldas geriátricas que precisavam ser trocadas. Mas acima de tudo, a ideia não era que a equipe de monitores se organizasse entre si para cuidar da limpeza. Era preciso que um coletivo junto aos pensionistas funcionasse, e que aqueles que habitavam os setores estivessem implicados na gestão e nos cuidados com o espaço, e obviamente, com eles também. A equipe de monitores e estagiários então, mais do que organizar a limpeza e distribuição de tarefas, tinha como função estar ali disponível mais num suporte aos movimentos de autonomia. E, é, claro, auxiliar no que fosse preciso, e a quem fosse preciso botando a mão na massa junto, varrendo o chão junto, lavando os banheiros junto. Mas não era raro que isso se perdesse, e que alguns monitores já se estabilizassem em algumas funções de antemão. Rapidamente às pessoas se agarravam à alguma tarefa, e quando me dava conta, já não havia mais ninguém, ou nem mesmo tarefa no setor em que fiquei boa parte do meu tempo.

O novo setor tinha uma autogestão que funcionava melhor. Não era aquele estranho silêncio onde, de repente, as pessoas evaporavam como fumaça. E parecia que cada setor já tinha históricos: *Parc* e *Bois* tinham a fama de serem mais harmônicos e acolhedores; *Extension* e *Pilotis* eram os setores problemas. O *Pilotis*, ao menos era o setor aonde as coisas explodiam, e as questões institucionais não passavam despercebidas. Como efeito

também muitos monitores adoeciam, saíam de licença. As coisas explodiam e os embates se davam as vezes de forma violenta e pessoalizada. Já a *Extension* era caracterizada por uma tensão silenciosa. Pessoas que não se falavam, que não vinham trabalhar se corresse o risco de esbarrar com o fulano de quem não gostavam. O próprio funcionamento do setor, onde em questão de minutos a multidão matinal se dissipava denunciava o não dito: as pessoas pareciam preferir não se encontrar. *Bois* e *Extension* que dividiam a mesma construção geográfica, eram apenas separados por uma porta. No entanto, funcionavam de forma visivelmente distinta. Da *Extension* mudei para o *Bois*, e a poucos passos de distância a experiência foi outra. Rapidamente me sentia parte daquilo, e nos dias que a companhia da vassoura era a única companhia ao longo de uma manhã, já não era mais algo solitário.

Sentia olhares estranhos e desconfiados de alguns monitores do antigo setor com a minha saída. No caso dos mais generosos, pareciam um tanto frustrados. Não parecia ser comum esse tipo de mudança, e até pouco tempo não aparecia nem mesmo como possibilidade, ao mesmo tempo que foi sugerido com muita naturalidade em supervisão. Sentia um mal-estar a respeito, quase um constrangimento, como se, sem querer, estivesse denunciando algo daquele funcionamento. Nesse momento atraí para mim às luzes, as quais tanto dispensava, e não foi nada confortável. Os olhares dos monitores me constrangiam, como se houvesse violado uma regra. Outros estagiários da *Extension* que antes naturalizavam o funcionamento do setor começaram a expressar no *local-stagiaire* o mesmo incômodo de ter a vassoura como única companhia pelas manhãs, que parecia ser uma constante a alguns. Mas não fiquei muito mais tempo pra acompanhar se este pequeno deslocamento teve outros efeitos além do mal-estar visível em alguns monitores, que não sei ao certo do que dizia. Talvez um mero mal-estar de uma pequena molécula que se move numa estrutura já edificada, ainda que isso não mudasse em nada a rotina em si, que parecia seguir a mesma. Eram perturbadores, aqueles olhares. Mas também não duraram muito tempo.

Foi um momento em que a vida pulsava. Ao fim de um dia frequentemente lembrava de uma manhã com a sensação de um "anteontem". Trago aqui uma experiência que pra mim foi alegre e não é por acaso; de microrevoluções que, de certo, envolveram algumas dores, mas que acima de tudo me provocam sorrisos sempre que lembradas. O presente, no entanto, já exige um trabalho maior. Os sorrisos precisam ser cultivados,

alimentados. Sem eles ficamos impotentes para escolhermos nossas lutas. Jorge Amado já vinha me mostrando que é possível criar movimentos de vida alegres das dores que se vive. É o que faziam esses jovens em os Capitães da Areia, agiam para se manterem vivos, numa certa vida intensa, e vão à luta. Não há como lutar em sofrimento e, para a ação, é preciso se aprender a extrair alguns fios de vida das dores que tendem a se destacar por um caráter negativo, e não pelo potencial criativo dos vazios que nos abrem, vazios estes que precisam ser preenchidos com novos sentidos e conexões.

Assim também o fez François Tosquelles diante de uma situação de total desterritorialização, quando sai fugido da Espanha durante a Guerra Civil (na qual inclusive lutava) com a ascensão do fascismo, lugar não só de sua nascença, mas de suas práticas, de sua luta em grupos políticos e nos meios da psiquiatria, de suas familiaridades. Chegando na França clandestinamente, cria algo para si, junto a todo um entorno coletivo daqueles que compartilharam da breve utopia que foi a experiência de St. Alban, que já fala por si só. Tento buscar mais sobre François Tosquelles, mas vejo que o material deixado por ele, ou sobre ele, é um tanto escasso. Era uma figura que se dedicava à prática e aos acontecimentos, sendo assim, muito pouco à escrita ou ao que deixaria como legado. O que desperta ainda mais o meu interesse sobre ele, sobre sua passagem pela guerra civil espanhola, sobre os percursos e descaminhos que o levaram à St. Alban. Mas não encontro muito mais que um vídeo, que havia assistido pela primeira vez em La Borde, feito por Polack e Sivadon, onde aparece Tosquelles dando alguns depoimentos quase ininteligíveis numa língua francesa carregada de seu sotaque catalão, o qual ele gostava bastante de afirmar - gostava de ser visto como estrangeiro. De resto, só as mesmas histórias nos textos psis, trazendo o já conhecido fragmento da sua história no que tange ao surgimento da Psicoterapia Institucional. Em La Borde, muito mais do que Guattari, Tosquelles ainda era uma figura viva, parte das narrativas até do próprio Jean Oury, mas também de muitos outros. Uma figura peculiar e carismática, com seu inconfundível sotaque catalão característico, era o que diziam.

Gostaria de abraçar o Jorge Amado, pelos Capitães da Areia, e por este recado que ele já vinha me dando desde minha adolescência; assim como Tosquelles pela experiência de Saint Alban, e Guattari por La Borde. Jean Oury, seu fundador, que ainda

estava vivo<sup>18</sup> quando fui, me causava sentimentos controversos. Mais pelo que eu ouvia, do que por algo que a figura dele em si tenha me expressado. Circulava pouco, apesar de ainda assim fazer questão de estar em alguns espaços de encontro com os Pensionistas por exemplo, o *pitchoun*, uma breve reunião que acontecia às quintas uma hora antes do horário do almoço. De fato, parecia já não ter mais saúde para a intensa vida labordiana e precisasse se preservar mais, devido à sua muita idade. Uma figura meio mítica naquele espaço, me parecia. Distante, porém presente à sua maneira. Caminhar lento e arrastado, como se suas costas corcundas pesassem, cabelos muito brancos, óculos, sempre na companhia de um cigarro. Gentil e irritadiço. Falava manso, e às vezes saía soltando faíscas por conta de alguns temas levantados nessas pequenas reuniões. Quando se enervava, terminava a reunião antes dos sinos do almoço tocarem. Ou mesmo em reuniões de trabalho que excepcionalmente vinha a participar, quando o assunto era mais sério, dizia-se que batia o pé, falava firme, e deixava as reuniões batendo a porta após ter dado seu recado. Havia um certo saudosismo na clínica da época que Oury era mais presente nas rotinas e decisões de La Borde.

Dizia-se que quando vinham funcionários do governo fazer algum tipo de inspeção e vigilância na clínica, todos os cachorros e gatos eram trancados num cômodo escondido já que não eram permitidos animais em hospitais (mas era aquilo um hospital?), e mais uma ou outra medida eram tomadas naqueles dias em especial para que essas fiscalizações não se interessassem tanto a inspecionar a clínica por mais tempo. Mas, em alguns momentos, Oury chegava e enxotava-os de lá quando necessário, botava-os para correr energicamente. Assim funcionou durante algum tempo. Aparentemente o governo também fazia "vista-grossa" ao funcionamento pouco tradicional daquela clínica, já que os poupava de se ocupar de alguns pensionistas "*sans-papiers*" (imigrantes sem documentação, ou em alguma situação de ilegalidade). Mas as medidas do governo francês durante a presidência de Nicholas Sarkozy (entre 2007 e 2012) vinham endurecendo cada vez mais no que dizia respeito à saúde, funcionamento de hospitais e clínicas. Uma das medidas que me recordo era que o governo desaconselhava o uso da psicanálise como tratamento eficaz. Sendo naquele contexto a psicanálise o que haveria de mais progressista das possibilidades de

---

<sup>18</sup> O psiquiatra Jean Oury faleceu no dia 15 de maio de 2014.

clínica (nunca ouvi falar em esquizoanálise nem mesmo em La Borde, por exemplo), aconselhava-se terapias com base cognitivo-comportamental e neuro-científicas.

A política de Estado, então, atestava como ineficaz a teoria psicanalítica – e em defesa da psicanálise, ressaltado, é uma teoria que, possibilita o uso de um não-saber diante daquele que busca um tratamento, e quando utilizada dessa forma abre espaço de que o mesmo participe ativamente na construção um saber sobre si. O governo francês passa a priorizar assim os saberes científicos mais duros, taxativos e deterministas no campo psi. Nesse contexto político francês as exigências de funcionamento dos estabelecimentos de saúde também foram enrijecendo. E, é claro, os efeitos chegaram à La Borde também, que apesar de parecer, não se encontra fora do mundo. Além disso (não posso dizer se no mesmo tempo cronológico), a sucessão de Oury por seu genro não era vista por grande parte dos monitores e pensionistas como algo que potencializasse as forças instituintes da clínica. "Ele fez como Lacan!" ouvia-se por lá... Mas o que mais doía eram os rumores de que o velho Oury era vaidoso, e talvez não quisesse que a força instituinte da experiência labordiana durasse muito mais que sua própria vida. Numa conversa num outro estágio que fiz após sair de La Borde, contaram-me sobre a resposta de Jean Oury quando questionado sobre o que seria de La Borde após sua morte. *Je vous enterre vous tous!* (enterro a vocês todos junto!). Palavras que ecoam em meus ouvidos desde então. Às vezes me pergunto se foi uma resposta dada por ironia, para dispersar os chatos que lhe cobravam que ainda garantisse alguma coisa à La Borde àquela altura, como se o futuro de La Borde dependesse sempre dele, e de mais ninguém.

Havia os que defendiam que a melhor opção de diretor substituí-lo seria Jean Claude Polack, que parecia ter brilhado nos anos que trabalhou por lá. Mas o fato de Oury optar pelo seu genro que aparentemente não tinha grandes laços com La Borde, não era qualquer coisa. Ao mesmo tempo, as posições são paradoxais. Oury discursava contra um centralismo que o colocava como fundador de La Borde e à ele atribuía um lugar de fetiche. Afirmava que La Borde só foi possível por conta de uma série de acontecimentos dentro de uma multiplicidade de forças e pessoas da qual ele fazia parte (OURY, 2010). Revendo os jornais de La Borde do período em que eu estava lá, por vezes também escrevia, para lembrar a todos o sentido da Psicoterapia Institucional, a importância do *Club Thérapeutique* (o coletivo de funcionários e pensionistas) se manterem questionando a Instituição.

A Clínica de La Borde é uma clínica psiquiátrica e deve seguir o caminho que a marcou desde o início, seguido das transformações fundamentais de certos lugares, em primeiro, o Hospital de Saint Alban nos anos 40.

Trata-se sempre de se manter na linha dessa fórmula antiga, datando de 1927, de Herman Simon: "para tratar os doentes é preciso tratar o Hospital". Isso necessita de um ato arquitetônico complexo que foi chamado, desde 1942, "Psicoterapia Institucional": uma articulação cotidiana entre os diferentes fatores essenciais a uma empresa: luta contra a fragmentação, contra uma hierarquização burocrática afim de permitir um desenvolvimento multireferencial de uma psiquiatria concreta. Problemas que são tão fundamentais quanto a importância psicoterapêutica dos grupos (na relação com as diferentes escolas de análise...), a farmacologia, etc., etc. Cada pessoa trabalhadora aqui deve participar de forma regular de uma política de rotatividade, que coloque em ato as relações multi-referenciais.

Isso deve se basear numa análise coletiva e permanente do trabalho concreto. É a partir do problema tradicional de Psicoterapia Institucional que podemos entreter um ambiente de acolhimento permanente, o qual é indispensável para garantir uma certa eficácia terapêutica.

É importante lembrar a estrutura dessa coletividade em La Borde. Existem certamente problemas administrativos bastante pesados em relação a política geral de saúde, em particular ao que concerne a psiquiatria. Há nesse nível um trabalho cada vez mais denso para justificar as atitudes administrativas do conjunto da clínica. [...]

Nós já falamos de todos esses problemas. Tudo é estruturado, como venho de novo a detalhar... Seria preciso retomar um estudo a propósito da estrutura do *Club*: visualizar uma estrutura tradicional (com presidente, secretário, tesoureiro...) ou dar maior precisão aos diferentes fatores coletivos (tesouraria, organizações diversas, ...). Tudo isso exige uma discussão coletiva que deveria se fazer o mais rápido possível.

Me recordo que neste fundo de animação geral complexo, La Borde é um Estabelecimento Psiquiátrico, o que exige uma coesão no nível de equipe e um conhecimento suficiente de diversos elementos de uma psiquiatria concreta: psicofarmacologia, elementos de diferentes formas de psicoterapia (analítica e outros), conhecimentos elementares de micro-sociologia, de aproximação fenomenológica da variedade de síndromes das quais nós temos responsabilidade, etc... Tudo isso em ligação concreta com o modo de existência que, até aqui, definiu a singularidade de cada participante qualquer que seja seu estatuto.

Essas algumas precisões a respeito do trabalho em La Borde são apenas uma introdução para impedir que esse "conjunto coletivo" deslize acidentalmente nas ideologias simplistas, extremamente nefastas dentro do clima geral e atual da psiquiatria."

Docteur Jean OURY.

Les Nouvelles Labordiennes  
11 de dezembro de 2013.

Teria a Psicoterapia Institucional se esgotado, se esvaziado de potência dentro daquela institucionalidade? Poderia ela ainda se reinventar dentro das atuais contingências histórico-políticas daquele contemporâneo? Para Guattari "um conceito só vale pela vida que lhe é dada. Ele tem menos por função guiar a representação e a ação do que catalisar os universos de referência que configuram um campo pragmático" (GUATTARI, 1992, p.201).

Mas parece que a Psicoterapia Institucional em La Borde vinha se esvaziando, murchando nas práticas e no campo de ação. Vinha se tornando mais um modelo, um

jargão a ser repetido. Por mais que as palavras de Oury viessem de toda sua franqueza e da sua mais verdadeira intencionalidade, o campo parecia não mais comportar aquele tipo de trabalho. Se bem me recordo, era logo após sair batendo pé das reuniões excepcionais que publicava esses textos nos jornais seguintes. Ele próprio também estava implicado nos rumos que a clínica vinha tomando ao fazer as escolhas que fez, mas não só ele, como alguns gostavam de localizar, visto que não era mais ele que estava no front de batalha no hospital. Havia luta ainda, havia os que se questionavam sobre os caminhos que a clínica vinha percorrendo. Ao mesmo tempo, já não eram mais tão naturais as análises de implicação, colocar as instituições e os instituídos em questão, tratar o hospital ao invés dos "doentes". Sim, lá, além de pensionistas, também chamava-se os loucos de doentes (*les malades*), e isso fazia doer os ouvidos cada vez que proferido num ambiente onde os discursos afirmam que doente é o hospital, ou um certo jogo de relações e saber/poder.

Tinha razão, Guattari, ao afirmar que os conceitos só valem pela vida que lhes é dada. O mesmo Guattari que agora não era mais mencionado, ou tão lembrado naquela instituição. Em vida mesmo já vinha se afastando de La Borde, encantado com o movimento de maio de 68 na França, que lhe trouxe diversos desdobramentos e novos caminhos que o faziam passar cada vez menos tempo em La Borde. Os movimentos estudantis de 68 na França convocaram Guattari de tal forma, que não poderiam passar sem efeitos em La Borde. Guattari não só mergulhou nos acontecimentos de Paris, mas carregou consigo os labordianos de todos os tipos: estagiários, pensionistas e monitores. Lendo François Dosse em Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografia Cruzada (2010), a sensação é de uma La Borde esvaziada, um tanto abandonada dentro daquele espaço geográfico, ao mesmo tempo que se levava às últimas conseqüências os questionamentos que tangiam o funcionamento daquela instituição. Uma das conseqüências era os funcionários passarem a trabalhar meio expediente, ao invés de chegarem as 9h da manhã, só apareciam na clínica depois de 12h.

Jean Oury não experimentava isso com receptividade, avaliou como irresponsável visto que ameaçava a conservação do funcionamento labordiano tal como ele era. Chega a confessar que esse período produziu "efeitos funestos" (DOSSE, 2010, p.151) e que tudo foi temporariamente destruído. Guattari e seu bando certamente eram os principais responsáveis por aquele "bombardeio" à instituição psiquiátrica. Todos foram postos para fora. A partir de maio de 68 ou se optava por ser ouryano ou feliciano (DOSSE, 2010). Os

acontecimentos de 68 trouxeram efeitos à La Borde que deixaram Oury descontente, para ele foi demais. E é quando Guattari conhece Deleuze. É também quando Guattari começa a ter atritos com Lacan, analista não só dele, mas de grande parte dos psiquiatras de La Borde, assim como do próprio Oury. Em linhas mais gerais, de acordo com os relatos colhidos por Dosse (2010), Lacan tinha interesse em ser "apadrinhado" por um filósofo, desejava ter reconhecimento neste campo de saber. Chegou a travar proximidade com Deleuze em alguns trabalhos e alguns encontros, num momento em que este ainda se debruçava sobre textos do Freud e até do próprio Lacan.

É curioso pensar que Deleuze se interessa em conhecer Guattari por ser um psicanalista lacaniano, e pelo trabalho com loucos em La Borde. O encontro entre os dois foi mediado por um médico que trabalhava em La Borde e era aluno de Deleuze. Esse mediador conhecido como Jean-Pierre Muyard era parte do bando guattariano. Ao se sentir cansado do intenso ativismo que Guattari provocava em La Borde, e que aparentemente tinha como efeito o desmonte de diversos grupos sempre para constituir novos, pensa na estratégia de que Félix possa investir na escrita que desejava, e assim, apresenta-o a Deleuze. A intervenção de Muyard tem sucesso no que diz respeito a um investimento na escrita, mas acaba resultando no afastamento de Guattari de La Borde o que, para Oury, é interpretado como um abandono por alguém que até então era onipresente nas atividades daquele espaço (DOSSE, 2010).

O resultado desse encontro, é a célebre obra intitulada *O Anti-Édipo*, uma ruptura com Lacan – com quem a relação já vinha experimentando alguns tensionamentos pessoais e teóricos –, e, por fim, uma sabotagem tanto da parte de seu antigo mestre quanto de seu grupo de psicanalistas. Para mim, não fica evidente se Jean Oury se posiciona de acordo com Lacan e, por consequência, ignora o que seu amigo e co-fundador da clínica acabara de publicar. O fato é que, como aponta Dosse (2010), a partir dos depoimentos recolhidos, o *Anti-Édipo* nunca foi discutido em La Borde, lugar que foi inspiração de muitas de suas teses; parecia não marcar um acontecimento entre os psicanalistas no entorno de Guattari à despeito do sucesso editorial. Oury e Guattari já estavam distantes e o último já não era tão presente em La Borde, talvez esse fosse um elemento. Havia quem dissesse também que, se por um lado a prática de Guattari era notável, sua escrita já não contribuía tanto, colocando um certo desinteresse em relação a sua polêmica obra. Fosse a razão que fosse, um livro –



que logo no título já diz a que veio – não ser sequer lido ou mesmo criticado no lugar em que foi berço de muitas das ideias publicadas, é no mínimo curioso. Lacan, que toma aquilo como um ataque pessoal e se vê não só ameaçado, mas também assiste ao vislumbre de uma parceria com um célebre filósofo como Deleuze descer por água abaixo, tira um direcionamento como resposta dentro de sua escola de psicanálise: que se mantenha silêncio, não se participe de nenhum debate que mencione a criação do que futuramente vai nomear como a "águia de duas cabeças schreberiana" (DOSSE, 2010, p. 177), ou seja, um delírio paranoico.

Dizia-se, numa *La Borde* mais recente, que um fator importante na ruptura de Guattari com Lacan seria o fato de Jacques-Allain Miller, o então genro de seu mestre, ter sido escolhido como guardião dos escritos lacanianos. Guattari, que na Escola Freudiana criada por Lacan ocupava um posto de confiança, e que acreditava ser cogitado como escolhido, não aceitara bem tal decisão. E como resposta, se engaja na elaboração do *Anti-Édipo* com Deleuze, com quem já vinha criando aproximações. O livro que fez críticas contundentes a *Édipo*, ao familialismo, propondo uma intervenção ético-política na psicanálise, no final teria um quê de reatividade como motor. Um livro que a princípio seria um combate mais a um lacanismo do que ao próprio Lacan, e sobre o qual este mesmo oscilava em apoiar ou tomar como ameaça, foi o estopim de uma ruptura. Os afetos envolvendo a criação são dos mais múltiplos, nem sempre dos mais nobres, mas tampouco é o caso de serem redutíveis a efeitos de uma picuinha teórico-afetiva. Ressaltar estes bastidores das grandes obras que tanto chacoalham até hoje nossas práticas e pensamentos trazem os autores que nos inspiram para um plano mais horizontal, onde, como qualquer um, não viviam num Jardim do Éden das divindades superiores livres das disputas vaidosas ou das seduções de poder que tanto criticam. Atrás dos holofotes das grandes ideias podemos entrar em contato com os processos singularização envolvidos, se conseguirmos exercitar um olhar menos julgador e sedento de enquadres.

Às sombras ainda de uma *La Borde* não tão distante, onde Guattari tornara-se uma figura obsoleta das narrativas mais dominantes, ouvia-se outros rumores que compunham com a possibilidade de um diferente olhar sobre a amizade de Jean e Félix, cheia de altos e baixos. Félix, ao fim de sua vida muito deprimido, acaba por ser despejado de seu apartamento em Paris, e do castelo que alugava em Dhuizon na região do *Loire*. *La Borde*

então volta a ser sua morada, seu amigo Jean não só o acolhe de novo, mas certifica-se de tentar reanimá-lo através de reuniões "para discutir uma coisa ou outra muito livremente" (DOSSE, 2010. p.384). Oury se reaproxima, e Guattari retoma vínculos de coisas que lhe eram importantes anos atrás, aos poucos recuperando o ânimo. Eis que, em 1992, ele tem uma crise cardíaca e morre, e os relatos não deixam dúvidas do quão doloroso foi para quem o cercava. Já não era o primeiro infarto que tinha, mas por conta seu estado depressivo daqueles últimos anos, não se cuidou. Félix Guattari morre numa noite em que voltava de uma reunião em La Borde especialmente animado e cheio de energia, segundo relata sua filha Emanuelle (DOSSE, 2010).

O hospital amanhece aos prantos, o cemitério onde seu corpo foi enterrado é ocupado por uma pequena multidão e acontecimentos dos mais inusitados no entorno de seu túmulo. Além de flores jogavam alianças, chaves e toda sorte de objetos. Seu irmão Jean Guattari diz surpreender-se a cada visita que faz ao túmulo, encontrando até mesmo pessoas que não conheciam seu irmão caçula, mas que iam com frequência a pedido de outrem. Para Jean Oury, o luto não poderia ser fácil. "Félix nos deixa hoje, bruscamente, sem estar preparado. Mais de quarenta anos de existência quase comum, um trabalho gigantesco que permanece em obras" (DOSSE, 2010, p.404). A questão é que Oury sentia-se muito animado com a volta de seu velho amigo à La Borde. Colocava grandes expectativas nessa reaproximação, após um longo afastamento que coincide com o tempo de trabalho com Deleuze. Queria voltar a pensar junto de seu amigo que tanto inquietava aquele lugar, às vezes de forma até insuportável para ele próprio. Recebe então a morte de Guattari não só com a dor de um luto que se impõe, mas também com alguma revolta. "Não era a hora dele morrer!", é o que consigo pescar estando em La Borde. Sigo com a questão sobre o que diz esse silêncio a respeito de Guattari, dessa imagem relegada às sombras. Não só em La Borde Guattari desaparece, mas no que diz respeito à escrita também é posto às sombras de Deleuze. Hoje só consigo pensar nessas figuras de certa forma relegadas às sombras como uma certa estilística de vida, ainda que talvez não fosse o que Guattari desejasse possivelmente.

## Cartas entre Deleuze e Guattari: o cuidado da escrita

Exercício da troca de cartas entre Deleuze e Guattari é algo que hoje enxergo como cuidado de si, um trabalho de si sobre si, uma *ascese*. O pacto que realizam de uma escrita juntos, acaba exigindo modulações de ambas as partes, não previamente calculadas e consentidas. Guattari, que possuía uma vida um tanto movimentada de compromissos coletivos, se vê obrigado a investir num trabalho que exige certo distanciamento. Deleuze lhe propõe que dedique mais tempo a se trancar em seu escritório para que as ideias possam fluir e envia-las em cartas, de sua maneira mais simples e crua. Sendo assim, Guattari só aparece em La Borde no fim das tardes, seus investimentos passam a se concentrar mais do que nunca à escrita na parceria com Deleuze. O cuidado de si recuperado por Foucault, tendo neste caso a escrita de si como exercício frequentemente citado, implica em maus entendidos no que diz respeito a questão da distância, que pode ser interpretada como um exercício de solidão. No entanto, é uma prática que exige fundamentalmente implicação de, no mínimo, um *outro* – quando não é o caso de clãs, famílias, relações sociais e políticas, como sugere Gros (2014) - já que não somos capazes por nós mesmos de desaprender uma certa educação que não nos serve sem que haja algo de fora para nos inquietar. Era um dos desejos de Guattari ser escritor. Para tal, eram necessárias novas práticas de si; práticas que o diferenciassem de seu funcionamento habitual, para assim criar espaço de se concentrar em tal objetivo.

Os encontros efetivos, à princípio, não eram tão frequentes entre eles e, Félix que tinha a tendência de se diluir nos tantos grupos e coletivos que compunha, naturalmente ensaiou carregá-los consigo no encontro com Deleuze. Mas para seu novo amigo a agitação e a multidão no entorno de si era insuportável: Gilles era avesso às discussões coletivas que eram rotineiras no castelo de Dhuizon, a morada de seu colega naquela época. Além disso, cada qual tinha um funcionamento que muito se diferenciava um do outro. Nos então raros encontros era que essas diferenças compareciam de forma produtiva, onde um abalava a fortaleza do outro: o filósofo do gabinete interessado e atraído pelos acontecimentos do mundo, e o militante dos muitos coletivos e ativismos movido pela escrita, numa relação de amizade que não ocorre por fusão (DOSSE, 2010), mas pela sustentação das diferenças de

cada um, e pelo que cada um provocava de diferenciação no outro. O funcionamento mais solitário do filósofo se viu também balançado na construção dessa obra que insistia que fosse à quatro mãos, e não mais que isso. Foi preciso negociar e, por fim, acabar cedendo à vontade do amigo dos coletivos que queria contasse com a contribuição de antropólogos na sustentação de suas teses. Ao fim de *O Anti-Édipo*, Deleuze se lança numa obra mais experimental e de nova estilística, enquanto Guattari encara um grande vazio e descompensação. Para Félix, a obra que produziram juntos o despersonificou, o sobrecodificou. Não se reconhecia naquele enquadre de produção de uma obra-prima filosófica (DOSSE, 2010). Ainda assim, entre aproximações e distanciamentos diversos, voltam ainda a escrever outros livros juntos.

Os conceitos que criaram não estão dissociados de suas vidas, e é este o liame no qual de repente me vejo imersa no decorrer da pesquisa. A vida em seus atravessamentos intenso-afetivos como condição de possibilidade para que um conceito se crie. Muito mais do que o interesse por um domínio conceitual de suas obras, e muito mais do que algo que possa parecer um enaltecimento da vida pessoal de grandes gênios como modelos a serem seguidos (ainda que muitas vezes não consiga esconder minha admiração por alguns deles em especial). O cuidado de si que elejo como base conceitual rejeita qualquer tentativa de criar fórmulas ou generalizações *prêt-à-porter* de uma ou outra estética de existência.

Convoco-os como meus interlocutores póstumos. Infelizmente não posso trocar cartas com eles, como faziam entre si, e como faziam os gregos evocados por Michel Foucault que trocavam cartas com seus mestres, ou até com amigos num exercício de constituição de si. O que por fim envolve fazer da sua própria existência um lugar onde se crie normas próprias que dialoguem com os limites internos de si. Fazer de sua existência uma obra, "retendo a dimensão mais artesanal do que artística" (GROS, 2014, p. 480). E isso não se faz sem "exercícios, regularidades, trabalho; porém sem efeito de coerção anônima" (GROS, 2014, p. 480).

Com que forças quero pactuar nesse exercício permanente de inquietação, de não tomar as coisas como prontas, de criar os distanciamentos necessários para não ser engolida pela velocidade capitalista de sobrecodificações? É preciso poder escolhê-las mais

do que nunca. A escrita da dissertação me coloca todo um trabalho de seleção, não só de memórias labordianas, mas também do que envolve os dois anos de estudante de mestrado e vivente deste mundo, com todos os percalços tanto cotidianos quanto de uma macropolítica que atravessaram esse corpo-escritor que precisou forçosamente se constituir. Corpo de experiência atravessado por potências, violências, parcerias, rupturas, e construções que, ao cabo, não vê outra opção que não a de forjar para si uma ética, peneirando esses tantos acontecimentos que se fazem texto, por vezes mais alegres, por vezes mais asfixiados. Não para negar uns em detrimento de outros e assim romancear ou colorir o presente nada simples de ser habitado, mas para, como diria Ítalo Calvino (1990), afirmar e ressaltar o que dentro do inferno não é inferno.

De repente você se vê como objeto de sua própria pesquisa, se é que é possível separar-se de si mesmo a este ponto. Mas talvez a pesquisa invoque tantas mutações, tão velozes, que sim, talvez seja possível dizer de um si que a única coisa que consegue perceber de si mesmo é o movimento de mutação que não tem exatamente um ponto final, mas já consegue mapear alguns trajetos. Invocar a experiência labordiana às vezes surge como algo um tanto excessivo, quase agressivo e ao mesmo tempo alegre, como se fragmentos daqueles dois meses se comprimissem numa bomba que me atinge. E pensar que, num plano intensivo, já eram muitos acontecimentos cotidianos para um enquadre de dias, horas e semanas que no final resultariam em dois meses.

### **O cuidado do silêncio: efeitos presentes de uma experiência**

A escrita tem seus movimentos de hesitação. Vou aos poucos percebendo que isso diz bastante dos afetos que certas experiências nos provocam. Se mesmo antes de minha ida, La Borde já tinha qualquer coisa de mágica; depois daqueles dois meses a magia havia sido experimentada visceralmente. Mas já não era mais aquela magia dos sonhos. Era algo que pendulava entre um conto de fadas num castelo francês e uma maldição que deixaria marcas vivas por tempo indeterminado. Uma vez que se chegava lá, era difícil querer

sair. Uma vez que se saía, ainda assim, La Borde não saía de você facilmente. Este era um dos efeitos fosse para quem fosse, pensionistas, monitores, estagiários.

A mim, estagiária, havia um tempo bem delimitado: 2 meses. Não podia ficar ali o tempo que precisasse para cuidar dos processos que se abriam e exigiam algum tempo de assimilação, como os pensionistas por exemplo, que podiam ficar o tempo que precisassem. E não se saía ileso dessa experiência, a menos que se estagiasse sem fazer de La Borde sua morada – a intensidade era mais branda, ainda que a experiência deixasse marcas. Via colegas estagiários chegarem à beira de um surto. Em cada um com seu processo, algo se desmontava e remontava de uma nova forma uma vez que se embarcava naquele portal, naquela *chauffe* que transportava a uma outra dimensão aqueles que faziam daquele castelinho cheio de encantamentos e maldições sua morada. Alguns saiam deste estágio e decidiam mudar de curso, ou abandonar a faculdade. Outros sofriam noites de insônia a ponto de passar os dias num estado de vigília meio onírica, meio delirante. Outros eram alertados por pensionistas, no grito, que ERA PRECISO RESPIRAR! (*IL FAUT RESPIRER!*), e no susto, dava-se conta de que não estava respirando bem.

Não haver um trabalho com o fora, com a cidade, era um nítido analisador, principalmente em comparação a como pensamos a produção de autonomia nos dispositivos da saúde mental no Brasil. Que clínica é essa, que lugar de tratamento é esse em que se chega e não mais se quer ir embora? Mas La Borde não se reduzia a um lugar de tratamento. As bordas entre uma instituição clínica, morada, e um lugar de acolhimento não só à loucura mas aos processos que lá se abriam eram de uma fragilidade que escancaravam seu caráter ficcional. Existem porque foram inventadas, e só por isso. La Borde escancarava isso ao mexer com essas bordas que regulam nossas relações "civilizadas". O funcionamento dentro das caixinhas neuróticas que criamos para organizar, e nos organizarmos nas coisas, ali, tendia a falhar. Algo não fechava a *gestalt*. E era o que tinha de mais maravilhoso encantador, até que você se perde no meio disso tudo. Encantamento e maldição. Esses elementos mágicos uma vez estiveram num sonho que tive um ano após minha ida, num momento em que ainda me via com dificuldades de me desligar.

O sonho se passava em La Borde, mas desta vez era um castelo diferente, que envolvia uma certa magia que lembrava contos de fada, florestas encantadas cheia de cores e riachos, e também alguns elementos que causavam medo.

Estava com alguns colegas sentada em frente ao *Chateau* de La Borde. Há alguém que nos fala, na frente do *Chateau*, como se os degraus que separam a entrada do castelo do chão de terra fizessem um palco, ou um tablado. Assistimos algo como que um espetáculo, uma apresentação, que por hora se confunde com alguém dando um aviso, ou informes importantes. Nesse meio tempo há uma colega francesa que descobre uma caneta mágica, saio para acompanhá-la percorrendo trilhas no meio da mata e, com a caneta, ela se banha numa cachoeira. Havia alguma magia adormecida naquele objeto mágico, e também uma tarefa, uma missão a ser cumprida uma vez que aquela magia havia sido despertada.

Um colega brasileiro, por sua vez, descobre em um lugar escondido uma bicicleta que também era mágica. Era uma bicicleta vinho, que alertamos a ele ser amaldiçoada. Mas ele não só não se importa com tal informação, e sai para dar uma volta de bicicleta na frente de todos. Passa por trás do cara que falava em frente ao *Chateau*, naturalmente chamando a atenção de todos os que assistiam. Era como se a bicicleta em evidência desmascarasse algo, revelasse um segredo, ou violasse uma regra. Algo se escandalizava. Eu experimentava aquilo tudo com bastante apreensão. Ao mesmo tempo era espectadora. Os encantamentos e maldições que meus colegas despertavam não me diziam respeito. Mas temia pelo que estavam provocando.

A cena de repente volta para o *Chateau* em que estamos assistindo a fala de alguém. A apresentação seguia seu curso independente destes acontecimentos paralelos, mas agora ia aos poucos chegando ao fim. As cadeiras de plástico de algo que se assemelhava a uma plateia improvisada em frente ao castelo vão se esvaziando aos poucos enquanto observo aquele movimento experimentando também um vazio enquanto as pessoas dispersam. A sensação de ter que ir embora começa a se fazer presente. Percebo em mim uma vontade de chorar que vai aumentando, até se tornar incontrolável. Não aguento, e do momento que começo a chorar não paro mais.

Vou ao meu quarto arrumar minhas coisas. Neste quarto tinha uma beliche, e muitas coisas minhas espalhadas pelo chão, uma grande bagunça que ao me deparar com ela não sei por onde começar e penso que não vai dar tempo. Mas tempo de que? - me pergunto. Percebo que não estou inscrita em nenhuma *chauffe* para sair da clínica; que não sei, ou não tenho uma data para sair de lá, e não sei para onde vou quando sair. Vou viajar? Para onde? Também não tinha nenhuma passagem de trem comprada. Neste momento sou acometida por uma imagem: eu (observando a mim mesma como que do alto), na estação de trem sozinha com minhas malas ao meu redor, sem saber para onde ir, imóvel, enquanto pessoas circulavam e coisas aconteciam, mas eu permanecia imóvel e sem ação.

Penso que ainda que eu terminasse as coisas para ir embora no dia seguinte, não faria a menor diferença. Não havia com o que se apressar, mas isso não mudava o fato de que meu tempo em La Borde chegava ao fim, independente do momento de ir embora. Saio do quarto e vou andando pelo castelo. Continuo chorando. Encontro outra menina que também vai embora, e pergunto se não está triste. Ela também estava triste, mas não como eu. Falava de outras coisas que faria depois de sair de lá. Seu semblante não era triste, estava calma.

Neste momento estou com a estagiária francesa, e com uma mulher de cabelos brancos e roupa num tom de branco brilhante, meio realeza, meio fada: era a rainha de La Borde. Ela também parecia ter alguma magia, e certamente uma grande sabedoria a respeito daquele castelo. É um momento onde ela explica as coisas à minha colega estagiária sobre a caneta mágica. Ela não poderá ficar com a caneta, pois algo em sua missão não foi alcançado, porém ela havia feito o mais importante, que era se banhar na queda d'água da cachoeira com a caneta junto. Pergunto à rainha para que servia aquela caneta mágica, e o que vai acontecer agora. A rainha de La Borde responde que a caneta mágica pode, e mostrará o futuro da minha colega estagiária: isso era parte do prêmio. Passamos para um outro tempo, ainda estávamos em La Borde, eu, a rainha, e no lugar da minha colega surge um bebê de aproximadamente um ano. Ele vestia uma camisa dos Rolling Stones, e parecia ser um menino, mas não tinha certeza. Fico confusa, pergunto à rainha se aquele bebê seria a minha colega, se a caneta no final das contas estava nos mostrando o passado ao invés do futuro; se na verdade a caneta alterou o passado da estagiária e agora ela seria um bebê que iria crescer em La Borde.



A rainha aponta para uma direção meio distante, vejo a minha colega numa roda, brincando e rodando com pessoas que acabavam de chegar a La Borde. Entendo que ela agora fazia parte dali, não precisaria mais ir embora, e era isso o que tinha conquistado com sua missão. O bebê era seu filho. Havia se casado com alguém que eu suspeitava ser o filho da rainha. Continuo chorando, e vou falar com essa minha colega na sua versão do futuro sobre minha tristeza e dificuldade de ir embora, e que queria estar como ela, vivendo e trabalhando em La Borde. Imaginava que ela estivesse muito feliz e realizada. Ela me conta que na verdade trabalhava de policial numa delegacia todos os dias e não gostava tanto. E que era difícil viver em La Borde, acompanhando tantas chegadas e partidas de tanta gente. Ao ouvir isso vou me acalmando e me dando conta de que não havia nada de utópico na vida labordiana a longo prazo. Vou parando de chorar, sinto meus olhos fazendo força para abrir, e acordo.

(E choro mais uma vez, ao reler este sonho depois de 4 anos).

Poderia ser uma narrativa, um conto fantasioso produzido através de inspirações produzidas pelo campo. Mas foi um sonho, desses que se tem quando dorme.

Não sei dizer o que se passava. Talvez fosse um dos efeitos dessa imersão em tantos referenciais e parâmetros outros. Os regimes de sensibilidade, as formas de ver e sentir as coisas, tendiam a se alterar. As bordas que delimitavam sanidade e loucura eram sutis, frouxas não estavam dadas. Lugar de tratamento e acolhimento da loucura para uns, e de abertura de processos esquizo (mais ou menos saudáveis) para outros que chegavam ali "sãos" com intuito de trabalhar. Lugares bagunçados. Pensionistas super organizados liderando reuniões e atividades, estagiários com 40, 60 anos de idade, monitores descabelados e com cara de malucos: quem era o que? Nada ali era evidente, a olho nu eu diria que era quase impossível fazer distinção. Ao fim destes dois meses continuava não sendo nada evidente, e entendi que não era uma questão de apurar um olhar. Isso era um efeito daquelas relações, de uma subjetividade local que já vinha se construindo havia algumas décadas através de outros regimes de sensibilidade. E, por fim, não era lá tão importante que essa distinção fosse feita.

Gostava daquela bagunça, daquele não-óbvio (os franceses utilizam com frequência um exato termo para isso: *ce n'est pas evident*), de tantas surpresas num curto espaço de

tempo. Muito já havia esquecido, e talvez parte de mim talvez não quisesse tanto lembrar. Hesitava, percorria todos os caminhos possíveis que me desviassem daquele castelo, com tantos tons sépia e amarelados, cores quentes em pleno inverno, tantos cheiros e barulhos.

Uma vez que me atrevo a escrever sobre a experiência em La Borde, uma vez que inicio um projeto de mestrado citando tal experiência, inicialmente apenas como disparate, uma vez que compartilho com pessoas ao meu redor uma lembrança ou outra, esta experiência me acompanha. Há quatro anos La Borde se faz presente em muitas das minhas narrativas, no que diz respeito a minha vida profissional, no que diz respeito às viagens que fiz, no que diz respeito a experiências marcantes, no que diz respeito à algumas nostalgias, no que diz respeito a coisas inusitadas, engraçadas, divertidas. Sendo assim, a experiência passa a me interpelar através de fatores que se tornam externos à mim, e as memórias são convocadas. Uma aluna da graduação que pretende se lançar nessa aventura me chama para conversar, uma professora - também da graduação - que me convida para trazer essa experiência numa aula. A mesma aula que eu havia perdido há alguns anos atrás quando graduanda.

Me disponho a ajudar a aluna, marcamos um café, conversamos bastante e ao fim me proponho a mandar um e-mail a uma monitora brasileira que muito me ajudou no processo de enviar documentações para o estágio em La Borde, afim de também facilitar o processo desta aluna. Me dou conta de quanto tempo já se passou desde o meu retorno, quanta coisa pode ter mudado, e de que nem mesmo sei se essa monitora ainda está por lá. Me percebo com dificuldades de enviar este e-mail, mas finalmente o faço. E na mesma noite sonho com La Borde. Um sonho do qual não me recordo no dia seguinte, mas que acordo um pouco perturbada, com a sensação de ter experimentado algo muito vivo. Quanto à aula, compartilho com aqueles estudantes um cotidiano de forma bem livre e simples. Gravo um áudio, acho que pode me ajudar, mas por fim não preciso dele. Começo a construir narrativas um tanto diferentes das que eu repetia, talvez agora temperada de outras leituras, informações biográficas dos autores que por lá passaram, relatos de outros colegas estagiários de maneira que não posso mais distinguir facilmente o que li do que vivi e do que escutei. As narrativas ganham também o tempero dos afetos do presente, do que se faz urgência nesses tempos nos quais é preciso cultivar uma vida mais potente.

A aproximação das memórias labordianas envolvem um estado de excitação e apreensão, semelhante ao que experimentava ao longo daqueles dois meses. E não só as memórias: textos, narrativas, leituras que remetem a acontecimentos que não vivi. Começo a folhear um livro que comprei lá, mas que no fim das contas acho um pouco sacal, excessivamente conceitual e teórico. Ainda insistindo nele, sou de repente invadida pela lembrança de cruzar as portas de entrada daquele castelo de estilo antigo, porém nada clássico. O conforto de sair daquele imenso gramado já tomado pelas baixas temperaturas do inverno e logo experimentar o quentinho de uma ante-sala que se cruzava entre as portas de entrada e a parte interna do castelo que já acionava o sistema de aquecimento. O cheiro intenso de cigarros em todos os cômodos. O som do piano que às vezes ouvia já do alto da escada descendo o *local-stagiaire*, e quando me percebia, estava sorrindo. E também com lágrimas transbordando. Tudo muito vivo, chega a desconcertar, e me percebo saudosa com frequência. Tudo isso também era um afago.

Acessar esse estado um pouco perturbado, me põe a escrever. Mas chegar a isso não é simples, é até meio raro. Exige um estado de silêncio. Este que é preciso cultivar para que não vire dispersão. Ele às vezes incomoda, e facilmente é recoberto com uma coisa qualquer antes mesmo de se chegar perto de tal estado de abertura às memórias. Começo a me recordar da exigência que Deleuze fez a Guattari para escrever o *Anti-Édipo*, e ainda que minha vida nada se pareça com a que foi a de Guattari, é algo que me serve. É também o que Foucault recorta de Sêneca como pista para constituir e assegurar um *corpus*, temperar as leituras com as escritas, não esgotar as energias em uma só delas (FOUCAULT, 2014). De fato, se torna um exercício, algo que se começa de forma mecânica e forçosa, exige uma insistência em negar tantos estímulos e informações externas. O excesso de informações que impedem que se acesse os movimentos desejantes, impedem que as experiências ganhem lugar. Foucault afirma que não há habilidade técnica ou profissional que possa ser conquistada sem algum exercício, e tampouco a arte de viver sem uma ascese, sem um treinamento de si por si com a mediação de interlocutores. É como a escrita se conecta com uma ética de si (FOUCAULT, 1995). E opções para preencher este silêncio com um pouco de barulho nunca faltaram. Sou facilmente levada por uma inércia de agitação e dispersão.

Era com dificuldade que experimentava este silêncio, sentido como um vazio angustiante, que pode ser produtivo e criador se suportado. Mas a velocidade capitalista a

todo tempo recobre nossos espaços de silêncio, de indeterminação, de criação, e como efeito desejamos tudo isso. O silêncio talvez seja um dos raros momentos de estar consigo mesmo. E consigo, leia-se, com esse turbilhão de processos em ebulição, pedindo lugar e passagem, já que não podem passar sem que cheguem, sem um exercício de neles poder durar. O que há de tão insuportável nisso que é indeterminado? Encarar essa ebulição, ou talvez apenas deixar que ferva, e com isso algumas partículas de si evaporem e outras se reconfigurem, exige um quê de coragem. Exige uma aposta de criar a si mesmo assumindo a inexistência de uma "suposta 'essência' humana eterna e imutável e pela convicção de que os limites do tempo presente podem vir a se configurar de modo totalmente diferente a cada giro no caleidoscópio" (HARA, 2017, p.42). E no meio disso, um grande medo de se perder e não encontrar o caminho de volta para casa, ao mesmo tempo que se quer experimentar outros caminhos, e até mesmo sentir-se em casa em outros lugares. Dimensões alegres e assustadoras, alegremente assustadores ou assustadoramente alegres. Tanto faz. O contato com isso que alegra e assusta faz pensar em outros possíveis.

O que há de tão difícil a ponto de não se querer fazer contato, entrar em relação consigo sem a mediação de tantos ruídos, que mais convocam às movimentações automatizadas do que compõem com a hesitação que se instala? Isso bagunçaria uma certa "paz", ou melhor, uma certa estagnação das coisas. Esses ruídos externos funcionam muitas vezes como corte, como algo que "corta a onda", que chamam de volta pra uma vida pacata e bem organizada que segue uma linearidade. Me pego num dia de silêncio, só, e sem a expectativa de que alguém vá chegar. O espaço para encarar o processo se abre mais fácil, o choro vem, se necessário; dessa vez sem que seja acompanhado de uma metralhadora de perguntas. Que alívio! O constante imperativo de se dar respostas, de se ter uma resposta a cada pergunta que lhe é feita consome energia demais. Sobra pouco para o pensamento divagar e traçar seus próprios caminhos e conexões.

Não gostaria de respondê-las. São perguntas que exigem todo um aparato racional, que envolvam uma explicação satisfatória o suficiente, ainda que seja apenas para encerrar o assunto. Como cansa! Um desperdício de energia. É tão mais simples não ter que dar ou pensar em resposta a perguntas que muitas vezes nem vêm de nós. Vêm de um mundo bisbilhoteiro querendo mensurar todas as movimentações afetivas. O choro não é bem visto, denuncia uma fraqueza. Afetos tendem a denunciar a fraqueza daquilo que não se

tem controle. "Como então preservar a capacidade de ser afetado senão através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas força?" (PELBART, 2016, p.32). O choro apesar de não ser triste, também não se explica facilmente. Talvez o choro próprio não queira ser respondido ou explicado, já que não faz pergunta alguma. Talvez também já esteja cansado de tantas categorias prontas: bom, ruim, triste, alegre, forte, sinal de fraqueza, fragilidade, motivo de vergonha; as interpretações são tantas que as vezes sufocam. Esse choro que me acompanha, às vezes me esmorece, às vezes vem com força e flui escrita. Um choro-fluxo, só precisa poder chegar, para também poder passar. Com alguma sorte, suas correntes jorram algumas coisas no papel. De todo jeito abre caminho, limpa o terreno, dá passagem aos afetos às vezes sufocados. Ainda nesse exercício de silêncio, não permaneço sozinha. Há meus interlocutores me fazendo companhia, me dizendo muitas coisas nestes momentos. Há também a minha própria companhia; este si povoado, agora de tantas novas vozes que vieram se agregando ao processo, que os ruídos de fora às vezes impedem de ouvir.

Preservando este silêncio, essa distância estratégica do excesso de estímulos, abre-se um espaço vazio. Não preciso sabê-lo, tampouco ignorá-lo. Tendo a desviar facilmente, do choro, do vazio, desta indeterminação. Desvio e disperso as memórias que o provocam. É um gesto bastante involuntário que demoro a perceber. Porque, de repente se torna tão difícil lembrar de La Borde? A lembrança de um curto tempo cronológico onde a vida parecia pulsar como nunca, é uma suspeita que vem rápido. É se aproximar muita vida contida em 2 meses, e depois olhar pro agora, pra vida agora, de um mundo sendo desfeito. Não há uma experiência em La Borde em si: só há uma experiência em La Borde lembrada no agora, com todas as forças do entorno mediando esta lembrança de algo que fui ao longo desses quatro anos esquecendo, e esquecendo. Passados alguns anos volto para as fotos do último *bar à thé* (um ateliê promovido pelos estagiários, que envolvia uma noite com jogos, música e chás, todas as sextas). Momento em que me permito registrar muitas fotos, com muitas pessoas, e que inclusive revelei. Mas vejo que não me recordo mais da maioria daqueles nomes, e experimento isso com alguma tristeza. Ao mesmo tempo, diante das aproximações que a escrita me exige, começo lembrar de outras sutilezas. E tudo isso se dá de maneira muito inesperada, buscando material, livros, coisas que fui colecionando enquanto estava lá.

Os efeitos da experiência, já um pouco adormecidos com o passar do tempo, começam a ganhar novamente mais tónus, uma vez que volto a me debruçar sobre essas memórias. Voltar a pensar sobre o que estamos fazendo de nós mesmos quando naturalizamos os modos de vida numa sociedade capitalista que nos são oferecidos como modelos e fórmulas de sucesso. A ida à La Borde envolveu uma confluência de fatores que funcionaram a meu favor. Provavelmente não teria ido se tivesse algum emprego em vista logo após me formar. Que corpo, que atravessamentos, que questões me habitariam desde então? Possivelmente nem estaria num mestrado. Possivelmente estaria adoecendo de excesso de neurose e expectativas individuais, como em outros momentos. Começo a pensar sobre a subjetividade moderna e burguesa, obediente à leis universais. Essa subjetividade assujeitada e sedenta de formas, que conforme foi perdendo sua dimensão ética, foi perdendo também a capacidade de diferenciação, de singularização, e de criar a si mesma. Hoje é racionalizada, intimista e se encerra no *eu*. E quando se perde a dimensão ética vira moral, vira dever, se torna massificação. A questão que se colocava para mim após La Borde volta a se fazer mais viva, apesar dos anos que se seguiram adormecendo-a conforme a vida se acomodava com as atenções direcionadas à busca por trabalho, preocupações com a profissão e seu exercício, e mais tantos outros atravessamentos que me distanciavam de me debruçar sobre que vida que se quer afirmar. Tendia a um triste conformismo.

### **Morre uma Psicoterapia Institucional: O que vive?**

A morada no *local-stagiaire* envolvia dividir quarto com pessoas desconhecidas, que circulavam. O banheiro era compartilhado, no estilo vestiário com algumas cabines de chuveiros, uma cabine de banheira. Havia apenas duas cabines de vaso sanitário para um lugar que comportava em torno de 20 pessoas (mas que naquele momento não chegava nem perto de sua lotação). E obviamente, assim como em todo o resto da clínica, a limpeza e organização era responsabilidade de quem ali vivia, e variava de acordo com a constituição do grupo que ali se instalava. Havia quartos para quatro pessoas, três, duas e um único quarto individual. Do início ao fim, permaneci no mesmo quarto, que abrigava até

quatro pessoas, mas que comumente era preenchido por duas, raramente três, e vez ou outra, algum visitante de temporada mais curta. Era um quarto colorido e iluminado, de espaço amplo e aconchegante. As camas ficavam com as laterais encostadas nas paredes, e de costas uma pra outra. Ao mesmo tempo que era um quarto coletivo, aquela disposição de móveis criava a sensação de que o quarto era dividido em quadrantes imaginários, que de alguma forma facilitava uma proximidade não invasiva entre quem dividia o quarto. Aos poucos os quartos menores iam vagando, e naturalmente alguns estagiários iam trocando de quarto. A tendência era que os quartos individuais e os duplos (que, às vezes eram ocupados por apenas uma pessoa) fossem os mais disputados. Mas para mim, aquela dinâmica que envolvia um quarto colorido e iluminado e que possuía uma subdivisão fictícia, funcionava muito bem. Meus espaços privados em minha casa no Brasil, banheiro dividido com poucos familiares, nada disso me fazia falta, já que tantas outras coisas me nutriam por lá. Poderia passar anos da minha vida daquele jeito, era o que pensava.

Sem dúvidas, passar dois meses morando no *local-stagiaire* foi uma das coisas mais marcantes do tempo em que estive em La Borde. Era o momento da troca entre os semelhantes, em que partilhávamos o jantar, as garrafas de vinho, a rotina, os pequenos acontecimentos da vida de cada um, que ganhavam a mesma trilha sonora de uma única fita k7 de Nina Simone. Todos estávamos ali temporariamente. Era constante a chegada de uns, bem como a partida de outros. Havia uma temporalidade ali determinada para cada um de nós: quinze dias, uma semana, um mês, dois meses era o máximo que se podia estar ali. Alguns diante de alguma brecha na lei francesa conseguiam voltar após os dois meses completos. Nem sempre era possível. Uma coisa era evidente, quem ali chegava e se alojava, vivia intensamente La Borde. Em mim, rapidamente passei a sentir o tempo operando de outra forma. Em torno de duas semanas, era como se a vida tivesse sido sempre daquele jeito, eram muitos pequenos e rotineiros acontecimentos, tantos que era como se já estivesse ali há muito tempo. A vida que havia levado até então me soava estranha. Ao mesmo tempo, olhar para frente e pensar no tempo que ainda me restava já causava uma impressão que não seria o bastante. Se por um lado duas semanas já era muito, por outro, também era tão pouco se pensasse que a vida não fazia mais sentido de outro jeito, e logo teria que ir embora.

À noite, no momento de descanso, de fim do trabalho a coletividade do *local-stagiaire* me acolhia. Houve muitos momentos no *local-stage*, que muito variavam de acordo com quem estava lá. Alguns momentos mais pacatos e calmos, outros mais festivos, mas sempre de troca, e de presença. Em minha transição dos meus 24 para 25 anos, convivia com outros estagiários de 18, 40, 50, 60 anos, partilhando aquele local, aqueles cômodos, aquela vida. A idade não era um abismo. Passava quase despercebida. A vida funcionava de forma muito diferente dos meus hábitos no Brasil num contato tanto com brasileiros de outros estados, quanto com franceses de diversas regiões. Também não era raro encontrar argelianos, marroquinos, pessoas de origem e hábitos muçulmanos.

Experimentei também um vazio na volta de La Borde. Como foi difícil criar território por aqui de novo depois de voltar. Como tudo que eu havia planejado antes para minha vida, de repente desmoronava depois daqueles dois meses. Era preciso remontar a vida, os planos, as condições em que se deseja viver. Mas os recursos que adquiri lá, de repente se viam em outras condições e possibilidades. "Viver entre os destroços de uma ordem arruinada, ou de um futuro planejado, porém não realizado, é saber acolher no coração a incerteza, a oscilação e o caráter inacabado das coisas da vida" (HARA, 2017, p.51-52). Por vezes é insuportável, difícil de sustentar por muito tempo. E logo a vida vai se reorganizando como pode, dentro de outros possíveis.

De repente me percebo hesitante em me conectar com essas memórias. E já não se trata mais de uma vontade de voltar, ou de querer seguir a vida de lá. Talvez em algum momento fosse essa a sensação, mas depois de um tempo entendi que não queria, nem gostaria. Ainda que corra aqui o risco de através das narrativas criadas sobre La Borde inventar um lugar utópico, não se tratava de querer voltar ou ficar em La Borde a partir de então. Tem mais a ver com o angustiante vazio aberto por essa experiência. Uma forma se desfazendo. O que virá em seu lugar? O medo de morte de uma forma, não pode ser, senão o da vida em movimento.

Ao mesmo tempo um desejo de viver novamente algo daquela intensidade, mas que de lá, já não seria mais possível. "Uma experiência que até hoje não consegui elaborar", uma amiga que esteve lá comigo uma vez disse, e nesse momento partilhei daquela sensação. A escrita se faz como ocasião de criação desses sentidos. A partir dela apropriar-



se dessas reminiscências trazidas, "tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN apud HARA, 2017, p.44). É possível produzir tal intensidade, uma vida intensa como essa experimentada com as ferramentas que me são disponíveis hoje, nesse tempo, espaço e territorialidade?

\*\*\*

As Crianças de La Borde

Nos movíamos como um bando de pardais, em uma nebulosa destemida e faladora.

Nós íamos ao Castelo.

Cruzávamos Grande Salão, nos enfiávamos na Sala de Jantar até a Cozinha (ou no sentido inverso) como grandes trapos de crianças. Nós visitávamos René, o cozinheiro (meu tio); nós sempre lhe pedíamos algo.

Pedíamos para ajudar a levar as latas de lixo grandes, aquelas com os restos que nós separávamos ao fim as refeições, as cascas (e às vezes, por acaso, outras coisas) iam para os porcos. Eles tinham terríveis pequenos olhos azuis. Eles comiam as mãos que arrastavam e no tumulto esmagavam seus filhotes que soltavam gritos muito agudos.

Quando um pensionista ainda não o tinha feito, nós levávamos o balde de pão duro molhado aos patos do Poço.

Nós íamos pescar as frituras nas Lagoas.

Nós escorregávamos os mais magros pelas janelas de porão do Castelo debaixo da cozinha, para subir do Porão o conjunto de garrafas de xaropes de frutas (ameixas ou abricós) ou aquela do creme de castanhas portuguesas adocicado e íamos nos esconder.

Havia o cemitério de carros, no estacionamento da entrada da Clínica, no caminho do Galinheiro. Quando chovia, a gente se instalava nos bancos e dirigíamos toda a tarde os volantes enrugados das velhas Trações pretas, os 403, os *Dauphines*, os DS. Cheirava a mofo e óleo lubrificante.

No outono, no momento das batalhas de castanhas portuguesas, nós pegávamos as tampas das lixeiras de metal para fazer os escudos. Nós fazíamos as grandes batalhas com os olhos roxos e lágrimas; nós não recorriamos sempre às tampas.

Nós fumávamos escondidos as guimbas de cigarro que os Pensionistas não terminavam.

Nós íamos ao Galinheiro engolir os ovos, pisando na palha que tínhamos escalado.

Tínhamos o direito de ir aos Ateliês. Fazíamos cerâmica na grande Estufa; a costura com Lala, quando ela instalava uma mesa do lado de fora, de baixo do grande Cedro perto da Capela. Fazíamos guirlandas para as festas; íamos ao ateliê Teatro.

Nós íamos ver nossos parentes, na enfermaria do Castelo, ou do Parc, ou na lavagem de louças.

Nós íamos dar bom dia aos pensionistas; alguns nos davam às vezes moedas de 1 franco pra bebermos um refrigerante no bar ou comprar balas.

Nos fantasiavam para as Quermesses. Nós íamos brincar nos quiosques e nas cabanas vazias que eram construídas e ainda permaneciam.

No Natal, havia uma grande árvore-de-natal no Grande Salão e as crianças da equipe sentadas recebiam um presente.

Nós íamos ver o asno, Tintin, perto da serraria. E foi assim que nos aproximamos da fossa.

(Emanuelle Guattari, 2012, tradução minha)

Folheando um livro de Oury, outro da Emanuelle Guattari, me vêm uma avalanche de imagens que já não me recordava. Vêm de novo como surpresa alguns cheiros, o barulho do sino, do piano que às vezes era tocado. E não eram referências encontradas nas leituras. Funcionava meio como um campo magnético, que exigia disponibilidade para se encontrar com essas memórias. Disponibilidade pra aturar o coração palpitando de novo. De repente começo a me lembrar dos meus primeiros dias, dos lugares pelos quais circulava. Uma avalanche imagética. Alguns lugares não consigo me lembrar como se chamavam, assim como os pensionistas que fotografei. Mas são imagens alegres. Vêm numa grande desordem onde quase todos os sentidos são convocados. Narrativas em potencial, logo penso. Mas é preciso escolhê-las, selecioná-las, avaliar que força trazem consigo, e que forças quero transmitir em texto. É preciso uma "esgrima" no salão da memória, como diria Benjamin evocado por Hara, onde "lembança e esquecimento são temperados pela imaginação ativa e furiosa que lida com o caos" (HARA, 2017, p.29). E, ainda assim, com toda essa luta, há sempre o risco de pouco conseguir transmitir. A escrita exige um debate consigo mesmo, uma luta para esquecer os enquadramentos, "certas cores e perspectivas, ao mesmo tempo em que se esforça para lembrar a vivacidade dos trejeitos, das poses espontâneas das almas que passam" (HARA, 2017, p.29). E diante de todas essas imagens, cores, sons e cheiros, todas essas possíveis narrativas que vão aos poucos tomando forma, se antes não vinham com facilidade, de repente, parecem não ter mais fim. Eram tantas descobertas naquela delimitação de tempo e espaço. Tudo era experimentado com muita surpresa, uma surpresa alegre.

Pensar em falar, por exemplo, de Psicoterapia Institucional, teria como efeito de fato ver uma La Borde decadente, uma instituição tendendo muito mais a um engessamento,

quando alguns já vinham bradando por aí. Se pegasse por esse aspecto, talvez os rumores que eu ouvia de que aquele lugar estava decaindo desde a morte do Guattari não estivessem de todo errado. Mas reduzir La Borde a um lugar de tratamento, a um hospital no qual se aplicam técnicas diferenciadas, era de fato subestimar o que aquele velho castelinho apaixonante, cheio de magias e maldições, abria de possibilidades.

Talvez quem afirmasse isso não estivesse atento ao que o próprio Guattari (1992) salientava sobre o potencial da vida coletiva que aquela micro-comunidade reunia em seu entorno. E que, na minha leitura, se encontra com um evento que envolveu sua separação com a mãe de seus filhos. Na ruptura de seu casamento com Nicole Guillet, seus três filhos se fragilizaram muito, chegando a adoecer. E para além das dores de uma ruptura que diz da relação dos pais ou de uma reconfiguração de um núcleo familiar, vivem os efeitos de precisarem sair de La Borde. O caráter idílico que eu experimentei nesses meses de estágio, parecia ser também compartilhado pelas crianças que lá viviam. Quanto a elas, lá, tinham o contato com outras crianças, filhos de outros psiquiatras ou funcionários que lá habitavam somado a todo um arranjo comunitário sempre muito movimentado. Podiam participar das múltiplas oficinas da clínica, e tinham toda uma relação privilegiada com a natureza, lagos, matos, bichos (DOSSE, 2010). Como não adoecer diante de uma separação que, muito pra além de um pai que se ausenta de uma rotina, rompe consigo uma série de outras relações? Como não adoecer diante da repentina ausência das crianças que lá ficaram, da creche, dos lagos, dos bichos, dos loucos, que até então, constituíam um território afetivo? Isso era algo que La Borde ainda tinha a oferecer, a meu ver, uma das coisas mais importantes.

Negligenciar tal aspecto, seria ficar refém da cegueira provocada pelas luzes excessivamente fortes, que por si só já roubam muita atenção, deixando de se estar atento ao que se passava às sombras do *layout* da grande "Psicoterapia Institucional" e da expectativa do que deve ou não comportar um tratamento com base em tais saberes. A vida coletiva no cotidiano de La Borde muito tem a perder quando concebida segundo esquemas rígidos, quando reduzidas a uma ritualização do cotidiano, uma hierarquização definitiva das responsabilidades. E talvez seja isso o que esse olhar cheio de luminosidades convoca. A buscar esquemas, fórmulas de replicação cabíveis numa racionalidade esquadrinhada e categorizável, ou como diria Guattari, serializada. "A vida coletiva serializada pode se tornar de uma tristeza desesperadora tanto para os doentes quanto para os 'técnicos'" (GUATTARI,

1992, p.189). Era evidente que La Borde, contudo, era atravessada por essas forças. Um dos exemplos eram os próprios ateliês oferecidos na parte da tarde, após passadas as manhãs de rotinas com limpeza e cuidados. Os ateliês eram atividades oferecidas pelos funcionários, atividades estas que nada tinham a ver com as especialidades da saúde. O que me parecia mais interessante era que nesse momento os monitores ofereciam algo de si, de seus gostos, e isso era transformado numa atividade coletiva aberta a quem quisesse participar. Era a oferta de algo para além de uma técnica construída na base de saberes específicos, a oferta de mais uma possibilidade de encontros. Fotografia, *patisserie*, cerâmica, esportes, literatura, ateliê Brasil, pintura, teatro (que apenas acontecia no verão) eram alguns. Certamente há diversos outros que não me recordarei, mas eram ateliês de tudo que se possa imaginar. Porém, isso não era garantia que essas atividades estimulassem um potencial criativo. Ao mesmo tempo que podiam proporcionar outras experimentações de si, também podiam flertar com uma certa burocracia de realizar tarefas.

### **O que fazer de Édipo?**

Era condição que para estar em La Borde, fosse estagiário ou monitor contratado, um certo desapego às nossas formações profissionais. Quanto mais disponíveis estivéssemos a nos despir de nossos aparatos técnicos que supostamente nos conferem algum lugar de saber - e, conseqüentemente, de poder - mais rica tenderia a ser a experiência de um trabalho desalienado no sentido de uma abertura aos encontros. E de fato, devo concordar com essa proposta. No entanto, isto não se aplicava aos psiquiatras, que naquele espaço se destacavam. Estes conservavam bem tanto seus lugares quanto seus gabinetes.

Talvez este fosse um dos traços mais edipianizados, e que mais enfraqueciam as práticas: a figura do psiquiatra como alguém que se destacava e se diferenciava dos demais monitores. Não só não se ocupavam dos mesmos ofícios, como cada vez mais se restringiam aos seus gabinetes nos horários marcados dentro da clínica. Cada um possuía sua sala de atendimento, lugares privados e preservados. Uma vez questionei com algum dos monitores

porque os psiquiatras possuíam aquele destaque, não participavam das atividades diárias com o resto da clínica e possuíam seus consultórios para atendimentos individuais. Infelizmente não consigo me recordar de detalhes sobre a resposta que me foi dada, mas aparentemente os psiquiatras desde o início da clínica possuíam o lugar diferenciado. Mas antes isso parecia não ser encarado como uma questão - diferente daquele momento em que muitos reclamavam daquele funcionamento – pois apesar desta assimetria, eles se ocupavam de outras coisas igualmente importantes (também não me recordo, talvez problemas mais burocráticos) que asseguravam o funcionamento da clínica daquela maneira. Era graças a um certo trabalho realizado por psiquiatras que era possível sustentar o trabalho entre monitores e pensionistas baseados na transversalidade.

Naquele momento, no entanto, ouvia-se muitas reclamações sobre o trabalho já não estar sendo tão sustentado nas bases da Psicoterapia Institucional, como os psiquiatras só aparecerem na clínica para os atendimentos individuais. No momento em que o psiquiatra Jean Oury, fundador da clínica se distancia das atividades e passa a direção para o seu genro, que era alguém que, segundo diziam por lá, não possuía nenhum vínculo com a clínica, era um aristocrata parisiense e atuava fundamentalmente como um administrador, muitas coisas começam a mudar. Este era o tema de grande efervescência em La Borde: a nova administração escolhida por Oury. Nesse mesmo tempo podia-se observar uma intensa presença de uma psicanálise lacaniana nos estudos de casos, e mesmo nos discursos. Ainda que o uso da psicanálise não fosse exatamente taxativo, que se pensasse a loucura de forma mais processual do que como uma estrutura determinada – isso também era algo que chamava atenção - não era raro ouvir que "fulano tinha um traço perverso marcante". Não é de se espantar que, apesar de todo investimento coletivo presente em La Borde, a figura do psiquiatra muitas vezes aparecesse num outro patamar, em muitas demandas dos pensionistas principalmente. "Não estou passando bem e só o meu psiquiatra pode resolver isso", "preciso pedir ao meu psiquiatra que aumente minha medicação", ou então "Dr. Oury, me proteja!". Havia esse certo centralismo nas figuras de poder e, com efeito paternas, como a do Estado. Os problemas que a clínica enfrentava frequentemente eram associados a uma má administração. E a má administração era facilmente atribuída ao atual administrador. Relembavam de forma saudosa dos tempos em que tudo isso se concentrava nas mãos de Oury.

Quanto a isso, não posso dizer muito que tipo de gestão ele fazia ao longo dos anos. Mas me incomodava algo que as vezes ressoava como uma lamúria queixosa, de como se os problemas só pudessem ser resolvidos com um bom administrador, enquanto quem estava nas atividades não conseguia tomar tanto para si e agir. Queixava-se da contratação excessiva de enfermeiros no lugar de monitores ligados às artes, músicas, e até mesmo psicologia. Em suma, a contratação de pessoas sem ligação com a Psicoterapia Institucional, tão cara naquele espaço, deixavam de ocorrer. E aos que chegavam, a transmissão deixava a desejar. Havia uma certa dispersão, uma não passagem do que aquela clínica entendia como importante para a realização daquele trabalho. E ouvia-se muitas lamentações, mas poucas ações de quem estava no trabalho e poderia se engajar nessa transmissão, me parecia. Desejava-se um administrador que resolvesse o problema. E longe de querer diminuir os efeitos dessa nova administração somada ao momento político que endurecia as exigências assépticas sobre hospitais e locais de tratamento na França (um certo número de enfermeiros contratados por estabelecimento era uma delas), é preciso estar atento aos efeitos dessa concentração de poder-problemas-soluções numa figura. Mas uma vez que se concentrava os problemas/soluções na figura de um administrador, produziam-se sentidos binários (algoz/salvador), relegava-se os potenciais coletivos ao segundo plano: restringiam-se aos ateliês, aos tratamentos dos loucos. Conferia-se mais poder ao administrador que ele tinha, ou do que ele precisava ter, uma vez que os problemas não eram trazidos, estranhados, e desdobrados no próprio campo.

A clínica, então, se fragilizava institucionalmente, adoecia junto aos seus membros. Queixava-se do poder do novo líder, ao mesmo tempo em que deixava-se as importantes atitudes por sua conta. Somos mais edipianizados do que gostaríamos. Lourau (1993), uma das importantes referências da Análise Institucional aponta como fracasso da Psicoterapia Institucional o fato de as análises daquele campo serem coordenadas pelos psiquiatras, indicando um ponto cego no qual se preservavam os lugares de poder de quem estava no topo da hierarquia. Ou, em suas próprias palavras, uma análise realizada por figuras “autoposicionados antes e acima de Deus” (LOURAU, 1993, p.41), só poderia encontrar grandes inconvenientes principalmente no que diz respeito às análises de implicação. Era preciso uma figura de fora, para estranhar tais dinâmicas, tais lugares instituídos. Édipo então fica preservado em seu lugar de soberano. Não há muito como negar a presença

de tal efeito colonizador. Sim, colonizador. Se não somos apartados de nossas práticas, se elas têm efeitos em nossos modos de vida, ao se instituir uma prática de dominação com o outro, isso não pode retornar para si como prática de liberdade. Que fique claro, a discussão aqui não tem como objetivos amenizar ou relativizar os efeitos catastróficos da colonização, os quais vivemos até hoje no Brasil, e seguimos perpetuando. Ao contrário, a ideia é estranhar esse *modo* de funcionamento naturalizado em tantos aspectos, como algo do qual, em última instância, todos os lados tiram consequências impotentes, ainda que hajam partes envolvidas que enriqueçam e sigam enriquecendo deste modo. E, no mundo de um Capitalismo Mundial Integrado onde prevalece o acúmulo de riquezas às custas da vida e da saúde, há que se estranhar essas formas instituídas e trazer seus efeitos, ainda que pra muitos de nós sejam óbvios.

Guattari e Deleuze em o Anti-Édipo ao trazerem pistas sobre a esquizoanálise recorrem a processos de cura em comunidades primitivas "elas são esquizoanálise em ato" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.222) eles dizem. Citam um exemplo do que se passa em uma sociedade Ndembu quando um de seus integrantes adoece. A figura do médico da tribo não centraliza em si próprio o processo de cura, ao contrário, convoca toda a aldeia, que fala, participa, toca tambores, o doente também fala, invoca-se toda aquela organização social. Algo que se assemelha a uma terapia grupal diriam os autores de Anti-Édipo (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Entende-se que o adoecimento do integrante da aldeia é um efeito da colonização, conclusão não muito difícil que poderia inclusive ser desdobrada em múltiplos caminhos. No entanto, mais que uma conclusão, talvez seja um ponto de partida: a colonização quando não aniquila, adoece pela via do isolamento. E, aqui, pensando em La Borde, que está inserida na França, um dos grandes países colonizadores da Europa, é preciso pensar e repensar o termo colonizador. Repito: o modo de vida colonizador, que se impõe através de atos exploratórios e opressores e tantos outros regimes de violência de um povo contra o outro, não pode envolver uma prática de liberdade, nem mesmo para os que se beneficiam e enriquecem dela. Bagunçam os valores e normas de um povo, não para que se criem outros, mas para impor seu modo de funcionamento como possibilidade única: Édipo e seu imperialismo. Édipo é o colonizador das subjetividades.

É certo que os povos que sofrem a violência da colonização, e que atualmente tem me incomodado denominá-los colonizados já que também não se reduzem a esse lugar passivo

que a grande história narra - não acatam de bom grado tais imposições, vão encontrando suas maneiras de perdurar em suas próprias existências, em como entendem suas existências. Assim como também os colonizadores, que se autorizam cometer todas as atrocidades que os povos resistentes vêm aos poucos podendo nos mostrar - práticas colonialistas que se atualizam ainda nos dias de hoje - em alguma dimensão também provam do próprio veneno: também estão submetidos aos efeitos de elegerem Édipo o Imperador mundial das subjetividades. Eles próprios, de Édipo não conseguem escapar. Os países colonialistas como efeito tendem a uma certa pobreza subjetiva, pobreza de conexões criativas enquanto reproduzem Édipo. Tornam-se escravos dessa triangulação familiar que, consigo, acompanha toda uma moral rígida. A moral do Estado capitalístico, na qual, a família nuclear é apenas um de seus tentáculos; a neurotização dos corpos avessos e temerosos à qualquer exterioridade é um de seus efeitos que reforçam seu controle e manutenção, e não funcionam só nos corpos, mas também nas instituições.

O lugar que foi uma das condições de possibilidade para que *O Anti-Édipo* fosse escrito, se recusa então a lê-lo, ainda que para tensioná-lo ou tecer críticas. Talvez chegasse como uma força de exterioridade tão intensa, que aquele campo, se por um lado inspirou aquela obra, por outro talvez a tenha repellido por nela não encontrar nenhuma familiaridade. Assim opera o funcionamento edípico neurotizante: repele qualquer ameaça à sua homeostase. Às vezes a ponto de nem conseguir acessá-la. Jean Oury em uma entrevista que deu no Brasil, ao traçar um pequeno trajeto de sua relação com Félix (como preferia chamá-lo), faz um rápido panorama de onde suas divergências teóricas se iniciam.

"A virada aconteceu quando ele começou a falar do que chamava de subjetividade de grupo, desejo do grupo e, para mim, isso cheirava a Jung. Não era o inconsciente coletivo, mas quase. O desejo do grupo era também um esmagamento de tudo o que Lacan trazia. O desejo era qualquer coisa! Ao passo que o desejo, eu sempre repito isso, seja em Freud ou em Lacan, o desejo é inacessível diretamente. É acessível pela transferência e olhe lá! O desejo não é a demanda, não se pega pelo rabo! [...] E nessa linha ele escreveu o *Anti-Édipo* e eu não consegui nem ler, parei depois de três páginas me dizendo: "Não é possível! Um escândalo!" Houve uma série de coisas como essa e com a adesão de uma enormidade de sujeitos nulos!" (OURY, 2010)

Mas os movimentos de colonização têm seus efeitos, efeitos que colhemos frutos até hoje. Édipo como funcionamento majoritário subjetivante é um deles, dizem os autores. Édipo então torna-se universal, mas não por ser uma essência do funcionamento humano, como alguns estruturalistas defendem, e não são defesas rasas ou pouco fundamentadas.



Mas estaria Édipo de fato presente, e regulando as ordens sociais já desde as antigas sociedades primitivas, ou seria mais o nosso olhar ocidental, treinado a encontrar Édipo em toda parte, que não só o encontra como perpetua sua dinâmica? Édipo não está presente em tudo por ser essencial, universal e a-histórico, mas sendo imperialista cremos que não há organização possível sem Édipo, já que dele viemos - nós, sujeitos modernos e ocidentais – e, fora dele, não conhecemos. Ou que não há organização possível sem Estado, já que as que ocorreram, são denominadas de *primitivas*, algo esquecido ou apagado lá nos primórdios do que seria uma suposta linha "evolutiva" da humanidade que algumas ciências - até mesmo humanas – supõem.

A partir de Jaulin em "*La Paix Blanche*" citado no Anti-Édipo, Guattari e Deleuze entendem que

"O estado de colonizado pode conduzir a uma tal redução da humanização do universo que toda a solução buscada será à medida do indivíduo ou da família restrita, com o que se terá, como consequência, uma anarquia ou desordem extremas no nível do coletivo: anarquia de que o indivíduo será sempre vítima, com exceção daqueles que detém a chave de um tal sistema, neste caso, os colonizadores, os quais, nesse mesmo tempo em que o colonizado reduzirá o universo, tenderão a estendê-lo. [...] Édipo é como uma eutanásia no etnocídio. Quanto mais a reprodução social escapa em natureza e extensão aos membros do grupo, mais ela se assenta sobre eles ou os assenta sobre uma reprodução familiar restrita, neurotizada da qual Édipo é o agente." (JAULIN apud DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.224-225).

Ainda nas análises feitas por Jaulin, há um exemplo sobre um grupo de índios que foram persuadidos a trocar suas casas coletivas por pequenas casas "pessoais", o que muito bem ilustra o imperialismo edipiano como efeito colonizador. Na organização anterior à colonização, havia casas coletivas e toda uma dinâmica onde uma suposta intimidade pessoal, assim como as relações familiares eram coextensivas ao campo social. A relação com uma vizinhança era muito presente; o vizinho era ali um aliado e parte daquelas relações que entendemos como família. A mudança de uma casa coletiva pra uma casa que se restringia ao casal e as crianças teve efeito exacerbador de elementos do casal sobre eles próprios assim como sobre as crianças. A família restrita se fecha em si mesma, vai se enclausurando de forma que um devir social e produtivo se torna cada vez mais inacessível, cada vez mais escapa à essa nova organização familiar. O domínio dos colonizadores aumenta conforme o universo dos que sofrem a colonização se reduz a Édipo: eles perdem força - e até hoje nós perdemos – tendo que nos ocupar desta exacerbação

neurótica-familiar-nuclear. Despendemos muito tempo e energia com isso, e assim nos isolamos.

Essa é uma importante parte da nossa história, essas foram forças que deram base a uma subjetividade burguesa e dominante hoje, enclausurada, ensimesmada, que se sente ameaçada com qualquer exterioridade. Algo que arrisco dizer que se difere conforme se afasta dos grandes núcleos do meio urbano, ou até em determinadas áreas no meio urbano mas que são geograficamente separadas dos arredutos da classe média/alta.

E, na mesma La Borde de expressões psicanalisadas e edipianizadas, há que se destacar suas movimentações a meu ver bastante revolucionárias no sentido das alterações dos regimes de sensibilidade.

Como já venho defendendo, se lançarmos os holofotes sob a Psicoterapia Institucional não resta muita escolha que não uma frustração de expectativas não concretizadas. E reduzir La Borde a um hospital que produz saberes e pensa técnicas progressistas é igualmente simplista se pensarmos na complexidade do que se passa naquele espaço que afrouxa as bordas e os sentidos prontos. É preciso estar atento ao que se passa fora daquela luminosidade que o nome "Psicoterapia Institucional" traz consigo junto a toda expectativa do que deve ou não comportar um tratamento com base em tais saberes. A Psicoterapia Institucional ao longo dos anos passou a carregar consigo o espírito das Luzes, de um glamour vanguardista de uma técnica de saberes revolucionários. Mas essa visibilidade ofusca toda uma série de eventos menores, elimina "as sombras, as opacidades, o miraculoso que cercam um acontecimento" (HARA, 2017, p.74), elimina o que havia de mais vivo por lá. Morta está a Psicoterapia Institucional! Talvez seja isso que devemos começar a dizer, ao invés de afirmar que La Borde morreu com Guattari.

Aquilo que Guattari afirmava sobre a configuração de uma La Borde de décadas atrás, também pude constatar através de novos exemplos, com novas personagens e nessa mesma La Borde que ouvia dizer desde lá do Brasil que só marchava num movimento de decadência desde a morte deste mesmo Guattari que nos escreveu. Era apaixonante acompanhar aqueles pequenos movimentos cotidianos. Como por exemplo num momento em que um pensionista tenta suicídio após assistir a um filme ("Azul é a Cor Mais Quente" – sempre me perguntei o que poderia haver naquele filme que poderia despertar

pensamentos suicidas em alguém), e precisa ser hospitalizado fora da clínica e, conseqüentemente, tendo que ficar longe de seu animal de estimação.

O cachorro visivelmente sofre com a ausência de seu companheiro humano. E o seu sofrimento mobiliza a muitos ao seu redor, vira pauta de reuniões. Já havia outros pensionistas se encarregando dos cuidados básicos, alimentando e dando voltas com o cão. Mas ainda assim o cãozinho sofria, uivava, choramingava. Era preciso um novo esquema de cuidado, de revezamento entre os pensionistas para amenizar a dor daquele animal, esquema que ia sendo pensado e criado ao longo daquela reunião. Como o próprio Guattari afirmava a vida comunitária em La Borde possibilitava que aquelas pessoas entendidas como doentes, surgissem a partir de outras óticas. O lugar de "doente" então poderia ser deslocado, deixado um pouco de lado e assim outras atribuições surgiam como características: "familiares, amigáveis, humanos, dispostos a participar da vida coletiva em todas as ocasiões onde isso era possível" (GUATTARI, 1992, p. 184). A vida comunitária, as reuniões, o convívio alterava as dinâmicas, possibilitava encontros outros e modulava as sensibilidades, tanto dos ditos doentes, mas acho que principalmente de quem seriam os cuidadores. Não era à toa que logo de cara já se mexia com esses lugares.

### **O cuidado da Noite**

Pois bem, mas e a tal da noite, a prometida noite já inúmeras vezes apontada neste trabalho? A noite é várias vezes anunciada, mas talvez, ao invés da noite em si, acabo por ressaltar muito mais o perigo das luzes. E, enquanto isso, o potencial noturno, por sua vez, permanece às sombras do texto. Assim tendem a ser as noites, afinal. Sombrias. Momentos não tão evidentes porque não tão imediatos aos olhos. É preciso invocar a noite, sem sobre ela lançar muitas luzes. Há que se convocar outras sensibilidades nesse momento do dia que desperta o medo de boa parte das crianças. Porque temem as crianças a escuridão da noite? Eu mesma temia, tinha medo de monstros aparecerem com o apagar das luzes, e gostava de ter meu pai, minha mãe ou minha avó por perto, pra que me socorressem caso algum deles surgisse. Mas ao mesmo tempo pensava: se um monstro, se um terrível

monstro de repente aparece, que poderiam estes adultos fazer por mim - já que eles próprios talvez não tivessem armas suficientes pra combater esses seres ultra-poderosos? Talvez fossem eles engolidos junto comigo. Aceitava então a escuridão. Não sem medo! Mas não tardava a pegar no sono na maioria das noites, ainda que vez ou outra solicitasse um suporte adulto pra me dizer que não havia nada a temer. Mal sabia eu que este período do dia também tinha sua graça e seus encantos.

Mais eis que no texto previamente apresentado, o orientador salienta: "Mas Ilana, e a noite? Deixamos isso de lado? No texto não fica claro que haveria ali, depois do pôr-do-sol, um primado ético de tua passagem por La Borde..."

Sim. Isso era bem verdade. A pergunta me acompanhou por alguns dias. Eu mesma já havia de alguma forma notado, que a noite, – a mesma noite que este mesmo orientador que agora me coloca a questão havia sensivelmente captado em alguns diários de pesquisa, e que se conectava perfeitamente com a experiência vivida em La Borde – havia ficado à margem da escrita. A pista de algo que poderia se aproximar de uma resposta acaba vindo mais uma vez da experiência, que volta a se fazer presente através da memória, e aqui se faz narrativa.

Talvez eu já tenha mencionado que La Borde, que se encontrava suficientemente distante dos locais mais urbanos, ficava a aproximadamente 2,5km de um pequeno vilarejo chamado Cour-Cheverny. Realmente pequeno, daqueles que se tem uma igrejinha, e um comércio bem reduzido: um pequeno mercado, uma farmácia, uma tabacaria, e um restaurante. Tudo fechava cedo, e aos domingos, absolutamente nada abria. Havia um cruzamento de três ruas no centro desses pequenos comércios, que resultava em algo que não chegava nem a ser uma praça. Para irmos de La Borde até o vilarejo caminhando tínhamos que atravessar o campo. O caminho era bem delimitado, e não havia grandes problemas em cursá-lo. Vez ou outra queríamos comprar um vinho, ou qualquer coisa que não estivesse dentro do que La Borde nos oferecia, e, não havendo necessidade de se deslocar até Blois (a cidade mais próxima que ficava a aproximadamente 15 km de distância), fazíamos este trajeto a pé com alguma frequência.

Numa noite qualquer, possivelmente de um fim de semana, estava eu com mais dois colegas pensando no que fazer daquele fim de dia. Poderíamos ir a Cour-Cheverny comer

uma pizza, alguém sugeriu. Mas era noite. Nunca havíamos feito aquele caminho naquela escuridão. Não haveria qualquer iluminação naquela longa caminhada, a não ser as lanternas de nossos celulares que poderíamos dispor. Ficamos receosos, mas não havia muito tempo a perder, já que, se demorássemos muito, havia o risco de encontrarmos o único restaurante do vilarejo fechado. Por fim, fomos. Sair dos aposentos do castelo rumo à mata naquela hora, não era nada usual. Impossível não se encantar com aquele céu, de uma variedade de estrelas e constelações imensuráveis. Havia regiões daquele enorme céu preto que chegavam a ganhar um tom de prateado, de tantas e tantas estrelas. A lua, quando presente, também era de impactar, ao mesmo tempo que relegava aquelas estrelas de tantos brilhos e tamanhos a um segundo plano. Iniciamos aquela caminhada noturna ainda inebriados com a imagem daquela noite de céu limpo, sem nuvem alguma. Mas voltando a olhar do céu para o caminho, onde o que comparecia era um breu total, era preciso ter atenção. Nossas lanterninhas fajutas até quebravam o galho, mas aos poucos, um receio e uma insegurança vinha tomando conta de nós três. A caminhada que costumava durar em torno de 40 minutos, somada a uma atenção triplicada com o caminho e alguns receios, parecia alongar o trajeto. E ainda teria a volta! Seguimos por um tempo falando banalidades, mas os barulhos da mata vez ou outra causavam algum susto em alguém, até que fomos assumindo uns para os outros que estávamos com medo de continuar. Podíamos ser atacados por algum animal e não teríamos facilidade de fugir, podíamos errar o caminho e acabar caindo dentro de algum lago, ou poderíamos simplesmente não encontrar o caminho de volta naquela noite fria de inverno. Até o medo de ser abduzido por alienígenas surgiu como possibilidade, já que estávamos no meio do nada, e supostamente é onde os alienígenas aparecem. Nenhum de nós estava confiante de seguir aquele caminho. Decidimos então voltar. Aquela pizza poderia esperar um pouco.

E aqui estou eu, já há algum tempo fazendo parte da comunidade dos adultos que habitam esse mundo. Já não temo mais que monstros possam surgir de baixo da cama na hora de apagar as luzes para dormir. Mas a noite ainda conserva seu quê de assustadora. A noite na sua imensidão de abertura de possíveis ainda pode assustar os adultos em suas vidas formatadas, que fazem uso dela apenas na hora do sono. Ela ainda assusta, assim como assustou a mim e meus colegas naquele dia. Foi necessário que houvesse mais de nós para fazer aquela travessia noturna num outro momento e comermos aquela pizza. A

segunda empreitada teve sucesso, seguimos dessa vez descontraídos por aquele mesmo caminho, brincando, rindo. Um animal não faria grandes estragos se resolvesse nos atacar, ou provavelmente se anteciparia em fugir daquele bando de estagiários. A atenção exigida no caminho não mais se concentrava em três pessoas, se diluía agora num grupo mais numeroso, o que tanto tornava aquele trajeto mais leve, quanto diminuía a possibilidade de passarmos a noite perdidos na mata. Quanto aos alienígenas, bem, ninguém se lembrou da possível existência ou aparecimento deles naquela noite. Mergulhamos naquela escuridão noturna, degustando da beleza daquele céu de múltiplos pontos luminosos. Assim foi a experiência em La Borde. Permeada por medos, sustos, recuos, riscos, experimentações, deslumbres, fascínios, surpresas de todas as ordens. Didi-Huberman (2011) em seu livro "A Sobrevivência dos Vaga-lumes" faz alusão a um artigo de Pasolini onde estes pequenos seres luminosos, apenas visíveis à noite, representam a resistência de modos de existir diante das luzes ofuscantes do poder da política, da mídia e da mercadoria. Mas pensando na experiência labordiana, me parece ter mais sentido falar dos pontos luminosos no céu, também só visíveis à noite, e que em sua abundância chegam a formar manchas prateadas, não podendo passar despercebidas. Apenas por quem não experimentasse olhar para cima.

Os pontos brilhantes no céu foram a temática dos espetáculos do fim daquele ano de 2013 em La Borde. Se bem me recordo, o tema surgiu diante de um fato que os deixava intrigados: dependendo da posição geográfica em que se está no planeta, se tem acesso à diferentes constelações. E mais uma vez, já não posso afirmar se minha memória ao longo dessa escrita foi se tornando demasiadamente fantasiosa, mas nas penumbras dessas experiências parece-me que tal constatação veio dos pensionistas que viajaram ao Brasil e, estando em outro continente, tiveram acesso à um novo céu estrelado, diferente do habitual. Assim como eu vivia uma nova experiência noturna aquele momento na França. Junto a um outro céu, novos pontos luminosos, novos lampejos abrindo campo para novas existências, uma nova constelação de possibilidades.

Afinal, à luz do dia, ficamos impossibilitados de notar aquelas pequenas existências luminosas, que, na verdade, nada tem de pequenas. Apenas se comparadas ao gigante Sol, que rouba todas as atenções para si. É tudo um jogo de luzes e sombras, que ao decorrer da experiência, à despeito de qualquer intencionalidade, era este território difuso, dos contornos imprecisos, dos sentidos inquietos, dos instintos à flor da pele que intensificam a

imaginação e a capacidade de invenção e destruição (HARA, 2004) que vinham ganhando espessura. Sendo assim, a escrita, convocando as forças da noite "não deseja tornar tudo visível, transparente e iluminado, como quer o homem da visão diurna, o sujeito da teoria" (HARA, 2004, p.3). Mas como fazê-la então escrita? Como afirmar isso diante de um trabalho que, não posso esquecer, trata-se de uma dissertação, inserida na academia. A noite então me escapa. Escapa ao ser convocada em pesquisa, rapidamente é tensionada pelo regime da razão, da iluminação imperativa que a tudo quer precisar, delimitar, circunscrever e replicar como modelo.

A noite então tenderia a deixar de ser noite em sua força. E por isso, permanece à margem da escrita, onde talvez não atraía tantas luzes. Assim afirma sua força, não se deixa enfraquecer. Ela, que tampouco quer engolir o Sol com suas leis de funcionamento, sustenta o tensionamento, não se deixa invadir pelos poderosos raios solares que a tudo invadem com violência, desvelam os mistérios e exercem seu domínio afirmando tudo saber, criando enquadres e categorias para tudo que das sombras se lança a um feixe de luz.

"Não se trata de um convite ao irracionalismo, ou de pregar uma certa improbidade intelectual na escrita da História. Mas, o que se deseja é, ao menos, uma suspensão temporária da razão normatizadora, para suscitar uma visão mais inebriada e encantadora da vida, sob a ótica dos personagens que se rebelaram e, paradoxalmente, afirmaram radicalmente a própria história, o devir sempre aberto e inacabado. São personagens que estimulam um pensamento "bêbado", tal como o famoso barco de Rimbaud, em seu passeio sem destino. Solicitam as vertigens, e repudiam o terreno seguro das verdades instituídas e celebradas pela tradição religiosa ou por racionalidade mórbida guiada pela flecha do progresso." (HARA, 2004, p.12)

Pois então, no risco de se anular diante das luzes, não aparece. E que não apareça se for para ser replicável, categorizável, ou nova fórmula para estabelecer uma relação de si para consigo. A noite como imperativo a ser habitada, de nada valeria como potência de criação de estéticas de existência. E o que se propõe a uma abertura, poderia se tornar uma experiência catastrófica. Ela também possui seu caráter de terror e angústia e, se imposta, pode ser habitada como um grande tormento. Que fique então aonde pode se fazer potência de expansão das forças da vida. Que fique às margens, como convite a quem quiser acessá-la à sua maneira. A noite é uma abertura de possíveis, nela não há nada nela de interior. Está às margens, acessível para quem dela precisar, a quem quiser um momento de menos ruídos, imagens, e bombardeio de informações, para acessar as forças em si e inquietá-las. A noite, além de tudo, também foi o momento privilegiado da escrita dessa

dissertação. Como se passasse o dia num exercício de triagem das informações, tanto as que buscamos quanto as que somos bombardeados, e só na calmaria noturna quando o mundo tende a desacelerar e o olhar repousa, que este processo vinha ganhando materialidade numa folha de papel.

A pesquisa, a academia, convocam os holofotes e a iluminação que tudo pretende desvendar, e uma vez desvendados, descobrem suas leis de funcionamento, e replicam universalmente. Atrapalham a criação por via da reprodução. Esvaziam sua potência de singularização. Mas a noite é mais esperta e conhece bem o funcionamento das luzes; já eu, enquanto pesquisadora, tendo a ser mais facilmente seduzida por elas. Do lugar que escrevo, precisaria de mais esperteza, mais astúcia para não cair nessa sedução. Ou talvez mais inocência, de crer que trazendo tudo às luzes não sofreria os já conhecidos efeitos de uma submissão à tais categorizações. As forças da noite, então, se fazem mais fortes às margens da escrita, ainda que disponíveis.

Durante a construção da dissertação, redescubro um livro de Oury que havia comprado lá mesmo, numa pequena biblioteca dentro da clínica que também vendia alguns livros e revistas ligadas à La Borde ou aos temas relacionados à Psicanálise ou Psicoterapia Institucional. "*Onze heures du soir à La Borde*" (Onze horas da noite em La Borde) era o nome do livro, que na época escolhi no escuro – apenas o título me atraía, soava interessante. Reencontro aquele título que me desperta uma risada espantada. Era como que mais uma evidência de que a experiência labordiana criava um campo magnético que atraía para mim algo que eu nem estava procurando: a noite. Uma força noturna marcava aquela experiência, antes mesmo de qualquer ideia de pesquisar. A pesquisa só circunscreveu, deu nome aos afetos que estavam em jogo, e conseqüentemente ampliou todo um campo de conexões e sentidos. Mas é curioso pensar que os elementos noturnos surjam quando não os procuro. No entanto, quando convocados numa relação com a pesquisa, somem, não aparecem na escrita que se seguiu desde então.

Que passaria em La Borde às 11 horas da noite na ótica Oury? Era alguém que certamente teria algo a dizer sobre aquele momento do dia que vira título de livro. Para a minha decepção, o livro era uma coletânea de artigos variados de cunho psicanalítico um tanto teórico e lacaniano, e o título noturno na verdade não ia muito além de uma alusão a



um único artigo. Porém, quando Oury fala sobre La Borde às 11 horas da noite, como ele próprio diz, o faz em tom de humor, e fazendo alusão à Lacan, afirma que o que emerge à noite diz respeito à ética, que é o que articula o desejo e a ação (OURY, 1980). Ah sim! Não posso discordar de Oury, ou de Lacan, ou, por fim, da ideia de que a noite abre outros possíveis, de que à noite os imperativos luminosos perdem tônus, o desejo tende a encontrar mais meios de se fazer ação.

A noite, então, facilita o cuidado de si. A ausência de olhares onipresentes das luzes facilita uma relação de si para consigo. As negociações entre desejo e ação não mais são permeadas pelos olhares luminosos e vigilantes: são de si para consigo, de nós mesmos com as forças que nos habitam. Quando não há olhares externos e julgadores, quando não há um caminho determinado do que fazer, o que tanto tememos? Há uma dimensão dessa vigilância que é de si para consigo mesmo. Foucault já afirmava isso em *Vigiar e Punir* (1991), as instituições nos são introjetadas via processos de subjetivação, e já não é preciso de um olhar do outro para que nos sintamos vigiados. Nós mesmos passamos a exercer essa função nós mesmos.

São outras forças, no entanto, que emergem quando as luzes se apagam. Outras experimentações de si, quando o desejo não tem que atravessar os julgamentos externos antes da possível ação questioná-lo. Já não há racionalidade a qual responder e justificar. Os olhares estão adormecidos, já que na escuridão, não há tanto a ver e desvelar. As existências desviantes, então, podem passar mais sorrateiramente sem o crivo dos holofotes que insistem em reduzi-las para assim qualificá-las, categorizá-las, classificá-las. Era à noite, quando as milhares de tarefas labordianas se encerravam, o tempo se desapressava, e as luzes desapareciam, que emergia aquilo que era ofuscado pelo excesso de luz. Momento em que os pensionistas ousavam certas artimanhas pouco possíveis durante a movimentação do dia, como subir ao *local-stagiaire* – que lhes era interdito – e assaltar nossa geladeira e nossas bebidas. Era à noite também, que era tão mais agradável de se trabalhar, ou mesmo de repousar no *local-stage*. Quando não há sobre si os holofotes da normatividade que atraem os olhares morais e vigilantes, a noite surge como possibilidade de um campo de abertura.

O cuidado de si se faz urgente para que a vida não passe podada nos regimes de obediência e servidão, esquema pelo qual muitas vezes optamos já que não temos facilidade em abandonar nossas identidades delegadas pelo Estado. Falo de identidades serializadas, e não identidades assumidas como ferramentas. Tememos uma despersonalização, um não pertencimento a lugar algum.

Segundo Tony Hara (2017), é o momento da conjunção de forças nas quais há um corpo que sofre por querer se expandir, cria possibilidades para tal, podendo colocar alguma distância aos enquadres diurnos. Hara pensa a noite com a imagem do corpo da parturiente, que é aquela que vai parir uma nova vida e, com ela, novas possibilidades. Mas as forças noturnas, ainda que com alguma inocência, também brincam com o lado escuro e terrível da vida, pois o corpo em expansão não se limita ao que é criado à luz do dia, ao já conhecido. Não é raro, então, que a noite seja experimentada com medo por nós, que nos apegamos às imagens que criamos de nós mesmos, e tememos delas nos distanciar: elas constituem um lugar seguro e já conhecido. Ao mesmo tempo morto, às vezes entediante. O que disso difere, não se sabe aonde vai dar.

Há que se experimentar a potência deste turno como possibilidade de ensaio, como experimentação prudente, como momento de avaliar se queremos ou não encarar as luzes, ou em que doses. As luzes, os olhares que consigo carregam - e que agora, na modernidade já excederam os olhares humanos através de câmeras espalhadas pelas cidades grandes que tudo vêem e tudo registram. Sua ânsia de esquadrinhamento e categorização a partir de esquemas psicopatológicos, não são para principiantes. São cada vez mais perigosas. Há que encará-las munidos de ferramentas para que uma vida não se reduza a essas categorias da civilização. Um louco que assalta geladeiras e desaparece com vinhos, às luzes de olhares civilizatórios, facilmente poderia ganhar um enquadre de delinquente, de perigoso. Os manicômios judiciários estão cheios destes que em La Borde eram completamente inofensivos.

Bom, há que se destacar que outros elementos noturnos em La Borde, como o espaço geográfico que ocupava: o campo, e sua distância dos holofotes. Ele tende a chamar menos luzes, menos olhares, menos visibilidade. Não é à toa que do campo conseguimos admirar os céus estrelados. Nos arredores, mais próximos ao meio urbano, pelo que consigo

colher de literatura, e de pessoas que lá habitaram por algumas gerações, La Borde não passava de uma comunidade estranha onde se vivia no meio de loucos. Quem lá vivia devia ser igualmente louco e, assim, talvez não atraísse muito interesse ou curiosidade da região. Já sabemos muito bem que as punições de Estado são menos relacionadas ao que entendemos por crimes do que aos modos de vida desviantes. Usa-se as luzes, a supervalorização da racionalidade como controle social, como valorização da mente sobre o corpo – esquecendo que a mente só é possível num corpo em sua complexidade, e não apartada dele. A castração de si para consigo é valorizada pelo Capital através da imagem do sujeito soberano e bem-sucedido, que domina suas paixões e serve bem aos regimes caóticos de trabalho que cada vez mais naturalizamos. Em nome de um imperativo da racionalidade como primado da existência humana, somos facilmente convencidos a negar nossas forças desejanças em nome de um "bem maior", em nome do mito da civilização, que se olharmos com atenção, já não se sustenta. Sim, de fato é um perigo para o funcionamento do Estado que sejamos capazes de condutas e deixemos de lado a obediência e a castração na base da obediência inquestionável às leis-maiores.

Mas não podemos esquecer, ainda temos as noites! Podemos fazer uso deste turno onde os contornos são mais difusos, podemos experimentar existências mais brincantes, mais auto-reguladas. A noite pode ser um campo fértil de experimentação e do cuidado de si, onde não é preciso conhecer o que está por detrás do véu da escuridão - disso as luzes já se encarregam - e prestar contas. No mito egípcio narrado de maneira resumida por Renato Noguera (2012), há uma deusa chamada Nut que é responsável pelo céu, e um deus chamado Geb que representa a terra (sendo o céu feminino e a terra masculina). A deusa Nut engole o sol todos os dias no crepúsculo, e volta a dar-lhe à luz na aurora, pois o sol necessita do escurecer no ventre da noite para se revitalizar e nascer no dia seguinte. Assim, continuamente Nut engole e pare o sol, possibilitando ao humano o sonho quando o sol desaparece (NOGUERA, 2012). Hara (2017) afirma que "todo ser vivo precisa não só da luz para ver, como também da escuridão para sonhar" (HARA, 2017, p. 10).

Os sonhos que, por sinal, aqui trago algumas vezes, de fato são uma boa imagem se pensados menos como chaves interpretativas do sujeito do que como experiência noturna. Como narrativa que performatiza as forças de um mundo presente, e que podem ter efeito interpelar o sujeito em suas forças instituídos. Talvez seja um dos poucos momentos em que

os humanos modernos, racionais e diurnos, experimentem essa ausência de controle sobre uma narrativa onde se é protagonista, criador e ao mesmo tempo não se reconhece. Assim como delira-se o mundo (DELEUZE; GUATTARI, 2011), sonha-se o mundo. Sendo essa, por vezes, uma experiência tão radical, que há quem se veja impossibilitado de sonhar, ou de entrar em contato com o que se sonha. Ou mesmo de dormir, quando a vigilância de si sobre si começa a perder a medida. Não é preciso tornar tudo visível e iluminado, como pretende o homem racional e diurno que de tudo quer ter controle.

Os contornos imprecisos, os sentidos inquietos, os instintos à flor da pele que intensificam a imaginação e a capacidade de invenção e de destruição (HARA, 2017) nos fazem um convite a estranhar as luzes do dia. Um convite a habitar as intensidades e molecularidades praticamente invisíveis e vulneráveis à luz do dia, um convite a habitar o plano do sutil, para criar consistência, fazer composição, dar sustentação a movência e a metamorfose de forma que estas não representem um risco, mas o tablado para uma trajetória, para uma experimentação de si para além das fôrmas (PELBART, 2016). E é neste mundo noturno encantador e terrível ao mesmo tempo, que podemos ensaiar sem maiores pesos. Verificar o que funciona e o que pode ser descartado; criar, inventar novas formas de viver, de amar e de se apaixonar pela vida (HARA, 2004).

O cuidado de si parte do princípio que o sujeito é uma obra aberta, inacabada e inantecipável. Suas práticas de inquietação dos instituídos não objetiva concluir um projeto dado, ter um ponto de chegada, como pretendem – e nos identificamos como tal – o Estado e as instituições disciplinares. Ao contrário, o cuidado de si abre espaço para um trajeto a ser percorrido através de perguntas, problemas, desafios e imprevistos que se responderão de maneira singular e neste próprio caminhar. É o trabalho de escolher dos tantos encontros que experimentamos aquilo que nos serve bem, aquilo que nosso corpo assimila, e estar atendo ao que ele rejeita (PELBART, 2016). O corpo precisa ser afirmado como campo de experimentação de outros modos de vida se queremos escapar às subjetividades insidiosas do capital.

A máquina de estado é paranoica, e vê como ameaça mesmo aquilo que não está em combate contra ela. Vê como ameaça um sujeito capaz de condutas, que se afirma tendo como princípio regulador a sua própria vida como centro de gravidade, e descartando o que

a esta vida não serve (PELBART, 2016). De fato, isso se torna uma ameaça ao Estado visto que se quer fazer onipresente. Para nos despirmos das forças disciplinares, docilizantes que insistem em nos moldar, controlar e sujeitar, é preciso dar passagem às forças ativas em si. Isso não é nada óbvio, mexe com nossos desejos, que não se acessam pela via do controle. Ao contrário, por esta via tendemos a negá-los mais do que negociar com nossos possíveis, e, por isso, o cuidado de si se faz urgente. O desejo precisa encontrar passagem para que a vida pulse, e diante do modo de subjetivação capitalístico, ele tende a se territorializar em objetos de consumo, modos-de-vida formatados ofertados, a busca incessante pelo acúmulo. Como podemos desejar diferentemente num sistema onde a máquina não para de se alimentar? Onde até os coletivos que propõem um combate ao capital, muitas vezes se veem capturados por suas lógicas de organização, podendo até instituir novas regras, mas reproduzindo a moral e os julgamentos culpabilizantes aos desviantes, naturalizando uma relação com trabalhos que se assumem que excedem a vida e os limites singulares em nome de um novo "bem-maior"; por fim, reproduzindo práticas individualizantes que da mesma forma adoecem, uma vez que apartados de suas forças de vida singulares.

Voltando, então, ao raciocínio inicial disparado por Oury, da ética produzida na agonística entre desejo e ação, chega-se a questão do coletivo. Tema que, se o bom leitor esteve atento ao longo destas tantas páginas, já identificou que tem alguma importância na construção deste texto, e que mais direta ou indiretamente também venho sinalizando por aqui como algo que me é caro, algo que, pra mim, cria condições de possibilidade de fortalecimento, de potencialização da vida. Mas que também envolve seus riscos, que para Oury tem a ver com cair na categoria do geral. Ele então defende uma ética numa articulação entre o coletivo e o singular, onde cada um possa se achar sem se perder em identificações serializadas. Isso também envolve um certo jogo de luzes, um certo jogo de poder e vigilância que estar em grupos pode ter como efeito, de forma que seus integrantes não possam se diferenciar, transitar de maneira ética pelas regras estabelecidas. Aglomeram-se em certos ideais e afinidades que tendem a embarreirar a singularidade e o grupo opera como um *superego* coletivo, vigilante a qualquer modulação (OURY, 1980).

As massificações uniformizantes não se dão apenas das instituições disciplinares para o sujeito. Elas podem se manifestar nas pequenas organizações coletivas que criamos, e que para sustentar a criação de um plano comum entre singularidades, exige uma permanente

disponibilidade para a aparição de qualquer ruptura de sentido que se, por um lado rompe, por outro abre toda uma nova constelação de universos de referência (GUATTARI, 1992, p. 201). Um coletivo que afirme as singularidades, que afirma a vida cotidiana como material de experimentação ético na produção de novas estéticas, facilita o cuidado de si, uma vez que se está em contato o tempo todo com alteridades que nos levam a estranhar a suposta naturalidade de nossas formas. Há sempre o risco de se cruzar com os olhares do poder, e ser enquadrado num modelo de subversão e ameaça ao Estado que colocaria em cheque a própria possibilidade de sobrevivência desses modos desviantes.

Afirmar as singularidade nas relações consigo e com o outro, criando planos comuns e zonas de avizinhamiento, cria abertura para o cuidado de si na medida em que os coletivos suportam que se transite do “tu deves” para o “eu quero”. Isso não se faz de qualquer jeito. Portanto, essa transição, esse estado intermediário, problemático, de tensionamento ético entre desejo e ação em que a descrença ainda não encontrou a vontade que a sustente para poder querer o que lhe cabe (PELBART, 2016), aponta para um cuidado de si na medida em que um coletivo não se sobrepõe aos sujeitos, tampouco o contrário. Nas práticas de liberdade que envolvem o cuidado de si não cabe apostar na figura de um líder autoritário, ou num coletivo uniformizador de subjetividades. Se o exercício do cuidado de si é ético, e aqui estamos entendendo ético por uma negociação entre desejo e ação, o "eu quero" não significa que desejo vá se fazer ação a despeito de tudo e de todos. Ou, se assim for, isso terá consequências nas próprias relações que o sujeito da ação está inserido, retornando como questão para o mesmo uma vez que o princípio da inquietação está colocado. É o campo da negociação que está em jogo, uma vez que estamos sempre inseridos numa trama de relações. Desta forma as atitudes de si para consigo numa dizem só de si, mas é preciso que este si também tenha lugar para se afirmar como vida potente e pulsante.

Não há então como não pensar no coletivo de estagiários de La Borde; um coletivo um tanto heterogêneo, já algumas vezes citado aqui. E que se fez coletivo pelo acaso do encontro, mas não mantinha nenhuma regularidade de reuniões, organização, nem constância, visto que mudava frequentemente de figuras. Era um coletivo noturno, que tampouco era evidente como coletivo se pensarmos numa forma. O *local-stage* era o lugar talvez mais movimentado de La Borde, e isso talvez lhe conferisse alguma fluidez: 2 meses era o máximo que se podia estar lá. Fato que forçosamente colocava cada um de nós a

acompanhar chegadas e partidas e reconfigurações das mais diversas ordens. Se por tantas vezes lamentei sobre o reduzido tempo de dois meses como possibilidade máxima de se estar por lá, talvez também precise destacar um pouco seus efeitos produtivos. O caráter transitório, de uma finitude próxima, era algo que tínhamos de comum naquele espaço de habitação.

Talvez isso nos tenha conferido alguma urgência em fazer uso do que aquele espaço nos oferecia como ferramenta para vida labordiana, e disso, posso dizer de uma certa disponibilidade às parcerias, bem como de uma apreciação às variações daquela atmosfera. Havia momentos mais festivos, onde o local ficava mais bagunçado e nem sempre tão limpo. Havia momentos mais pacatos, onde mais partilhávamos os momentos do jantar e comedidas taças de vinho. Os franceses estranhavam o gosto peculiar dos brasileiros por pipocas, as tatuagens no corpo, e a frequência com que escovamos os dentes. Os brasileiros, em La Borde, talvez estranhassem tudo, inclusive o fato daquele lugar ser parte do território francês. Uma estagiária vinda da cidade de Nice, na França, causava mais surpresa do que a chegada de estagiários de outros continentes. Se em nenhum momento cogitei substituir os turnos de trabalho pela manhã nos setores pelo turno da noite que me agradava mais, como soube que já fizeram alguns estagiários em outros tempos, era porque havia muito a ser vivido no *local-stagiaire*. Não podia abrir mão assim tão fácil daquele momento precioso de reencontrar todos no fim do dia, onde cada um partilhava um pouco de si e de seus dias, às vezes mais inquietantes, às vezes mais engraçados, às vezes um tanto angustiantes.

Havia também monitores que moravam no *local-stage*, mas era como se mantivessem uma distância segura, apesar de serem gentis. Os estagiários logo partiriam, eles permaneceriam por lá. Não era qualquer um que estava disposto a criar laços tão efêmeros e encarar os vazios abertos pelas partidas. Essa finitude com data programada, essas partidas, e principalmente a minha partida, não foram fáceis. Não foi fácil um belo dia ter que abandonar todas aquelas agenciamentos, toda aquela complexa trama de relações com tempo-espaco-pessoas-trabalho-morada-coletivos-noite que convocavam a se experimentar de outros jeitos, criavam neste si novas configurações de limitações-aberturas. Era um movimento alegre o de experimentar. Era vital, desejável, e hoje, saudoso. Trocaria meus confortos burgueses por aqueles quartos compartilhados, banheiros

no estilo vestiário, e tantas e tantas surpresas por mais muitos anos, até que aquelas formas começassem a caducar...

\*\*\*\*

E falando na noite e suas surpresas, lá estávamos nós celebrando no local *stagiaire*. Na verdade, estávamos nos despedindo. Alguém de nós finalizava seu estágio, e tínhamos por hábito marcar uma *soirée* com comes e bebes. Neste dia em especial, resolvemos fazer um amigo oculto, que parecia ser uma brincadeira meio desconhecida para os franceses. Os brasileiros que ainda se encontravam por ali, se encarregavam das caipirinhas que logo cativaram os franceses. E de resto, cada um fazia um aperitivo. Às vezes recebíamos visitas de alguns monitores que também tinham seus quartos no último andar no castelo. Alguns deles também moravam ali, outros dormiam por lá metade das semanas. Alguns cozinheiros, que eram especialmente queridos por nós, essa noite também passaram por lá. A essa altura, estagiária de enfermagem que começava seu estágio no mesmo dia que eu, temendo aquelas pessoas e assustada com aquele espaço, já tinha outras coisas a dizer. Ela não morava no *local stagiaire* com a gente, vivia pelos arredores de Blois. Era casada, tinha duas filhinhas e, apesar do rostinho de 20 anos, já passava dos 30. Já era de se notar que com o tempo vinha ficando cada vez mais à vontade naquela estranha dinâmica labordiana. Diferente da maioria dos estagiários que não morava no último andar do castelo, ela vinha nos visitar de vez em quando, se organizava para às vezes jantar ou passar mais tempo com a gente sempre que possível.

Caíra em La Borde de paraquedas, assim como grande parte dos estagiários de enfermagem que habitavam a região, e recorriam a La Borde para cumprir a carga horária de estágio. Era uma característica que se destacava principalmente nos estagiários de enfermagem, ainda que não lhes fosse exclusiva. Aparentemente esperavam encontrar um hospital psiquiátrico padrão, apesar dos entornos de Blois abrigarem diversas clínicas que se inspiravam na Psicoterapia Institucional. A própria clínica por vezes reforçava este funcionamento, e deles demandava um saber e uma aplicação de técnicas muito mais do



que uma desalienação do especialismo que propunha a Psicoterapia Institucional. Já mencionei aqui também que vinha aumentando o número de enfermeiros contratados em detrimento de outros campos de saberes, e que a transmissão do trabalho também se dispersava cada vez mais. Mas essa colega, pelo visto, havia de alguma forma sido mordida pelo bichinho labordiano. Dentro de suas possibilidades e arranjos entre cargas horárias a cumprir, estudos e família, buscava também experimentar uma La Borde que extrapolava um mero lugar de trabalho que exige algumas horas por semana aplicando técnicas. A estagiária, que temia os devaneios de nosso *poisson pilot* no primeiro dia, vinha se descontraindo, rindo das maluquices engraçadas características do encontro com a loucura. Em seu último dia, quando lhe perguntamos como havia sido para ela aquela experiência, a resposta não foi imediata (como talvez para mim, fosse - não hesitaria em dizer o quanto amava ter experimentado aquilo tudo!). Ela, que ali caíra de paraquedas, mas já sofrera algumas modulações ao longo daqueles dois meses, não nos fala tanto sobre como experimentava as atividades ou os afazeres, tampouco o que tinha adquirido no campo dos saberes, mas começa a destacar as relações que ali se estabeleciam como algo que a tocava. A começar destacando o respeito com que se relacionavam monitores e pensionistas: ressalta o posicionamento não infantilizante e invasivo diante da loucura de forma geral. Em outros hospitais, era comum que funcionários se autorizassem a tomar decisões sobre os pacientes, julgando-os incapacitados de fazerem escolhas ou se posicionarem. Ela própria, já vinha se relacionando de outra forma por ali. Era visível como passava a habitar aquele lugar com uma aparente leveza, principalmente se comparado aos primeiros dias.

E encontrava-se essa noite no último andar de um castelo habitado por loucos. A essa hora deviam estar dormindo em seus quartos espalhados por aquele terreno. Ou assistiam TV no andar térreo, que era preciso atravessar até chegar ao último - o andar de nossa morada. Ou sabe-se lá o que estavam fazendo daquela noite, que em poucas horas viraria madrugada. Nós, estagiários, comíamos, bebíamos e ríamos, e trocávamos nossos chocolates de amigo oculto. Já estávamos encerrando nosso festejo, nossa despedida, e começávamos a arrumar a bagunça. De repente, ouço gritos desesperados e espantados de um pequeno grupo que se reunia na janela. Tão desesperados, que mal consigo entender o que diziam minhas colegas, apontando janela à fora. No meio da confusão ouço qualquer menção a um fantasma de branco, a uma dama de branco. Me aproximo da janela rindo de

antemão, e pensando que aquelas francesas deviam ter ido longe demais nas caipirinhas. E eis que chego à janela que tem vista para um amplo gramado na frente do castelo, só conseguindo ver uma reduzida área iluminada por um único poste. Havia panos brancos, talvez lençóis flutuantes envolvendo um corpo de mulher. E se antes achava graça de um suposto excesso de cachaça das francesas, de repente, vejo com meus próprios olhos uma imagem fantasmagórica. No meio daquele breu, havia um único poste iluminando uma mulher envolta em panos brancos esvoaçantes! E o riso descontraído com o qual me aproximava da janela, em questão de segundos, entra no coro dos gritos desesperados. Me afasto correndo daquela visão. Mas seria possível começar a acreditar em fantasmas personificados e assombrações àquela altura?! La Borde devia estar mesmo nos enlouquecendo!

Aos poucos fomos recuperando a calma – umas mais que outras. Ríamos, ao mesmo tempo de nervoso e ao mesmo tempo achando graça daquela situação inacreditável. Seria aquilo algo de assustar ou estávamos criando uma coisa absurda? Logo fomos tentando construir hipóteses mais plausíveis para aquela cena. E, sem que muito tempo se passasse, quando voltamos à janela para averiguar se a tal cena seguia acontecendo, não havia mais o menor rastro, nem da mulher que não conseguíamos identificar, nem dos panos brancos esvoaçantes. Os olhares tentavam escamotear o terror, os risos mais ou menos disfarçavam. Preferíamos que a mulher ainda estivesse lá, iluminada pela luz do poste, e que no meio daqueles panos esvoaçantes pudéssemos reconhecer algum rosto. Mas a assombração havia desaparecido naquele breu aberto, deixando em aberto também qualquer hipótese a que poderíamos nos agarrar. Não havia de ser nada extraordinário, ora bolas, estávamos num castelo de loucos! Só podia ser alguma pensionista num momento inspirado. Chegamos até mesmo a supor qual delas seria, já que havia uma jovem que gostava muito de mexer com peças de roupas, fazer criações e transformações em tecidos quaisquer para deles se ornar.

Mas nossa colega estagiária que estava de visita precisava voltar para casa, talvez fosse a mais apavorada de nós! Insistimos que ela dormisse lá, haviam camas de sobra. Mas isso não lhe parecia uma opção. Se fosse eu, não sairia daquele castelo por nada nessa noite, pensava comigo. Para ela, talvez fosse mais assustador passar a noite naquele castelo assombrado do que encarar o breu aberto das estradas que a levariam de volta pra casa. Ou

talvez apenas não quisesse deixar suas filhinhas lhe esperando e, ainda que optasse por encarar a escuridão das estradas, também não o fazia com tranquilidade. Insistimos pra que ficasse, receávamos que naquele estado de tensão se espantasse com alguma coisa qualquer no caminho e se envolvesse em algum acidente enquanto conduzia o carro. Mas como ela optou por voltar, descemos as escadarias e a acompanhamos até seu carro, olhando desconfiados o entorno daquele castelo pouco iluminado. Ela nos tranquilizou de que estava segura para dirigir, e que sua casa ficava a 5 minutos de lá. Por fim chegou bem. Já nós, que lá ficamos, nos sobressaltávamos com qualquer barulho. O medo sobretudo era dos possíveis sustos, caso nos distanciássemos da presença um do outro. Medo de sermos surpreendidos por qualquer presença não familiar ali. Não era incomum que alguns pensionistas insones subissem ao *local-stage* clandestinamente, e assaltassem nossa geladeira ou levassem nossas bebidas. O *local-stagiaire* era interdito aos pensionistas, para que assim se resguardasse alguma tranquilidade de um lar aos que habitavam o castelo. Naturalmente o visitavam de madrugada, enquanto todos dormiam. Mas vez ou outra, acabavam esbarrando com algum estagiário que levantava do sono para usar o banheiro por exemplo, e o susto era enorme para ambas as partes! Saíam correndo escada a baixo como fugitivos. Essa noite, todos trancamos nossos quartos por dentro. Talvez tenha sido a única noite em que fizemos isso.

O episódio da *damme blanche* (A Dama de Branco) ficava em aberto, apesar de tentarmos fechar para nós que só podia ser alguma pensionista insone. Tentávamos sondar nos dias decorrentes, sem fazer alarde, mas não havia grandes pistas. Talvez até algum de nós tenha perguntado mais diretamente à pensionista de quem suspeitávamos, se de fato era ela naquela noite. E nada. Não havia nada que nos trouxesse a tranquilidade ou sequer um vislumbre de uma resposta mais concreta. A lenda da Dama de Branco – ou da *Damme Blanche* – era uma história contada de forma bem semelhante, tanto no Brasil como na França, e depois fui ver que em diversos países do mundo. A história assombrada costuma se passar em áreas rurais de forma geral. Estradas no meio do mato, campos, sítios ou fazendas. Lembro de quando mais nova ouvi-la em acampamentos com a escola, ou viajando para hotéis-fazenda com a família. E numa rápida pesquisa, vi que em terras francesas, uma das possíveis aparições de *La Damme Blanche* eram castelos na região do Vale do Loire. Como o próprio nome sugere, a dama aparece sempre vestindo branco: às

vezes vestida de noiva, às vezes uma camisola, às vezes em trajes medievais ou vitorianos. Era uma mulher que foi alvo de uma morte trágica – e, por vezes, uma vida também -, e depois de morta surgia numa figura fantasmagórica de pele tão pálida que se camuflava nos tecidos de suas vestes. Sua aparição tende a ser interpretada como um prenúncio de morte, seja da pessoa que a viu ou de alguém próximo. E não adianta chamar ou querer compartilhar a aparição com alguém; ou correr dela e depois tentar vê-la de novo, pois uma vez que tenha deixado seu recado enigmático, ela desaparece, deixando os sentidos, os desdobramentos e as conjecturas por conta de quem a viu. Uma coisa posso afirmar, a dama de branco inquieta a razão de quem a vê. Na lenda reproduzida em diversos países que envolve um elemento mágico e sobrenatural, a interpretação é o prenúncio de morte. Mas numa experiência mais concreta, desarruma através do que uma poderosa visão diurna certamente aniquilaria. O medo do desconhecido, do noturno da vida. Põe em suspensão as certezas das leis de funcionamento que regulam os vivos, as percepções, experimenta-se o inconcebível. Como não se apavorar? Transfigurando essas imagens e sensações em novas ilusões, como nos sonhos em que nossas angústias e temores se transformam em visões e imagens oníricas (HARA, 2004, p.3), é que se abre a possibilidade de poder contar, criar narrativas.

*O dia então amanhece, as terras ensolaradas me esperam. É hora de despertar.*

-Mais déjà? Ça se passe vite...

-Sim, para mim também passou rápido.

## Hoje

E cá estou eu, em minhas últimas semanas de dissertação, olhando para esses dois anos que estão em vias de se concluir. Dois anos numa montanha russa. Logo eu, que nunca fui muito chegada a esses movimentos de quedas abruptas que te cortam o ar, ou aquelas viradas de cabeça pra baixo nas quais não se sabe muito bem aonde se está, o que se passa, e nem aonde aquilo tudo vai dar. Eu, em minha timidez e em meus movimentos de gestos mais sutis, sempre encarei com um certo medo essas experiências mais arrebatadoras. Sabe-se lá o que sobraria de mim ao cabo desses trajetos que podem durar 10 minutos recheados de subidas, quedas e *loopings*. Ou podem durar dois anos. Assim como dois meses num país estrangeiro, ou 50 dias numa já não tão familiar universidade. E sempre sobra alguma coisa. Sempre sobra algo de si para contar as histórias do que fomos, e do que agora estamos.

Nas últimas semanas, que já constituem menos de um mês para se encerrar a pesquisa dentro do prazo, uma nova queda. Uma nova queda abrupta, inesperada, enquanto os trilhos pareciam subir, já diminuindo de velocidade para atracar no fim do trajeto. Mas que bobagem a minha acreditar numa previsibilidade das montanhas russas! Mais uma queda, daquelas no susto, que tiram o fôlego. Um corte, uma mudança de rumo. Finalmente havia conseguido embarcar na onda de uma montanha russa e até curtir o frio na barriga que os *loopings* provocam. Já andaram numa montanha russa no escuro? Era essa a sensação. Uma outra experiência, já que sem as referências visuais ansiosas por prever os movimentos seguintes. Não dá pra curtir a onda tentando prevê-la ou guiá-la; ao contrário, essa seria a receita de uma *badtrip*, também muitas vezes experimentada. Já no escuro, logo se aceita que não será possível ver para além dos trilhos. Os frios na barriga ficam até desejáveis...

Mas os trilhos pareciam já se encaminhar para o final, e aquele carrinho já saía do breu ao mesmo tempo em que os ânimos pareciam se aquietar. Está acabando, penso eu. De alguma forma, está mesmo. São poucas semanas que me restam. Mas o percurso ainda reservava algumas emoções. Ao invés de ir desacelerando, o percurso dessa montanha russa sai do escuro e mergulha numa daquelas quedas velozes, que volto a experimentar com uma falta de ar. Volta a percorrer um caminho supostamente familiar, mas já nem

tanto. O carrinho que percorre aqueles trilhos desce com a fúria de um trem bala! Mas seria possível, perder o fôlego agora, nessa reta final? São dois anos se aproximando de um fim, ou de um corte. Um corte esperado, e desejado inclusive. E diante desses trilhos que novamente seguem numa queda, inesperada e à luz do dia, percebo-me cansada.

Às voltas com as tentativas de dobras na temporalidade capitalista e produtivista, como seguir sustentando uma escrita ao mesmo tempo que a queda acontece? Ou isso seria insistir em se manter no movimento produtivista capitalista, que não comporta pausas, hesitações e dobras no tempo? As semanas se encerram como segundos, os quais quando percebo, já passaram, e pouco foi feito. A queda é experimentada como falta de ar, falta de tensão na escrita. Principalmente no momento em que acontece. Vem como uma “corta onda” de um contato com uma experiência noturna, onde se experimentava um frio na barriga de olhos fechados e o melhor que tinha a se fazer era seguir num embalo.

Mas a onda é atravessada por um corte, e experimentada com um arfar de cansaço. Me lanço sobre a outra temática que também urge, e o efeito são escritas que acabam mais se escondendo atrás do que outros já disseram ou teorizaram. Se reencontrar com a experiência se mostra mais difícil do que o esperado. Parece que estou uma dissertação inteira repetindo movimentos de um eterno espiral, sem fim. Divagando sobre as dificuldades e implicações de escrever num momento como este. Talvez ainda não tenhamos extraído as consequências do golpe de Estado que sofremos em 2016, que segue se atualizando sem limites. Seria *golpe* uma boa palavra? Já não sei. Expressiva ao menos ela é. Já a palavra *democracia*, ao contrário, tão esvaziada... Será que em algum momento ela já foi algo além de um jargão? Forte como palavra de ordem, vazia de sentido... Já não basta a denúncia do Estado de exceção que vivemos se não encontrarmos formas de virá-lo contra o próprio poder (Comitê Invisível, 2016).

Um medo de falar, de se colocar se faz presente; como se qualquer posicionamento pudesse se voltar contra mim. Um misto de às vezes pensar, de que vale todo esse esforço se é muito provável que não será lido por mais ninguém? Mas que às vezes vem como um alívio de pensar que é só uma dissertação, que ficará perdida numa lista no meio de tantas outras: escreva então o que quiser, e que sirva ao menos para você! E por fim: e se alguém ler? De que forma isso se voltará para/contra mim?

Às vezes parece um esforço tão imenso que mal dá vontade de começar, já que parece impossível. Mas algo havia de se expressar.

Quando os modos de vida que habitam as margens, ou, a essa altura, podemos chamar de modos de vida noturnos, chegam à universidade, não cessam de interpelar nossos modos de vida com fortes atravessamentos burgueses e privilegiados. Chegam disputando o dia, as luzes, e interpelando inclusive nossos modos de produzir conhecimento. Talvez tenha sido o mais difícil. Justamente porque o modo de produzir conhecimento não está dissociado do modo de se colocar na vida: o conhecimento que se produz tem efeitos na mesma vida que participa dessa produção, e isso só pode acontecer num certo jogo de poder. Talvez tenhamos naturalizado nossas metodologias de pesquisa, acreditando que a não separação entre sujeito e objeto já fosse por si só revolucionária o bastante para garantir um encontro ético com o campo.

Muitos de meus colegas após as ocupações na UFF se viram implicados na necessidade de racializar as discussões, já que esta apareceu como força importante e impactante e, até então, pouco discutida. Das vezes que tentei, não me via naquilo que escrevia. Variava entre sentir-me um ventríloquo reproduzindo uma discussão que não dizia nada da experiência. Ou quando me aproximava da experiência, oscilava entre a culpa e o ressentimento, ambos afirmando uma terrível impotência. Ambos impedindo qualquer escrita. Foi preciso um recuo, uma escolha ética de poder acolher as limitações que para mim se colocaram, rever os possíveis, para que tal discussão não fosse trazida como imperativo e, portanto, esvaziada; desconectada da experiência que foi o que vim afirmando nesse trabalho. Não são todas as interrogações que se colocam que serão passíveis de se encarar, de serem trabalhadas, ou de serem trazidas de forma apropriada e potente. E tudo bem. Um corpo jamais poderá ser afetado por tudo ou de qualquer maneira. Não sem consequências terríveis para si. Não sem se esquecer que o cuidado de si é primeiramente de si para consigo. Não sejamos então um corpo guloso que deglute e vomita tudo indiscriminadamente na pura indiferença de quem com nada se abala (PELBART, 2016). Se há algo que o processo de pesquisa me trouxe de urgente, é que é preciso poder escolher as batalhas que se pode/quer travar, o que é possível de encarar, com que forças queremos/podemos nos conectar, para que a *pesquisa-possível* aconteça, ao invés da *pesquisa-ideal* anular os possíveis. Este é um trabalho de cuidado, de inquietação: fazer uma seleção dos encontros que nos potencializam, trabalhar em cima das possibilidades concretas, para que nossos ideais não apaguem nossos corpos.



Ao mesmo tempo fico com a questão, sobre o que andamos evitando ao sustentar um discurso dos bons encontros. Entendo que afirmar os bons encontros não seja sinônimo de afastar o que nos produz incômodos e, conseqüentemente, nos deslocam de um lugar confortável, mas tais concepções correm o risco de se confundir, por vezes me parece que a linha é tênue. Que questões estamos deixando de encarar? É preciso também algum cuidado para que os bons encontros não se esvaziem e virem um pretexto para a manutenção de um *status quo*, nos esquivando dos embates que são incômodos por nos deslocarem de uma zona de conforto. Já que o bom encontro espinosista consiste em ampliar a potência de conexão com a vida; exige movimentação, deslocamentos; exige que as coisas saiam do lugar, e não que permaneçamos intactos e encapsulados. O encontro, nada mais é do que uma ferida, que pode ser tão delicada quanto brutal, mas se alarga os possíveis e os limites do que é pensável, se sinaliza outros mundos e outros modos de co-habitarmos este mesmo, se dá passagem à experiência do comum, podemos entender como um bom encontro (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012).

Em tempos em que decisões importantes no país são tomadas através de golpes, qualquer exterioridade vem como ameaça de aniquilação: impossibilita-se os encontros, cria-se os antagonistas, fica difícil de se sustentar uma composição sem confiança. A confiança que aqui quero defender não deve ser entendida como um fechar de olhos e depositar no outro a expectativa de que ele não irá nos decepcionar. Esse tipo de confiança sob o qual estamos acostumados a funcionar, nada mais é do que um dos muitos tentáculos do colonialismo em nós, uma vez que convoca o outro a uma relação de fusão, de não diferenciação, de homogeneização em relação a si. No entanto, a confiança pode ser defendida como uma aposta na construção de um comum a partir das singularidades envolvidas. Para o Comitê Invisível (2016), o que nos faz falta é organizar, é agir a partir de uma percepção comum. Não é a cólera das pessoas, a difusão da consciência crítica, os argumentos retóricos bem construídos que vão nos possibilitar sair do lugar, enquanto não tivermos uma percepção *partilhada* da situação.

Uma colega sinaliza numa reunião de colegiado de discussões arredias e defensivas, de que faltava confiança para seguirmos nas reuniões nas quais votávamos coisas importantes, e que era preciso falar disso. Mas o enunciado não ganha relevo, e as discussões seguem na desconfiança, os laços vão ficando cada vez mais frágeis, e alguns diálogos vão deixando de ser possíveis: vêm em forma de acusações, pessoalizações,

produção de antagonistas. Os encontros vão deixando de acontecer, acaba-se por só conseguir se relacionar com os iguais. Talvez por algum tempo nossos corpos estivessem por demais frágeis, pobres de encontros. Num cenário já desgastado onde um racismo institucional de fato aparece, dúvidas eram experimentadas como acusações, ou tentativas de desmobilizações. O até então colega, poderia ser um inimigo em potencial. O que era trazido como uma urgência quanto à multiplicidade de referenciais bibliográficos tomava rumos que às vezes se confundiam com uma disputa por hegemonia.

Como se posicionar quando se está no meio? Por um lado, toda uma composição de uma universidade já conhecida, a qual escolhe-se retornar por achar que há potência ali, baseando-se nos encontros anteriores com colegas, professores, conteúdos. Sim, havia potência ali ainda, mas não havia como não olhar mais para os afetos tristes que agora ali saltavam. Um racismo estrutural já há tempos presente, mas sendo pela primeira vez discutido e observado, e elegendo algozes personificados. Falo de um lugar mais cômodo, mais protegido, já que tais falas não atingiam diretamente ao meu corpo. Mas me afetavam, através do efeito destrutivo que causavam em tantos de meus colegas, e mesmo em meus professores. Sentia-me em constante negociação, nem sempre com as pessoas ao meu redor, às vezes apenas comigo mesma. Ouvia críticas de um lado, me sentia afetada por elas. Ouvia críticas do outro lado, que se opunham àquilo que acabara de concordar, também ecoavam em mim de alguma forma e faziam sentido. E seria um terrível reducionismo interpretar isso como uma briga de forças reacionárias contra forças revolucionárias a depender das temáticas e das críticas. Qual era o meu lugar nesse *meio*? Por um lado, um certo privilégio de ter um acesso mais complexo à situação que se colocava no qual os sentidos binários já não se encaixavam muito bem. Ao mesmo tempo, um tormento.

Penso que se as pessoas conseguissem se escutar, se ambos os lados tivessem acesso ao que eu tinha estando situada nesse *meio*, talvez o outro soasse menos ameaçador; talvez essa expressão da alteridade não soasse como aniquilação de si. E já não digo mais de um ingênuo desejo de que dessa forma todos viveríamos juntos em paz e harmonia. Mas, talvez conseguíssemos inquietar nossas posições, cada qual do seu lugar com suas verdades. Não houve quem saísse ileso daquele cenário. Ao fim, me parece que de alguma forma, estávamos todos adoecidos, fosse professor ou aluno, preto ou branco, homem ou mulher, cis ou trans, sem aqui me estender nas devidas proporções em relação aos elos socio-

historicamente mais frágeis nos jogos de poder, onde a lesão às vezes é maior. Essa discussão, creio que alguns de meus colegas tenham mais propriedade para fazer do que eu neste momento. Mas, se queremos construir um plano comum – e talvez essa seja uma pergunta que tenha que ser feita de forma mais franca – creio que não seja possível através dos blocos de oposição que se instituíram como efeito. É preciso romper com a imagem do antagonista, uma vez que as forças reacionárias estão em todos nós, manifestando-se mais em alguns temas do que em outros. Não somos puros, seja lá de que lugar estejamos falando.

Hoje, já não há mais como pensar um capitalismo senão através de todo um sistema colonialista com o qual se forjou, e implantou em cada um de nós um modo micro-fascista colonialista/colonizado que responde de forma paranoica à uma fraqueza que se experimenta em si. O outro, o fora, ou qualquer tipo de alteridade com que fazemos encontro, ao invés de nos produzir questões, é tomado como ameaça à nossa existência e precisa ser expelido, aniquilado, para que sigamos vivendo da *mesma* forma. Como se não pudéssemos seguir existindo, de formas *outras*.

Neste processo de escrita, muitos de nós, estudantes da pós, nos vimos diante de um tensionamento ético, de seguir adiante numa pesquisa (e também numa forma de fazer pesquisa) na qual havia todo um tesão investido que, conseqüentemente nos conecta com a vida de uma certa maneira, ou suportar críticas que se colocam às relações de poder que se sustentam naquilo que move as pesquisas e, conseqüentemente, a escrita. O efeito, a princípio é uma perda de tesão para alguns de nós. Mas felizmente o tesão pode passar a ser investido em outras direções, e talvez essa seja a aposta política que queremos afirmar neste momento. Em minha pesquisa, foi preciso nas orientações uma atenção para onde os movimentos de escrita apontavam, e o tesão já há tempos não estava mais no projeto criado para uma seleção de mestrado, o encontro com o campo já havia movido os possíveis, ainda que tenha custado a perceber. Ensaiai uma escrita me levava a La Borde principalmente, e o que antes surgia apenas como um disparate para um novo campo, uma nova pesquisa precisava ganhar corpo e ser reconectado com atenção. Pude me sentir mais alegre graças a esse desvio de rota, que seguiu desviando dos planejados, e assim seguiu até o fim. La Borde ganhou tanto volume que me restou pouco até para as ocupações, nas quais também havia um tesão investido. Mas é esse tipo de apaixonamento que sustenta até hoje um investimento em relações monogâmicas tende a concentrar tudo num único objeto

amoroso até esvaziá-lo, e deixar morrer o que há de movimento no desejo que também seguem abrindo conexões e caminhos. Para sustentá-lo, foi preciso rever o lugar que lhes cabia no momento, e trazê-lo ainda que de forma menos volumosa no texto.

Por fim, como também não foi simples inserir na pesquisa a noção do *cuidado de si*! Os imperativos, os universalismos, as normas externas codificando e moralizando nossas ações e desejos esvaziam o cuidado de si. E enquanto me via atravessada por todas essas forças, cada vez mais deixava de lado o primado de que primeiro é necessário cuidar-se para que se estabeleça relações de cuidado com o outro. O cuidado de si é máxima de pensar saídas sempre singulares: não é possível pensar em cuidado (leia-se aqui, uma inquietação), sem se pensar um corpo circunscrito em extratos micro-sociais que lhe conferem algumas marcas, afetos, maneiras de lidar com essas marcas e afetos que, dizendo de outro modo, constituem um certo campo de limitações e possibilidades. Quanto mais pensamos um corpo através das ideias universais do que é bom, do que é ruim, do que é conservador, do que é revolução, mais traçamos julgamentos morais dos afetos que nos constituem e, conseqüentemente, distanciamos um corpo de seus possíveis, assim como também violentamos um corpo por não se estar atento (ou ignorar) aos seus limites. Produzimos então corpos desvitalizados, entediados. Obedientes e servis a ideais, sejam eles quais forem.

E como não repetir o clichê de que não fazemos nada sozinhos, e, portanto, não se escreve uma dissertação sozinho, sem que isso soe como mais um jargão vazio, ou uma falsa modéstia-humilde. Nos momentos em que a escrita não era possível, era lendo os trabalhos em andamento de meus colegas que eu encontrava algum ânimo, ou que proporcionavam alguns insights de algo que se vinha experimentando, mas ainda não encontrava palavras para surgir. Isso mostra o traço comum na singularidade de nossas pesquisas, escritas e nos diversos temas pesquisados. Algo de comum, que me parece ir para além dos autores referenciados e estudados. Talvez este presente compartilhado, a partilha de questões que se desdobram em diferentes e singulares caminhos. É o mesmo presente que inquieta a todas e todos nós.

Mesmo diante de tantos horrores, de tantos efeitos tenebrosos que viemos experimentando, fosse de uma política de Estado em seu sentido macro, fosse em seus efeitos viralizados em todos os tipos de relações, pudemos criar uma turma na qual os

encontros e as diferenças não se davam por marcas de competitividade, imposição de um universal, aniquilação do outro.

Ao contrário, nas matérias de discussões coletivas de nossos projetos e textos, uma estratégia não previamente pactuada foi emergindo nos encontros no sentido de se demarcar o que havia de mais potente nos trabalhos de cada um, ao invés de sinalizar o que havia de fragilidade e impotência. Nada disso foi calculado ou premeditado, mas penso que, sem isso, talvez alguns nós teriam abandonado o processo. Há que se ressaltar também estes pequenos movimentos de força quando se experimenta que o mundo está acabando e está tudo dominado. Ainda há algo em nós que resiste à essas avalanches de afetos tristes. E o resultado disso, podemos acompanhar através de belíssimos trabalhos que surgem, neste mesmo cenário de horror.

## Bibliografia

- ADICHIE, C.** Os Perigos de uma História Única. Youtube, 19 mai. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY> Acessado em: 08/11/2017
- BLANCHOT, M.** O Diário Íntimo e a Narrativa. In: O Livro Por Vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 270-279
- CALVINO, I.** As Cidades Invisíveis, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COMITÊ INVISÍVEL.** Aos Nossos Amigos: Crise e Insurreição. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- COIMBRA, C. M. B.; LOBO, L. F.; NASCIMENTO, M. L.** Por uma invenção ética para os Direitos Humanos. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 89-102, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652008000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 25 de julho de 2018.
- COSTA, L. A.; MIZOGUCHI, D. H.** Colapso: Esgotamentos e Passagens. In: BARROS, M. E. B.; COSTA, L. A. e MIZOGUCHI, D. H. (orgs.) Colapso Clínico-Político do Comum na Contemporaneidade. Curitiba: Editora CRV, 2018, pp. 107-126.
- DELEUZE, G.** - Aula: Michel Foucault: As Formações Históricas, 1985, Disponível em: <http://editorapoliteia.com.br/aula1/> Acessado em: 02 de agosto de 2018.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F.** O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- \_\_\_\_\_ Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2, vol.3, 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, G.** Sobrevivência dos Vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DOSSE, F.** Gilles Deleuze e Félix Guattari, Biografia Cruzada. Porto Alegre: Artmed, 2010
- EIRADO, A. e PASSOS, E.** Cartografia como Dissolução do Ponto de Vista do Observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L (Orgs.) Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 109-130.
- EL PAÍS.** Circo e Constrangimento na Câmara dos Deputados. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/internacional/1460921625\\_869124.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/internacional/1460921625_869124.html) Acessado em: 08/11/2017
- \_\_\_\_\_ Deus Derruba a Presidenta do Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/18/politica/1460935957\\_433496.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/18/politica/1460935957_433496.html) Acessado em: 08/11/2017
- \_\_\_\_\_ Entenda o que é a PEC 241 (ou55) e como ela pode afetar sua vida. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574\\_221053.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html) Acessado em: 08/11/2017

**EUGENIO, F. e FIADEIRO, J.** O encontro é uma ferida. Excerto da conferência-performance Secalharidade de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, 2012. Não paginado.

**FOUCAULT, M.** A Vida dos Homens Infames. In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, pp. 203-222

\_\_\_\_\_ A Coragem da Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2011

\_\_\_\_\_ Hermenêutica do Sujeito. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

\_\_\_\_\_ Polêmica, Política e Problematizações In: Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 225-233.

\_\_\_\_\_ Sobre a Genealogia da Ética. In: RABINOW, P. e DREYFUS, H. Foucault: Uma Trajetória Filosófica - Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 253-278. Entrevista concedida a RABINOW, P. e DREYFUS.

\_\_\_\_\_ O Corpo Utópico, As Heterotopias. São paulo: N-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_ Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991

**FOUCAULT, M. e DELEUZE, G.** Os Intelectuais e o Poder. Em Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 69-78.

**FAVRET-SAADA, J.** Ser Afetado. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, 2005, p. 155-161

**GROS, F.** O Cuidado de Si em Michel Foucault. In: Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp. 127-138.

\_\_\_\_\_ A Situação do Curso. In: Hermenêutica do Sujeito. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014, pp. 457-493

\_\_\_\_\_ A Situação do Curso. In: A Coragem da Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 303-316

**GUATTARI, E.** La Petite Borde. Paris: Mercure de France, 2012.

**GUATTARI, F.** As Três Ecologias. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2015.

\_\_\_\_\_ Práticas Analíticas e Práticas Sociais. In: Caosmose: Um Novo Paradigma Estético São Paulo: Editora 34, 1992, pp. 183-203.

**GUATTARI, F. e ROLNIK, S.** Micropolítica: Cartografias do Desejo. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013

**HARA, T.** O Saber Noturno – Uma antologia de vidas errantes. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2004.

**HARA, T.** O Saber Noturno – Uma antologia de vidas errantes, Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

**HARAWAY, D.** Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, v. 5. Campinas: Ed. Unicamp, 1995, p. 7-41.

**KASTRUP, V. e PASSOS, E.** Cartografar é Traçar um Plano Comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. & TEDESCO, S. (Orgs.) Pistas do método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Volume 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, pp. 15-41.

**LARROSA, J.** Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. In: Tremores: Escritos Sobre a Experiência. São Paulo: Autêntica, 2014, pp. 15-34.

**LOURAU, R.** René Lourau na UERJ: Análise Institucional e Práticas de Pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

**MACIEL, A.** O Todo Aberto: Duração e Subjetividade em Henri Bergson. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2017

**MIZOGUCHI, D. H.** Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. In: ECOS (Estudos Contemporâneos da Subjetividade), Campos dos Goytacazes, v.5, n.2, p.200-208, 2015. Disponível

em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/escos/view/1352/1206>

Acessado em: 12 de março. 2016.

**NASCIMENTO, A. R.** Os desafios da memória em direção às forças de criação. Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 7, p. 113-120, 2011.

**NOGUERA, R.** Denegrindo a Educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversidade. Revista Sul-americana de Filosofia da Educação. n. 18, 2012, p. 62-73.

**OURY, J.** Jean Oury: quando a neutralidade é uma doença. In: Revista Percurso, São Paulo, v 44, jan-jun 2010. Entrevista concedida a ALMEIDA, A. C. M.; SISTER, B. M.; BREYTON, D. M.; CARDOSO, D. J.; HOTJMSKY, S. e MARKUSZOWER, S. Disponível em: [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo\\_view&ida=111&ori=entrev](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=111&ori=entrev) Acessado em: 29 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_ Onze Heures du Soir à La Borde ou les mésaventures de l'éthique In: Onze Heures du Soir à La Borde. Paris: Éditions Galilée, 1980, pp. 71-116.

**PASSOS, E. e BARROS, R. B.** A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L (Orgs.) Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, pp. 17-31.

**PASSOS, E. e ROSSI, A.** Análise Institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil, Revista EPOS; Rio de Janeiro, Vol.5, nº 1, jan-jun de 2014; pág. 156-181.

**PELBART, P. P.** O Averso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento. 2ª ed. São Paulo: N-1 Edições, 2016

\_\_\_\_\_ Carta aberta aos secundaristas. São Paulo: N-1 Edições, 2016a

**RODRIGUES, H. de B. C.** Sejamos realistas, tentemos o impossível. Descaminhando a psicologia através da análise institucional. In: História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005, p. 609-657

**RODRIGUES, J.** Entre Bombas e Rojões: Nosso Bloco na Rua. In: Dobraduras: Territórios e Pesquisas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017, p. 117-126.

**VEJA.** Marcela Temer: Bela, recatada e "do lar". Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acessado em: 07/11/2018